

SHINICHI SUZUKI



EDUCAÇÃO
É
AMOR

SHINICHI SUZUKI

EDUCAÇÃO É AMOR

Um novo Método de Educação

2ª edição

1ª Tradução do Japonês para o Inglês

por

Waltraud Suzuki

1ª Tradução para o Português (1ª edição)

por

Anne Corinna Gottberg

2ª edição : revisada e corrigida

por

Francesca C.M.R.Almeida

Gráfica Pallotti

Santa Maria - Rio Grande do Sul - BRASIL

1994

c - 1983 por Shinichi Suzuki - Waltraud Suzuki

Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução total ou em parte, de qualquer forma ou por quaisquer meios, ou em forma de arquivamento. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem permissão por escrito da Summy-Birchard Inc., Warner Bros.Publications Inc., Secaucus, New Jersey, U.S.A.

O nome "Suzuki" é a marca registrada do Dr. Shinichi Suzuki e está sendo usado com a sua permissão.

S968e

Suzuki, Shinichi

Educação é amor: um novo método de educação / Shinichi Suzuki:
tradução de Anne Corinna Gottber. - 2. ed. rev. e corr. - Santa Maria:
Pallotti, 1994.
104 p.: il.

1. Violino - Ensino - Criança 2. Música - Ensino - Criança 3.
Método Suzuki - Ensino - Criança I. Gottber, Anne Corinna, trad. II. Título.

CDD 780.77
CDU 787.1 (07)

Ficha elaborada por Alenir Inácio Goularte
CRB 10/1990 - Biblioteca Central/UFSM

Original title: Nurtured by Love: A New Approach to Education.
Original Publisher: Exposition Press, Inc., Smithtown, NY.
Publisher: Summy-Birchard Inc., Warner Bros. Publications Inc., Secaucus, New Jersey, U.S.A.

Dedicado à minha esposa com gratidão



O concerto anual em Tóquio.

AGRADECIMENTOS

À Irma Maria Wilfried Gassemyer, principal batalhadora pelo método Suzuki.

À Prof^ª Anne Corinne Gotteberg - im memoriam - responsável da primeira tradução para o Português.

À Dra Francesca Almeida, responsável pela revisão e correção da 2^a edição.

À Prof^ª Maria Lucia Oliveira do Canto, pela revisão do Português.

Aos professores e alunos do método Suzuki, espalhados por todo o Brasil.

Aos pais que formam a grande família Suzuki.

APRESENTAÇÃO

Já decorreram dez anos desde que saiu publicada a primeira edição des **EDUCAÇÃO É AMOR**. O sucesso e a imprevista aceitação da obra, levamos, agora, a uma segunda edição. Ao mesmo tempo, aproveitamos para comemorar os vinte anos do Método Suzuki no Brasil e os dez anos da Associação nesta cidade.

Esta edição em nada difere da precedente, onde busca contribuir para o aperfeiçoamento integral e harmonioso do ser humano, ao despertar nele suas aptidões e talentos; desenvolver habilidades e orientar para o estabelecimento de uma grande capacidade e sensibilidade musical.

Ao tornar público o presente volume, queremos agradecer o incentivo de todos os que, à sua maneira, nos possibilitaram a confecção deste livro. O nosso reconhecimento pela confiança demonstrada na presente edição.

Associação da Educação do Talento
Centro Suzuki de Santa Maria,
RS - Brasil

PRÓLOGO

Talento não é um acaso do nascimento.

Na sociedade de hoje, muitas pessoas, crendo-se nascidas sem talento, nada fazem para transformar sua realidade e se conformam com o que consideram seu destino. Em conseqüência, atravessam a vida sem vivê-la integralmente, sem conhecer suas verdadeiras alegrias. Esta é a maior tragédia dos seres humanos.

Todo ser nasce com tendências naturais para aprender. Para viver, uma criança recém-nascida se adapta ao ambiente que a cerca e adquire assim diversas qualidades. Meus trinta anos de experiência comprovam o acerto desta suposição. Muitas crianças crescem num ambiente que limita ou até danifica seu desenvolvimento, e em geral, acredita-se que essas crianças já nasceram com essa predisposição. E elas mesmas, naturalmente, também acreditam nisso. Mas isto é um erro.

Um adulto antipático e desagradável é o resultado de uma educação errada. Da mesma maneira, alguém que não é capaz de realizar um bom trabalho, também foi educado erroneamente. A maioria dos leitores, eu creio, irá concordar com isso.

O chamado "destino", na verdade, não pode ser negado. Não podemos fazer nada por ter nascido neste mundo e também não podemos modificar o fato de que, mais cedo ou mais tarde, haveremos de morrer.

Qualquer que seja a situação, boa ou má, uma vez nascidos, temos de viver conosco mesmos até a morte. Surge então a inevitável questão de como viver. Se ninguém desenvolve para nós as nossas habilidades, nós mesmos teremos de desenvolvê-las. Em vez de nos deixar abater pelo infortúnio, devemos fazer algo de bom das nossas vidas. Ninguém precisa desistir desanimado; todos têm a possibilidade de se integralizar e de melhorar.

Por este motivo escrevi este livro.

Explico nele como as aptidões de uma pessoa podem ser desenvolvidas, e como uma criança mediana foi transformada num ser humano nobre e num excelente músico. Por meio de exemplos, mostro como se pode transformar pessoas com habilidade bloqueada em pessoas talentosas, seres me-

dianos em seres extraordinários. São dadas respostas a perguntas que facilitam ao leitor aplicar o método a si mesmo. Renuncia-se a teorias para dar ênfase à transposição para a prática. Mostrarei episódios e exemplos de sucesso do ensino de violino dentro do método da educação do talento.

Uma árvore viva traz brotos e em todos os seus ramos aparecem lindos botões de flor. Este é o maravilhoso caminho da Natureza. O homem também, eu creio, deveria formar a sua vida como a mãe natureza e gerar frutos.

Qual é o sentido final da vida humana, se não a busca do Amor, da Verdade, da Virtude e da Beleza? Isto vale para você, para mim e para todos. E se este livro puder ser uma contribuição neste sentido, por menor que seja, me fará indescritivelmente feliz.

Shinichi Suzuki

INTRODUÇÃO

TODAS AS CRIANÇAS DO JAPÃO FALAM JAPONÊS

Oh, - veja, as crianças japonesas sabem falar o japonês! Esta descoberta súbita me encheu de espanto. Na verdade todas as crianças do mundo falam a sua língua materna com a maior fluidez. Toda criança japonesa, sem exceção, fala japonês sem esforço. Isto não é prova de impressionante talento? Como, por que meios, elas conseguem isso? Eu tive de me dominar para não gritar ao mundo a minha grande alegria por reconhecer este fato.

As crianças em Osaka falam o difícil dialeto de Osaka. Nós somos incapazes de assimilar o dialeto Tohoku, mas as crianças de Tohoku o falam. Não é uma realização notável? Entretanto, ninguém parecia nem um pouco impressionado com esta constatação. Considerava-se isso muito natural. As pessoas em geral pensam que todas as qualidades que as crianças apresentam são inatas. Quanto aos meus ouvintes, a metade ficou espantada com o meu entusiasmo, a outra metade achou que era uma palhaçada minha. Mas, apesar disso, minha descoberta realmente tinha um grande significado. Mostrava-me que toda criança pode alcançar altas capacidades se for exposta a um método educacional adequado. Isto tudo foi cerca de trinta anos atrás, quando então eu tinha trinta e três ou trinta e quatro anos de idade. O desenvolvimento dos pensamentos que naqueles dias tão fortemente me atingiram, e a busca de uma solução vieram a tornar-se o objetivo primordial da minha vida.

Se me lembro bem, foi por volta de 1931 ou 1932, numa classe de violino para jovens num Conservatório Imperial do Japão, quando um pai me visitou na companhia de seu filho de quatro anos. Hoje, esse menino tornou-se músico de renome mundial: Toshiya Eto.

COMO SE EXPLICA ESTE FATO SURPREENDENTE?

O pai me pediu que instrísse seu filho no violino. Naquele momento eu não sabia como poderia ensinar um menino tão pequeno e também não sabia o que lhe poderia ensinar. Eu não tinha experiência alguma desse tipo. Que método de violino seria adequado para um menino de quatro anos? Pensei sobre isso desde a manhã até a noite.

A minha descoberta me deu a resposta.

Naquela época, meus três irmãos e eu tínhamos acabado de formar o quarteto Suzuki. Um dia, quando estávamos justamente praticando na casa de meu irmão mais novo, veio-me como um relâmpago esse pensamento: Como?! Todas as crianças japonesas falam japonês!

Esse pensamento foi para mim como um relâmpago numa noite escura. Então, se elas falam tão fácil e fluentemente o japonês deve haver algum segredo no seu aprendizado. Realmente todas as crianças do mundo são educadas por um método perfeito: por sua língua materna. Por que não utilizar este método também para outros talentos? Na minha opinião eu tinha feito uma descoberta espantosa. Quando uma criança não consegue resolver seus problemas de matemática, diz-se que ela tem uma inteligência abaixo da média. Entretanto ela fala a difícil língua japonesa ou sua língua materna com excelência. Não se deveria pensar mais profundamente sobre isso? Na minha opinião, uma criança destas não é sub-dotada; o sistema de ensino é que está errado. Sua capacidade ou seu talento não foram bem desenvolvidos. Estranho que ninguém tivesse feito ainda essa descoberta embora essa situação, sem dúvida, tenha sido encontrada em toda a história da humanidade.

O SEGREDO CHAMA-SE EDUCAÇÃO DO TALENTO

Primeiro: Se hoje nas escolas, fosse utilizado o método de ensino da língua materna, poderíamos esperar resultados muito além dos obtidos com os métodos atuais. Por exemplo, uma opinião típica: "Aqui está uma criança não muito dotada; nasceu com pouca inteligência" - Mas como se explica então a esplêndida capacidade das crianças de falar o japonês? Busca-se um melhor método de treinamento? Além disso uma criança é julgada apenas a partir do seu quinto ou sexto ano de vida. Ninguém parece se importar com a maneira de educação dada à criança no início de sua infância.

Segundo: Todas as crianças que são educadas com perícia e compreensão atingem um alto grau de conhecimento, mas essa educação deve começar no dia do nascimento. Aqui está, na minha opinião, a chave do desenvolvimento integral das potencialidades humanas.

Quando me pediram para ensinar violino ao menino Toshiya, de quatro anos, eu só tinha um pensamento: Como? - Afinal me ocorreu o método da língua materna e eu entendi que nele havia tudo o que era necessário. De lá para cá, há trinta anos eu tento convencer pessoas de que *todas* as crianças podem ser bem educadas e de que aquelas mais atrasadas na aprendizagem

não devem ser abandonadas. Chamei meu método de Educação do Talento e comecei o movimento educacional em que as crianças com baixo rendimento escolar ou aquelas que lutam para conseguir melhorar-se, não sejam despendidas da escola ou rejeitadas.

O dia de minha descoberta impressionante foi para mim o ponto de partida para a busca das potencialidades do ser humano.

E como procedi?

Olhando para o passado e com plena confiança no futuro, desejo contar esta história.

EDUCAÇÃO É AMOR

HABILIDADE GERA HABILIDADE

Uma semente precisa de tempo e de estímulo para germinar.

No nosso departamento de Tóquio, Shinagawa, dirigido pelo Sr. Miyazawa, havia um pequeno papagaio, o preferido das crianças que vinham aprender violino. Quando o senhor e a senhora Miyazawa compraram o pássaro, ensinaram-no a falar em japonês: "Eu sou Pieko Miyazawa". Mais tarde o papagaio dizia com sua voz estridente o que ouvia por acaso: "Pieko é um pássaro pequeno e gentil, Pieko é um pássaro pequeno e gentil". Na opinião do Sr. Miyazawa, deve se ensinar um pássaro imediatamente ao nascer, e no início exige muita perseverança, energia e paciência. Para ensinar o papagaio a falar e desenvolver sua capacidade é necessário repetir a mesma palavra constantemente. Justamente quando nós cremos que é inútil e, em desespero, queremos desistir, é neste momento que somos recompensados com os primeiros sucessos.

Primeiro, repetiu-se cerca de cinquenta vezes diárias o nome Pieko; isto é três mil vezes em dois meses. Afinal o passarinho começou a dizer "Pieko". Se não tivéssemos praticado tanto com ele esta palavra, ele nunca teria desenvolvido o "talento" ou "capacidade" de pronunciá-lo. Por treinamento diário foi-lhe dado o conhecimento, e então sua capacidade se desenvolveu até o amadurecimento. Preparação, tempo e ambiente devem juntos formar a motivação. Uma semente enterrada no solo não aparece, mas água, calor, luz e sombra agem como estímulos diários. Pouco a pouco acontece uma transformação invisível até que um broto aparece aos nossos olhos.

Estas coisas não são comparáveis?

A SEMENTE CRESCE MARAVILHOSAMENTE

Quando o broto alcança a luz do sol, passa a crescer mais rapidamente. Depois que o pássaro, após três mil repetições, aprendeu a falar "Pieko" acrescentou-se a palavra Miyazawa. Ouvindo "Pieko Miyazawa" durante quinze minutos diários, conseguiu aprender em duzentas repetições.

Sem dúvida, é assim também com as pessoas. O início de qualquer aprendizado é vagaroso, até que o "broto da capacidade" se estabeleça. Na verdade, precisa-se de muito tempo, mas devagar se chega a uma grande capacidade. Não é assim? Se perdemos a esperança e desistimos, por não termos obtido resultados visíveis desde o início, então também o que já alcançamos se torna inútil. A primeira capacidade "plantada" volta a fenece; tudo se baseia então na paciência e na repetição. Se as coisas acontecem dessa maneira - e nós o observamos no maravilhoso treinamento de Pieko - podemos entender melhor que a capacidade gera capacidade.

Mais tarde Pieko aprendeu sozinho muitas palavras. Quando as crianças aprenderam a primeira canção do programa da Educação do Talento "Ah, vous dirai-je maman", (Brilha, brilha estrelinha), Pieko cantava junto, no ritmo, com sua vozinha fina. Isso prova que talento desenvolve talento e que a semente da capacidade, uma vez plantada, cresce aceleradamente. O senhor Miyazawa contou que, uma vez em que ele sofrera de tosse, aconteceu algo interessante: Pieko dizia como antes "Eu sou Pieko Miyazawa" e tossia também. Naturalmente ninguém lhe tinha ensinado a tossir; ele mesmo o acrescentou. A tosse desse pequeno papagaio é um apoio para a minha crença no desenvolvimento das capacidades. Pelo fato que o Sr. Miyazawa conseguiu treinar esse pequeno pássaro desse jeito, sinto um grande respeito pela sua capacidade em treinar e educar crianças.

UM BEBÊ CHEIO DE ALEGRIA

A história seguinte aconteceu há quatorze anos numa primavera, na cidade Ueda da província de Shinshu.

Participantes da Educação do Talento estavam em agradável conversação na casa de um conhecido. As crianças da senhora Shimada e da senhora Kiuchi entraram com seus pequenos violinos. Alguém sugeriu: Vamos fazer um pouco de música? E, como estavam acostumadas, as crianças começaram a tocar diversas peças em uníssonos e a nos dar um concerto. A minha frente, estava sentada a senhora Kiuchi com seu bebê nos braços. Tendo perguntado a idade da criança, ela me disse que Hiromi tinha justamente cinco meses. A irmã de Hiromi, Atsumi, com seis anos, praticava naquele tempo diariamente o Concerto em la menor de Vivaldi e ouvia também todo o dia essa mesma peça em disco. Eu queria saber qual o efeito que isso teria sobre o bebê de cinco meses. Declarei, então, que também queria tocar algo e me levantei com meu violino. Quando todos ficaram em silêncio, comecei com um Minueto de Bach. Durante toda a apresentação observei o rosto de Hiromi. O som do violino já lhe era familiar e seus olhos brilhavam ao ouvir essa peça pela primeira vez. Um pouco mais tarde, eu passei do Minueto para

o Concerto em la menor de Vivaldi que era constantemente tocado e ouvido naquela casa. Eu não havia passado das primeiras notas, quando algo espantoso aconteceu.

A expressão de Hiromi transformou-se de um instante para o outro. Ela sorria, brilhava e voltava seu rosto feliz para a mãe que a tinha nos braços. "Veja, esta é minha música" é o que ela certamente queria dizer. Logo ela voltou novamente para mim e moveu seu pequeno corpo no ritmo da música. Esse bebê de apenas cinco meses mostrava que conhecia a melodia do Concerto em la menor de Vivaldi. Desta forma já um lactente, assim como uma semente, absorve prazer e interesse de tudo o que vê e ouve. E isto é o que forma e molda sua personalidade. Para mim isto foi uma conclusão nítida das minhas observações. Realmente isto é ao mesmo tempo algo assustador, por que não só palavras e músicas são assim absorvidas, mas também o restante, seja bom ou mau.

Quatro anos depois, houve um grande concerto em Matsumoto. No palco estavam cento e cinqüenta crianças com seus pequenos violinos. Tocavam o Concerto em la menor de Vivaldi. "Quem é a menina de quatro ou cinco anos lá no meio da primeira fila" perguntei. Essa criança punha coração e alma no seu som e sua postura era excelente, enquanto se movia para lá e para cá, feliz dentro do seu ritmo. - "É Hiromi Kiuchi de Ueda".

Ah, sim, a mesma criança, é verdade! Eu pensei de novo no bebê de cinco meses que tinha encontrado tanto prazer no seu aprendizado natural. Aí estava ela agora, e quão bem tinham sido desenvolvidas suas capacidades!

ESTAS CRIANÇAS SÃO UMA BENÇÃO PARA A HUMANIDADE

Dez anos depois, recebi uma carta com uma folha de música de Hiromi. A menina era então aluna dos primeiros anos de um ginásio. "Querido senhor professor! Escrevi este poema e o transpusei para música para um concurso de poesia e composição de ginásios japoneses. Minha canção foi aceita e recebeu o primeiro prêmio".

É verdade que é preciso bastante arte para escrever poesia e música. Penso, então, no bebê que, nos braços da mãe, ouvia tocar o Concerto de Vivaldi e se movia no ritmo. Estou certo de que suas qualidades pessoais e seu especial talento foram conseguidos pelo método de ensino utilizado por seus pais. Atsumi e Hiromi, que nasceram como crianças comuns, foram brindadas pela sorte em sua educação.

A personalidade de cada pessoa, isto é, suas capacidades, sua maneira de pensar e sentir, é polida e lapidada pelo treinamento e pelo ambiente.

Desabrocha aos olhos de todos e seu caráter interior se faz visível. Sua história pessoal modifica-se diariamente, de acordo com os estágios de sua vida. Assim é a ação delicada da vida.

Mais tarde nos ocuparemos com a questão relacionada com o que podemos fazer da vida. Por enquanto, vamos ainda cuidar do problema que mais interessa agora, o de como podemos crescer e de como devemos educar.

TALENTO NÃO É HEREDITÁRIO

O primeiro mês na vida de um rouxinol determina o seu destino. Até aqui se admitia que o incomparável canto dessa ave fosse um instinto hereditário. Mas não é assim. Os rouxinóis que queremos manter no cativeiro, em gaiolas, são retirados do ninho na primavera, antes de saberem voar. Assim que se adaptam e aceitam alimento, coloca-se junto a eles um "pássaro-mestre" que, todo o dia, emite seu maravilhoso canto. O pequeno rouxinol ouve o canto durante um mês e é instruído, dessa forma, pelo seu mestre. Esse método é usado há muito tempo no Japão. São dadas ao pássaro as condições ambientais necessárias ao seu aprendizado. Essa é a "Educação do Talento" do rouxinol. O pássaro-mestre faz o papel de professor. O aluno continua a receber outros treinamentos, mas é da máxima importância que tenha um bom mestre no primeiro mês. Se o pássaro selvagem vai desenvolver boas ou más qualidades canoras, é decidido no primeiro mês pela voz ou tom de seu mestre. Não é questão de ter nascido bom ou mau cantor. Mesmo no caso do rouxinol, a força da vida tem uma potência maravilhosa de se adaptar ao ambiente. Se tem um bom professor vai, através de transformações fisiológicas, aprender a produzir sons tão belos como os de seu professor. Mas, se um pássaro chega a um mestre depois de ter sido criado por rouxinóis selvagens, não consegue tanto sucesso, como tem sido comprovado em muitas experiências. Essa é a lei da natureza na formação das potencialidades da vida. O exemplo do pequeno rouxinol não é também uma sugestão valiosa para o desenvolvimento do potencial humano?

Eu, de minha parte, acredito nisso firmemente e, por isso, insisto quanto posso na necessidade de influenciarmos positivamente nossas crianças para que elas desenvolvam boas habilidades.

TODAS AS CRIANÇAS DO MUNDO PODERIAM CRESCER CANTANDO FORA DE TOM

A formação da capacidade de vida advém da regra simples vista no exemplo do rouxinol. Agora vamos olhar para a formação de habilidades no

ser humano. As mães muitas vezes me dizem "Eu não tenho ouvido", num esforço para explicar porque os filhos também são assim. Pensam que isso é hereditário e que não há nada que possam fazer a respeito. Da mesma forma que os rouxinóis não nascem sem ouvidos, as crianças também não nascem assim. Pelo contrário, um bebê absorve perfeitamente qualquer tom desafinado nas canções de ninar de sua mãe. Ele tem um ouvido maravilhoso. Por isso, mais tarde, cantará da mesma forma. As crianças de Osaka absorvem o intrincado dialeto dali de forma idêntica a seus pais.

Se um bebê é criado ouvindo a gravação de uma canção desafinada, seus ouvidos vão-se acostumando e será muito difícil modificá-los mais tarde. Portanto, se desejássemos, poderíamos fazer com que todas as crianças do mundo tivessem um ouvido desafinado (cantando ou colocando gravações de canções desafinadas). Mas, é claro que, se podemos fazer isso, é porque não existe algo como talento musical intrínseco (talento musical inato). Esse fato precisa ser entendido. Temos que compreender a importância do ouvido.

Em resumo

1.- Precisamos pesquisar como desenvolver talento através da educação.

2.- Precisamos entender que talento não só musical, mas, em outros campos também, não é hereditário.

DUAS CRIANÇAS CRIADAS POR UM LOBO

O homem nasce sem talento... As pessoas são o que são, como resultado do seu ambiente próprio e específico. A força da vida se adapta de acordo com o ambiente. Isso é mostrado num valioso trabalho do Dr. Fumio Kida intitulado "*Psicologia Infantil*". Nele, o autor conta a história de duas meninas criadas por um lobo.

Em 1941, dois professores das Universidades de Denver e Yale receberam o relatório de uma pesquisa valiosa. Um padre, na Índia, encontrou duas crianças que tinham sido criadas por um lobo. Uma tinha cerca de dois anos; a outra, cerca de sete. A mais nova foi chamada Amala e a outra, Kamala. Foram desenvolvidos nove anos de observações, inclusive fotos tiradas por Padre Singh. A descoberta tinha sido feita no noroeste de Calcutá, numa zona de floresta. (Diz-se que, entre os nativos da Índia ainda existe a prática de abandonar meninas.)

A cabeça, peito e ombros de ambas as crianças estavam cobertos de cabelo grosso. Só quando o cortaram, elas ficaram parecendo criaturas humanas.

Na caverna do lobo, as crianças moviam-se sobre mãos e pés e seus olhos enxergavam bem no escuro. O olfato era extremamente sensível. Corriam rápido, sobre os quatro membros como cão e as pessoas não conseguiam alcançá-las. Seus ombros eram largos, suas pernas potentes e as ancas eram dobradas. Não conseguiam se endireitar. Pegavam as coisas com a boca, não com as mãos. Comiam e bebiam à maneira dos cães: Kamala era a que mais se assemelhava com a maneira dos lobos. Gostava de carne, especialmente se podre. Era imune às mudanças de temperatura e não transpirava. Quando fazia calor, esticava a língua para fora e arquejava como um cão. Sua pele era lisa e vítrea e não se sujava, as palmas das mãos eram calejadas. Sua cabeça era extraordinariamente grande, com cabelos longos e eriçados. Ao menor barulho, suas orelhas ficavam de pé e seus músculos tornavam-se tensos. Se ficava zangada, suas narinas vibravam e rosnava como um cão. Se quisessem interferir enquanto estava comendo, mostrava os dentes e rosnava.

Dormia de dia, mas começava a ficar ativa assim que o sol descia. À noite, exatamente como fazia quando vivia entre os lobos, uivava três vezes em tempos determinados: às dez, à uma e às três horas. Esse hábito havia-se tornado uma segunda natureza devido aos anos em que uivara regularmente em coro com os lobos. Não parou de uivar ao longo dos nove anos em que esteve entre seres humanos, até morrer aos dezesseis anos. A voz de Kamala não tinha características humanas ou animais, era um som indeterminável.

Chamar-se-ia isso *herança*?

Uma criança humana, vivendo entre lobos e por eles criada, assumiu o hábito desses. Para sobreviver, o homem, instintivamente, adapta-se ao meio. Uma tremenda e sublime força vital trabalha para absorver os componentes de nosso ambiente. Comovo-me ao pensar nessa força.

Os fatos acima mostram como é importante guiar uma criança durante toda sua infância. Deve-se dedicar uma profunda meditação sobre *como* as crianças precisam ser criadas e treinadas, sobre como dirigir o desenvolvimento de sua mente, sensibilidade, sabedoria e conduta. Até agora, achamos serem esses fatores inatos ou herdados. Recomendamos fortemente que se abandonem essas noções. Que miséria foi para Amala e Kamala o fato de terem sido criadas dessa forma! Isso terminou quando foram tiradas da cova do lobo e trazidas para a sociedade, mas a sua experiência ficou para provar a potência da alma viva. Apesar de serem humanas, adaptaram-se muito bem às condições de vida dos lobos. Se esse alto grau de potência pudesse trabalhar nelas numa comunidade civilizada, num bom ambiente, poderíamos esperar resultados educacionais esplêndidos. Da maneira como aconteceu, os cientistas julgaram as crianças idiotas.

Não concordo com isso, considerando quão bem elas se adaptaram ao

meio. O ponto não é a hereditariedade, mas o ambiente. As crianças vivem, vêem e sentem, sua habilidade se desenvolve para ajustá-la ao seu meio. De fato, essa hipótese ignora a hereditariedade que as pessoas, teimosamente, consideram tão importante.

Mas penso nessas crianças correndo de quatro, usando a boca para segurar coisas, tendo desejo de carne crua e podre! Além disso, eram meninas, mas seus ombros e o peito estavam cobertos de pêlo grosso. Pode-se dizer que isso é hereditário?

Bem, em nossa sociedade, hoje, não jogamos nossas crianças aos lobos, mas a pobreza de ambiente que algumas sofrem ao nascer, prejudica o desenvolvimento de suas habilidades de tal forma que é quase tão nocivo como ser criadas entre lobos. Olhar para uma criança menos habilitada na escola e dizer que isso é hereditário é um grave erro. O destino das crianças está nas mãos de seus pais.

O QUE NÃO EXISTE NO AMBIENTE NÃO PODE SER DESENVOLVIDO

Não temos meios de conhecer as características de um lactente...

A faculdade que conheço melhor é a da música. Por isso, falarei sobre ela - se existem ou não qualidades e talentos herdados.

Desde os tempos antigos, dizia-se que talentos ou qualidades especiais são inatos ou herdados, mas podemos testar um lactente, para verificar se essas coisas estão presentes ou não? Crianças de cinco ou seis anos de idade, já treinadas, são julgadas, a partir daí, quanto às suas habilidades, como inferiores ou superiores. Entretanto, são os primeiros estágios da infância os mais críticos. Deveríamos pesquisar os talentos em potencial em bebês lactentes. Para conseguir vencer os desafios do futuro, precisamos conhecer as necessidades básicas da humanidade. Esses são os assuntos de estudo. Faço o melhor que eu posso para contribuir, mas isso não basta.

Quanto à disposição e hereditariedade, estou convencido que é *somente* o funcionamento fisiológico que pode ser medido como superior ou inferior, no momento do nascimento. Daí em diante, *somente* as influências psicológicas são recebidas, *vindas do ambiente da criança*. As condições desse ambiente é que irão formar o núcleo de sua habilidade.

BOAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS PRODUZEM HABILIDADES SUPERIORES

Não precisamos procurar talentos ou habilidades específicas e inatas.

Um ambiente superior terá maior efeito na criação de habilidades superiores. Os casos de Hiromi Kiuchi, do rouxinol e de Pieko, o papagaio, comprovam isso. Não adianta julgar as habilidades de crianças a partir do treino que recebem cinco ou seis anos *depois* do nascimento. As habilidades nascem e se desenvolvem pelo trabalho das forças vitais do organismo, enquanto procuram adaptação ao ambiente, desde o começo da existência. Por isso, *a única habilidade superior que a criança pode ter ao nascer é a de se adaptar com maior rapidez e sensibilidade ao seu ambiente que as outras crianças.*

Um bebê esperto pode ficar com o ouvido desafinado. Pode até tornar-se lobo. De fato, pode tornar-se qualquer coisa, de acordo com o seu ambiente específico. Creio, firmemente, que a aptidão cultural e musical não vem de dentro, não é herdada, mas ocorre através de condições ambientais favoráveis. É apenas uma questão de sensibilidade e rapidez de adaptação. Portanto, nascer com qualidades superiores ou excelentes apenas significa nascer com habilidade de se adaptar mais rapidamente e mais sensivelmente ao próprio meio. O fato de um ser humano poder adquirir o senso e hábitos de um lobo mostra sua habilidade de adaptação ao seu meio, seja ele qual for. Se Einstein, Goethe e Beethoven tivessem nascido na Idade da Pedra, não teriam eles somente a habilidade cultural e a educação da Idade da Pedra?

O contrário também é verdadeiro: se recebêssemos um bebê proveniente dessa etapa inicial do desenvolvimento da humanidade, breve ele seria capaz de tocar uma sonata para violino de Beethoven da mesma forma que qualquer jovem de nossos dias.

Mais ainda: se uma criança nascida hoje fosse educada por uma sociedade de daqui a cinco mil anos, ela, certamente, se adaptaria aos costumes e hábitos daquela sociedade.

O QUE NÃO EXISTE NO AMBIENTE NÃO SE DESENVOLVE NA CRIANÇA

Em qualquer lugar que nasçam - no Ocidente, no Oriente ou na África - as crianças são criadas de acordo com a sua cultura particular. As crianças têm que se adaptar a muitos e variados ambientes, superiores ou inferiores, dependendo de seus pais.

Não há efeito sem causa. Educação e criação erradas produzem personalidades feias, ao passo que uma boa criação e educação originam talentos superiores, nobreza e pureza de mente.

Todas as crianças adaptam as suas forças vitais e orgânicas aos seus respectivos ambientes.

O Prof. N. H. Pronko, da Universidade de Whichita (Kansas), veio me visitar em Matsumoto, há cerca de quatro anos. Ele tinha feito experiências nessa linha e observado que bebês criados em ambientes culturais diversos, em seus primeiros nove meses de vida, se adaptaram diferentemente, de acordo com os seus meios ambientais. As qualidades não requeridas por um dos ambientes específicos não se desenvolveram. Ele publicou o resultado de suas pesquisas na América. Não posso realçar com suficiente firmeza e repetir suficientemente, o quanto considero errado julgar uma criança já treinada e dizer que suas habilidades são devidas à superioridade ou à inferioridade de nascimento. Esse tipo de pensamento deve ser abandonado. Deve-se pôr um fim a esse conceito tão errôneo. Não podemos imaginar a que alturas uma criança pode atingir, se educada apropriadamente logo após o nascimento. Não deveríamos investigar as possibilidades? Boas condições ambientais e uma fina educação certamente darão às crianças um bem-estar genuíno e felicidade e, ainda, encerram promessas de luz e esperança para o futuro da humanidade.

"MEU FILHO SE TORNARÁ ALGUMA COISA ?" UMA PERGUNTA OFENSIVA.

A mãe de um de nossos estudantes, um dia, me veio inquirir sobre seu filho. Esse rapaz tinha bom senso musical, praticava bem e era uma criança superior. "Sensei (professor), meu filho pode-se tornar alguma coisa?" a mãe perguntou bem desse jeito.

Respondi rindo: "Não. Ele não se tornará 'alguma coisa'".

Parece uma tendência dos tempos modernos a dos pais alimentarem pensamentos desse tipo. É uma atitude educacional indisfarçavelmente fria e calculista. Se sou abordado assim, tenho vontade de responder brincando. A mãe ficou alarmada e surpresa com a minha resposta.

Continuei: "Ele será uma pessoa nobre através do estudo do violino. Isto não é suficiente? Você deveria deixar de desejar que a sua criança se tornasse um mercenário, somente um bom fazedor de dinheiro. Esse pensamento está contido em sua pergunta e é ofensivo. Uma pessoa de coração fino e puro encontrará a felicidade. A única preocupação dos pais deve ser criar os filhos como seres humanos nobres. Isso é suficiente. Se essa não é a sua esperança maior, a criança poderá tomar um rumo contrário às suas expectativas. Seu filho toca violino muito bem. Precisamos tentar fazê-lo ser esplêndido em mente e coração também.

O MENINO QUE RECEBEU AS PRIMEIRAS LIÇÕES DE SEU PAI

Muitos pais ficaram sabendo que eu tinha iniciado um novo movimento educacional em ensino de violino. "O senhor poderia ouvir meu filho tocar?" perguntou o Sr. X de Nagoya. Ele mesmo tinha ensinado seu filho. O rapaz tinha então 18 anos e estava estudando o Concerto nº 5 de Mozart. "Com prazer", respondi, "peça-lhe que venha-me visitar a qualquer hora." Cerca de um mês depois, o jovem veio sozinho me ver. Vendo o moço pela primeira vez, fiquei surpreso, pois ele parecia-se muito com o pai -- o tom de voz, o dialeto nagoya, a maneira de falar, de cumprimentar, a maneira de colocar as mãos em frente de si, o riso também tudo exatamente como o pai. Senti a ilusão de estar conversando com o Sr. X. Pedi que comesse a tocar. Tirou o violino da caixa e o afinou, lidando com o arco com a mesma rapidez de movimentos do pai. Mas isso não era tudo.

Quando começou a tocar, a postura, os movimentos da mão e do arco eram absolutamente semelhantes aos do pai. Mas não apenas isso, mesmo as falhas na sua apresentação e o senso musical às vezes ligando intervalos -- seu tom e vários pequenos detalhes -- tudo se assemelhava aos do pai.

Até então nunca tinha estado tão vivamente impressionado com a adaptação da criança ao seu ambiente. O fato de ele ter vivido nessa família, por dezoito anos, aparecia distintamente no comportamento, pensamentos e sentimentos do jovem.

Há cerca de trinta anos, Toshiya Eto, de quatro anos, tornou-se meu primeiro aluno pequeno. Depois, veio outro pequenino, Koji Toyoda. Quando me mudei de Nagoya para Tóquio, o pai de Koji também mudou-se para lá.

Tempos depois, após ouvir Koji Toyoda, de três anos tocar "Humoresque" de Dvorak e Toshiya Eto de sete anos tocar um concerto, um pai veio me visitar, trazendo consigo seu filho de três anos. Perguntou minha opinião sobre se o menino teria ou não talento musical. Se fosse talentoso, gostaria que aprendesse violino.

Quem pode julgar se um menino de três anos tem talento musical e aptidões culturais? Disse ao pai que talento não é herdado ou inato, mas tem de ser educado e desenvolvido, porém ele não me entendeu.

Quantos pais desses existem no mundo?

Refletindo sobre o jovem que cresceu para ser a imagem do pai, penso que, em geral, precisamos apenas olhar para os pais para imaginar como serão os filhos.



O Dr. Suzuki no trabalho.



O Dr. Suzuki com os alunos de pouca idade



Dr. Suzuki e sua esposa

A NOTÁVEL FORÇA DE VIDA

O arco escapa da mão e voa longe, a mãe se levanta para apanhá-lo....

Existem filiais da Educação do Talento no Japão todo. Qualquer criança pode entrar sem teste algum, porque o princípio é baseado na premissa de que o talento não é inato e que qualquer criança adquire habilidade, através de experiências e repetição.

Para ajudar nossas crianças, vamos educá-las, desde o berço, para terem alma nobre, alto senso de valores e habilidades esplêndidas. No instituto, uso o violino para desenvolver essas qualidades nas crianças. Todos os professores de nossas filiais da Educação de Talento seguem esse princípio. Junto com os pais, não medem esforços para guiar as crianças no caminho de se tornarem seres humanos mais nobres.

O episódio seguinte aconteceu na secção da Prefeitura de Gifu, na cidade de Nakatsugawa. Entre os estudantes, havia uma menina de seis anos que sofrera de paralisia infantil. Não conseguia controlar o lado direito do corpo e era estrábica do olho direito. Quando tocava "Estrelinhas", sempre que chegava às últimas notas da primeira frase, seu braço direito dava uma violenta sacudida não controlada e o arco voava longe. O professor, Sr. Yogo, estava muito triste e preocupado. Contou-me sobre o caso e pediu conselhos. Simplesmente dei a resposta, "Ambos, o professor e os pais, deveriam aceitar o fato e perseverar". O professor continuou pacientemente com as lições e todos os dias a mãe, com persistência, apanhava o arco inúmeras vezes. Deve ter sido muito árduo para ela. Mas o grande amor e o esforço persistente da mãe e do professor venceram essa batalha. Finalmente, chegou o dia em que a menina conseguiu segurar o arco durante a peça inteira.

MEIO ANO DE TRABALHO E ESFORÇOS PERSISTENTES

No tempo relativamente curto de cerca de seis meses, a menina conseguiu tocar a música "Estrelinhas" do começo ao fim. Graças a seu treinamento diário, logrou reaver o controle da mão direita e suas habilidades foram restabelecidas.

A mãe e o professor atravessaram juntos esses seis meses da prova de fogo. O que parecia uma impossibilidade, tornou-se possível. Se tivessem desistido, em desespero, essa habilidade nunca teria nascido. Uma força invisível, crescente, ajudou a formação dessas novas habilidades, até que elas fossem visíveis a todos. Quando elogiei a mãe pelas dificuldades que atravessou, ela disse, "Eu pensava se apenas ela pudesse tocar um pouquinho! Mas

deixava o arco cair tantas vezes que perdi a coragem e achei que não adiantava. Graças ao senhor, ela agora pode tocar a peça toda e controlar a mão. A criança está muito feliz". Felizmente, a menina continuou a praticar e seu olho direito, que era estrábico, ficou gradualmente voltado à posição correta, enquanto, ao mesmo tempo, conseguia um pouco de controle sobre o seu lado direito. Gradualmente, voltava a poder se movimentar de maneira normal.

Dessa forma, recuperou-se de sua paralisia e encontrou o caminho de volta para a saúde. Tudo isso foi conseguido pela terapia de seus esforços para tocar apenas uma música, com o auxílio dos esforços da mãe e do professor.

HABILIDADES NATURAIS APARECEM ATRAVÉS DO TREINAMENTO

"Habilidade é vida".

Essa crença foi comprovada sob meus olhos pela menina com paralisia infantil.

O homem é governado pela força da vida. A alma viva, com seu desejo de sobrevivência, demonstra grande poder de adaptação ao seu ambiente. A força da vida humana, vendo e sentindo o meio ambiente, forma e desenvolve novas faculdades. Essas faculdades com novos treinos constantes vencem as dificuldades e se transformam em relevantes habilidades. Essa é a relação entre o ser humano e a habilidade. O desenvolvimento de uma habilidade não pode ser conseguido pelo simples fato de pensar e teorizar, mas tem de ser acompanhado por ações e práticas, como será demonstrado em outro capítulo. Só na ação a potência da força vital pode se desenvolver inteiramente. A habilidade se desdobra com a prática. Uma pessoa inativa não desenvolve habilidades. Imagine-se se os pais da menina com paralisia infantil tivessem apenas se resignado com os efeitos da doença e não tivessem feito nada a respeito? Ela teria continuado aleijada. Sua mente e sua atividade física foram encorajadas através de seus esforços para tocar violino e decorar uma música. E foi essa *atividade* o fator necessário para fazer da menina um ser mental e fisicamente saudável.

KOJI E EU

Em 1962, o outono chegou cedo na região de Shinshu. A folhagem estava começando a mudar de cor, quando chegou essa carta:

Berlim, setembro de 1962.

MEU HONRADO E REVERENCIADO PROFESSOR:

Acabo de chegar a Berlim. Quando o Senhor esteve aqui, morou em que região? Sempre desejei ver esse lugar. Todos os novos prédios em Berlim ainda parecem um pouco frios, mas as pessoas diferem das de origem rural pela elegância, refinamento e polidez. Ontem, dei uma audição na Orquestra Sinfônica de Berlim e fui indicado para primeiro spalla. O regente - Fricsay - é, no momento, tão considerado na Alemanha como Karajan e Kubelick. A única preocupação que tenho agora é saber se estou realmente preparado para assumir a posição de primeiro violinista numa orquestra tão famosa.

Com afeto e grande respeito

KOJI.

Koji escreveu essa carta ao chegar em Berlim, após deixar Colônia. Lendo-a, não apenas fiquei muito emocionado, mas também surpreso.

TODOS OS MEMBROS DA ORQUESTRA O RESPEITAM

Foi a primeira vez, desde que a música ocidental chegou ao Japão, que um japonês conseguiu uma posição dessas na Europa. Era difícil acreditar pois conheço o alto nível da Orquestra de Berlim. Ser um representante dessa orquestra é uma posição da mais alta importância. O principal *spalla*... um japonês - Koji....!

Para poder ocupar essa posição, é preciso ter três qualidades, 1) alta sensibilidade musical, 2) desempenho musical superior, 3) um caráter nobre. Se alguém não possui os três simultaneamente, não tem o suficiente. Um verdadeiro artista é uma pessoa que reúne, em si, sentimentos, pensamentos e ações belas e esmeradas. Essa é a mensagem e expectativa que passo para os alunos. A procura objetiva da arte, segundo esses princípios, foi o que lhe consegui, finalmente, o respeito de artistas excelentes.

Uma carta recente de um membro dessa orquestra, Hiroko Yamada, mostra o amor e respeito que Koji conseguiu no mundo musical e a importância de sua posição.

Koji, apesar de respeitado por todos os membros da Orquestra, é, provavelmente, o mais modesto e prestativo. Posso dizer isso, porque o conheço bem.

Koji tocou, pela primeira vez, no palco, quando nossos alunos deram uma apresentação de violino na Sala Nihon Seinenkan em Tóquio. Nesse tempo, Toshiya Eto tinha sete anos. Naquela noite, ele tocou o Concerto para Violino nº 3, de Seitz, acompanhado pela Orquestra de Cordas de Tóquio. Yoko Arimatsu, que só tinha cinco anos, também tocou muito bem. Quando terminou, pôs o violino no ombro e saiu correndo do palco, muito feliz. Ela era uma menina encantadora e nós todos caímos no riso. E então, com seu violino 1/16 na mão, o pequeno Koji, de três anos, subiu no palco. Tocou "Humoresque" acompanhado ao violão pelo pai. No dia seguinte, havia grandes fotos de Koji, nos principais jornais e artigos com cabeçalhos, "Aparece um gênio", "Brilhante", "Maravilhoso", etc. Antes da apresentação, eu tinha explicado aos jornalistas que "talento não é herdado ou inato, mas sim, treinado e educado". "Gênio" é um título honorífico dado àqueles que são criados e treinados para altas habilidades. Tinha eu posto ênfase nisso e foi desapontador que eles não tivessem entendido.

Bem, isso aconteceu há uns trinta e cinco anos.

MEUS VALIOSOS AMIGOS

Quando assumi o trabalho de ensinar violino em Nagoya, o pai de Koji vivia em Hamamatsu. No começo de 1930, me mudei para Tóquio. Logo depois, o Sr. Toyoda também se mudou para ali, com toda a família, e o pequeno Koji estudou atentamente em minha casa. O fato de ele tocar violino foi um resultado das circunstâncias. Se gostava ou não de violino, não vem ao caso. Exatamente do mesmo modo que todas as crianças japonesas aprendem japonês sem que lhes seja perguntado se gostam. Koji cresceu ouvindo música todos os dias. Não era grande esforço para ele manter uma boa prática diária. Praticar bem tende a levar a bons resultados, foi por isso que o menino Koji, de três anos, tocou "Humoresque" tão bem, não por ele ser um gênio.

Mais e mais jovens alunos vieram para lições e era muito animado o ambiente. Tive o maior prazer e alegria em ensinar as crianças e todos ficaram sendo meus amigos.

Logo depois começou a guerra. Parti para a distante Kiso-Fukushima para trabalhar numa fábrica de madeira. Mais tarde, me estabeleci em Matsumoto.

MEUS PEQUENOS AMIGOS TORNARAM-SE EXCELENTES PESSOAS

Perto de trinta anos já passaram, e todos os meus amigos e antigos estudantes são hoje excelentes pessoas que me dão profundo prazer. Depois de tantos anos, não consigo lembrar os nomes de todos os alunos daqueles dias, mas enumerarei alguns que me vêm à mente --

Toshiya Eto - Professor no Instituto Curtis
Yoko Arimatsu - Membro da Orquestra da Academia de Música de Bruxelas
Takeshi Kobayashi - *Spalla* na Tchecoslováquia
Kenji Kobayashi - Membro da Orquestra da Escola Julliard
Koji Toyoda - Primeiro *Spalla* da Orquestra Sinfônica de Berlim
Hiderato Suzuki - *Spalla* da Orquestra Sinfônica de Quebec
Nejiko Suwa - Membro da Orquestra Acadêmica de Bruxelas

Todos esses alunos (e outros também) foram admitidos ao programa Educação do Talento sem nenhum teste preliminar.

TODA A CRIANÇA PODE SE TREINADA E SÓ EXISTE UMA MANEIRA

Essa é uma afirmação minha e sua validade ficou demonstrada pelos desempenhos brilhantes das animadas crianças daquelas primeiras classes.

Toshiya, com 11 anos, recebeu o primeiro prêmio do Ministério da Educação num concurso musical de um jornal. Exigia-se o Concerto em Lá Menor de Bach. O pequeno Koji, de apenas sete anos, também conseguiu tocar essa peça lindamente. Eu queria que a comissão julgadora soubesse que, mesmo um japonês de pouco mais de sete anos, poderia alcançar esse nível e passar no teste. Para que eles entendessem claramente que eu gostaria que deixassem Koji tocar, lhes disse, "Senhores, peço que ouçam Koji Toyoda tocando este concerto. Não é preciso lhe dar pontos".

Koji, com sete anos, já tinha sido criado e treinado para alcançar tal nível.

SOZINHO EM KISO-FUKUSHIMA

Indo sozinho para a fábrica em Kiso-Fukushima...

Em 1943, eu tinha 45 anos. Naquele ano, o exército alemão começou a se render em Stalingrado e, também, no Oceano Pacífico começou o retorno. A armada japonesa teve de se retirar de Guadalcanal, e a vida tornou-se extremamente penosa. Meu pai converteu sua fábrica de violinos

em produtora de flutuadores de hidroaviões. Mas o suprimento de ciprestes japoneses que eram essenciais não chegou, e, embora nós quiséssemos desesperadamente, não o conseguimos. A não ser que alguém fosse às montanhas em Kiso-Fukushima buscar o cipreste, o trabalho teria de parar. Visitei meu pai em Nagoya, para lhe contar a situação e descobrir como conseguir permissão para entrar na floresta.

Enquanto estive em Tóquio, a maior parte de meus jovens alunos recusou-se a ser evacuada. Mas os ataques aéreos aumentavam e sentia-se ser essa a hora de deixar Tóquio. Eu era instrutor na Escola Imperial de Música e na Escola Kunitachi de Música. Relatei às autoridades meus planos. Os juízes da comissão de concurso do jornal de Mainichi também pediram demissão.

Quando o bombardeio foi ficando mais e mais intenso, minha mulher insistiu para que deixássemos Tóquio e nos mudássemos para Hakone, onde tínhamos uma pequena casa perto do lago Ashi, normalmente usada para pescarias. Ela se recusava ir só e me deixar. Resolvi, então, acompanhá-la. As circunstâncias, entretanto, acabaram impedindo que fôssemos juntos.

Foi necessário que me transferisse para Kiso-Fukushima, para supervisionar a obtenção de madeira para nossa fábrica em Nagoya. Entretanto, para minha esposa, que era alemã, não era possível juntar-se a mim lá, embora ela tivesse perdido a cidadania alemã ao se casar e se tornado japonesa pelo casamento. Todos os estrangeiros eram considerados suspeitos e a sua vida tornou-se muito difícil e desagradável. Durante a guerra, os alemães no Japão foram evacuados para Karuizawa e Hakone e, como nós tínhamos uma casinha em Hakone, a solução era que ela fosse para lá sozinha. Havia imensa escassez de comida, mas pelo menos em Hakone, ela poderia ter uma ração alemã especial (pão em vez de arroz, etc.). Com muita relutância, decidimo-nos separar, enquanto durasse a guerra, esperando que seu término não tardasse.

Ela quase não tinha liberdade de movimento, de sair, e não podia deixar a "Vila Alemã" para me ver, mas eu podia visitá-la de tempos em tempos. Numa dessas visitas, ainda recordo vividamente, a preciosa maçã que ela havia guardado para nós e que era preciosa demais para que a saboreássemos e então destinamos às crianças de Kiso-Fukushima.

E assim aconteceu que fui viver sozinho nas montanhas de Kiso-Fukushima, onde assumi uma madeireira e a transformei num depósito de madeiras especiais para prover nossa fábrica de flutuadores em Nagoya. Não sabia quase nada sobre a fábrica, mas consegui madeira de primeira classe das florestas. Essa era cortada e enviada a Nagoya. Conseguimos fazer isso com grande rapidez.

O trabalho corria ameno. A manufatura de flutuadores fazia bom progresso. Sempre adotei a regra de viver o melhor possível com o que quer que acontecesse e com qualquer trabalho que fosse preciso fazer...Consegui atirar-me ao trabalho e lucrar com ele. Na minha juventude, um pastor Zen chamado Dogen me havia ensinado isso. O trabalho na madeira era interessante e eu continuava animado.

COMENDO MUSGO PARA SOBREVIVER

A guerra, entretanto, ia de mal a pior. Mesmo a distribuição de provisões parou. Kiso-Fukushima é uma cidade num vale, nos altos do rio Kiso. Como é cercada de montanhas e pequenos vales, não tem produção de alimentos. Perto dos últimos estágios da guerra, não havia mais distribuição de rações. Como nossa fábrica era uma fábrica de guerra, entretanto, tínhamos a possibilidade de comprar coisas no mercado negro. Mas, positivamente, eu não queria comprar no mercado negro. Minha irmã mais moça, que tinha perdido o marido, veio morar comigo, trazendo suas duas crianças.

Nas folgas da fábrica, íamos todos ao coração das montanhas procurar warabi (feto, planta do tipo samambaia), mas não havia nada mesmo para comer, pois os outros já o tinham colhido todo.

Então, fomos ladeando um riacho da montanha e achamos algumas algas de água doce numa pedra. Eram avermelhadas e tinham uma haste. Enchemos nossas mochilas com isso e carregamos para casa. Pusemos numa grande panela de água com um pouco de sal e deixamos cozinhar. Parecia muita coisa, mas, depois de cozido, só deu meia tigela das usadas para arroz. Mas era diferente de só tomar água e nos dava alguma impressão de estarmos comendo alguma coisa. Assim, freqüentemente, enganávamos a fome. Deve ter sido amargo para minha irmã não poder alimentar suas crianças adequadamente.

Jamais esquecerei a gentileza e bondade da gente de Fukushima. Ficamos hospedados com uma família chamada Doke que também incluía um homem de idade. Se eles conseguiam alguma coisa boa para comer, nós sempre éramos chamados e depois, toda a casa parecia viver novamente

KOJI, ESTOU EM KISO-FUKUSHIMA

A guerra ficava mais dura e terrível, embora não houvesse ataques aéreos na pequena cidade montanhosa de Kiso-Fukushima. Sentia-me responsável pelos trabalhadores da fábrica e, como não podia fazer outra coisa, tocava violino para eles todas as manhãs no ar claro da montanha. As condições de

vida e a alimentação eram miseráveis. Na fábrica, juntávamo-nos todos e trabalhávamos desesperadamente cada dia.

Então a guerra terminou.

Nesse tempo aconteceu de eu ouvir dizer que ambos os pais de Koji haviam morrido, um após o outro. Mandeí apressadamente uma carta para seu velho endereço em Tóquio. Não houve resposta. Perguntei então a um amigo, em Tóquio, para onde Koji Toyoda e seu irmão menor poderiam ter-se ido? Tinha de saber. Pedi ao NHK (estação de rádio nipônica) para transmitir, no seu programa de pessoas desaparecidas: - Koji Toyoda, estou em Kiso-Fukushima. Por favor, informe onde você está. Cerca de dois meses depois, chegou uma carta de um homem chamado Toyoda. Era o tio de Koji e havia tomado conta dele.

KOJI TORNA-SE MEMBRO DE NOSSA FAMÍLIA

"Encontramos Koji" - "Que sorte, que ótimo" - "Vamos convidá-lo a vir aqui" - Vamos escrever já...

Eu estava muito feliz. Logo Koji, agora com 11 anos, veio com o tio para Kiso-Fukushima. Tinha crescido, porque fazia três anos que não o via. Minha irmã e suas crianças também ficaram contentes, quando Koji veio morar conosco. Em Hamamatsu, seu tio mantinha uma pequena adega de sakê (vinho feito de arroz). "Koji está longe do violino, sempre nos ajudando na adega", disse o tio. Pediu-me que tomássemos conta de Koji e foi para casa. A partir daí, Koji tornou-se membro de nossa família. Quando fez 19 anos, enviei-o para estudar no estrangeiro. Minha irmã dispensou-lhe amor maternal e o criou junto com seus filhos. Koji gostou da vida em Kiso-Fukushima. Minha família agora estava constituída de sete pessoas: a tia com uma mocinha ajudante, três crianças, minha irmã e eu. Todas as noites, fazíamos algo agradável, como por exemplo, elaborar um *haiku* (poema japonês) e o ler. A poesia não era muito boa, mas era um passatempo divertido e engraçado.

TODOS FIZEMOS O POSSÍVEL PARA O BEM DE KOJI

Nesses três anos, Koji havia passado ajudando seu tio no ambiente do bar de sakê e isso tinha alterado muito a forma da educação que tivera em Tóquio. Notamos nele comportamentos e atitudes indesejáveis. Começamos repreendendo e resmungando. Que fazer? Mas sabemos que repreensões não ajudam e deveriam ser evitadas.

Um dia, enquanto Koji estava na escola, fiz um arranjo com minha irmã: - "Durante três anos, Koji não esteve consciente de suas maneiras rudes

e de seu hábito de deixar as coisas em desordem ou mal acabadas. Mas sabemos que, com repreensões, ele, certamente, vai-se sentir injustiçado e crescer com esse sentimento. Deve haver uma maneira melhor!" - Yasuo e Mitsui, as crianças de minha irmã, foram informadas de que a casa toda não faria repreensões e resmungos, mas que todos mostrariam as melhores maneiras e conduta na nossa vida diária. "Se criarmos um ambiente assim, Koji, mesmo sem notar, se tornará um bom menino, e sua vida não será danosamente distorcida por repreensões".

Fiz essa proposta para a tia, a irmã e a moça auxiliar e elas concordaram. No dia seguinte, silenciosamente, dirigimos a nossa vida diária no sentido de melhores maneiras e atitudes. Para ajudar Koji, nós todos trabalhávamos juntos e nos inspirávamos mutuamente. Tal atitude foi preparada para Koji, mas acabou sendo para o bem de todos nós, para nossas mentes e conduta.

Passaram-se dois anos. Nesse tempo, Koji se inteirou na nossa maneira de vida - As feridas de 3 anos não deixaram cicatrizes e ele se tornou uma criança bem educada.

MAIS ALTO E MAIS ESPLÊNDIDO

O movimento de Educação de Talento começou em 1945. Foi no fim de três anos de vida em Kiso-Fukushima. Em Matsumoto, pessoas interessadas em cultura falavam em fundar uma escola de música. Por acaso, a cantora, Sra. Tamiki Mori, que havia ensinado junto comigo na Escola Imperial de Música, tinha ido a Matsumoto durante a guerra. Ela enviou uma mensagem a Kiso-Fukushima convidando-me a ir a Matsumoto para lhe ajudar, mas dei a seguinte resposta: "Não estou muito interessado em fazer trabalho de recuperação para pessoas que já sabem tocar. Já fiz muito disso antes, em Tóquio. O que quero tentar é a educação de crianças. Desenvolvi um novo método para ensinar crianças muito pequenas - não para formar gênios, mas para, através do violino, aumentar a habilidade infantil. Fiz essa pesquisa durante muitos anos. Por isso, gostaria de colocar todos os meus esforços nesse tipo de educação, no futuro. Se a idéia encontrar aprovação, ajudarei no ensino nessa linha". Depois de um tempo, chegou a resposta de Matsumoto concordando com os meus termos e desejando a minha ajuda. Foi assim que me estabeleci em Matsumoto. Inicialmente, viajava uma vez por semana entre as duas cidades, mas logo descobri que isso não era suficiente; e, como muitas pessoas gentilmente me pediam para mudar para Matsumoto, acabei me transferindo para lá. Foi dessa maneira que o movimento de educação para o talento começou na Escola de Música de Matsumoto.

O RELACIONAMENTO DE KOJI COM DEUS

Como foi dito, minha irmã Hina foi como uma mãe para Koji e cuidou bem dele. Em Matsumoto, Koji conheceu um padre católico e ia à igreja todos os domingos. Logo tornou-se um católico devoto. Minha irmã, que gostava muito de Koji e o acompanhava à igreja, meio ano depois tornou-se também católica. Ela ajudava no trabalho da igreja e, também, no meu movimento da Educação do Talento. Mais tarde, embora ainda jovem, Koji foi ao Conservatório de Paris para estudar. Tive a seguinte discussão com minha irmã: "Pode ser que Koji queira estudar para tornar-se padre."

"Sim, é possível, pois para ele, arte e religião são a mesma coisa".

"Eu estava certo de que ele ia se tornar um bom músico, mas, se desejasse entrar numa escola de teologia, tudo estaria bem igualmente, eu não o impediria."

Koji tornou-se um excelente músico, mas nós havíamos tido essa conversa devido a seus fortes sentimentos religiosos

Koji tinha 14 anos. Seu tom no violino era bonito e admirável, sua sensibilidade musical muito fina. Chegara ao ponto em que poderia dar uma bela apresentação. Um dia aconteceu o seguinte:

PARA MAIOR NOBREZA E BELEZA DE CARÁTER

Após uma lição, eu disse a Koji, que estava tocando muito bem a Chaconne de Bach: "Hoje você deveria ir à igreja e tocar lá para Cristo. Se você tocar, com toda a sua alma e coração, Ele ouvirá."

"Sim, eu vou", disse Koji e tomou seu violino, indo à igreja na esquina mais próxima.

Depois de uma hora, ele voltou: "Eu toquei a Chaconne na igreja".

"Bom, como foi?"

"Não havia ninguém lá, eu me senti muito bem".

"Ótimo. Sempre e em qualquer lugar que você toque pense que Cristo está ouvindo. Sim?" A face alegre de Koji tornou-se ainda mais brilhante quando respondeu "Sim". Gentil e obediente Koji!

Considero importante para o desenvolvimento da personalidade dos jovens que eles entrem em contato com pessoas extraordinárias. De minhas experiências, sinto fortemente que os jovens absorvem algo do coração, dos

pensamentos e das ações dessas pessoas. Por causa dessa crença, selecionei professores para Koji - Mitsuhiro Sekiya e sua esposa que eu tinha em alta estima. O Sr. Sekiya é agora um dos professores da Universidade Internacional Cristã e antes ensinava na Universidade Shinshu em Matsumoto. Pedi ao Sr. Sekiya para receber Koji em sua família e para a Sra. Ayaji Sekiya, sua mulher, ensinar-lhe inglês, para que Koji pudesse passar no exame que lhe permitiria ir estudar na França. Ao mesmo tempo, esperava que o Sr. Sekiya teria a bondade de lhe ensinar também o francês. Para Koji, essa oportunidade de passar um tempo maior com esse casal foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido. Eu também lhes sou muito grato por isso.

UM TALENTO SURPREENDENTE PRECISA SER PROVADO

Em outra parte deste livro, perguntei: "O que é talento, habilidade?"

Reitero que é algo que não existe no nascimento, mas precisa ser criado. Aqui relatarei um incidente relacionado a Koji Toyoda.

Koji e Kenji (Kobayashi) - eu os chamava Ko-cham e Kenchan - eram muito bons amigos. Ambos tinham cerca de 15 anos. Kenji morava em Tóquio. Assim que suas aulas terminavam, pegava o violino e vinha para Matsumoto para as férias. Que divertido era deixar o tempo passar! Um dia apareceu um pedido da Rádio NHK de Matsumoto para uma apresentação. Considerei isso uma ótima oportunidade e queria que eles tocassem o concerto de Vivaldi para dois violinos. Nunca o tinham tocado antes. Queria testar os dois rapazes, para ver o quanto conseguiriam memorizar. Dei o nome da música à estação de rádio, mas eu não disse nada a Kenji e Koji até a manhã da véspera da apresentação. Eu os chamei e lhes dei a música, dizendo: "Esta música precisa ser tocada amanhã, às 13 horas, no rádio. Sei que é um pouco repentino, mas será um bom exercício para vocês. É melhor começar a praticar logo". Os dois ficaram surpresos, dizendo "mas isso é horrível", etc., mas levaram as músicas com gosto para o quarto. Em poucos momentos, ouvi tocarem o concerto para dois violinos.

Quando, após uma hora e meia, pensei em chamar a atenção deles para certos pontos da expressão musical e subi para seu quarto, ambos tocaram o primeiro movimento sem olhar as notas. Foi simplesmente espantoso.

PARA A RÁDIO, SEM PARTITURA

Deixei os dois praticando e saí para um compromisso. Quando nos encontramos no almoço, perguntei: "Bem, vocês darão conta?" "Bem senhor, você com certeza nos assustou hoje. É uma música linda, não é?" Embora

eles me acusassem de tê-los atropelado, pareciam estar gostando e não davam nenhum sinal de desconforto ou ansiedade. Quis ouvir a peça, antes que fossem para a rádio no dia seguinte. Entregaram-me as partituras, que coloquei na mesa e, em seguida, os ouvi tocar. (Sempre tem sido meu costume as crianças darem os livros ao professor antes de tocar). Quando os dois terminaram, eu disse: "Vocês tocaram muito bem. O tom e a interpretação musical estão ótimos. Agora vão tocar lá na rádio assim também. Ouvirei daqui". Saíram muito animados para o carro que os esperava. Tinham, é claro, deixado as partituras sobre a mesa.

Como reafirmo numa outra parte deste livro, dou bastante importância ao treinamento de memória. Os estudantes devem saber a música de cor e não consultar notas escritas. Como ambos rapazes tinham sido ensinados assim desde a infância, nem lhes ocorreu levar as partituras para o concerto.

É TEMPO DE PROCURAR MELHOR PROFESSOR

A habilidade cresce com o treinamento...

Quando ambos tinham saído, pensei novamente sobre esse caso: "Foi apenas ontem que lhes dei o concerto. Não o conheciam, mas tocaram hoje os movimentos inteiramente de memória, sem insegurança ou apreensão..." Meu teste estava completo.

A transmissão radiofônica foi realmente uma beleza. Toda a família ouviu junta e ficamos tomados de emoções, muito felizes. Agora, ambos são ótimos músicos. Gostaria de saber se ainda se lembram daquele episódio.

Naturalmente, ambos haviam sido aceitos para a Educação do Talento sem nenhum teste; depois, foram treinados. Como disse antes, não considero um grande talento como uma possibilidade apenas para pessoas excepcionais. Toda pessoa criada assim é treinada para demonstrar talento e tem condições para tanto. Koji e Kenji são apenas dois exemplos.

Koji, um membro de minha família, completou 19 anos. Chegou o tempo de procurar o melhor professor para o desenvolvimento dele e para o bem de sua arte. Escolhi o romeno Georges Enesco (1881-1955), um dos melhores artistas do século XX e um dos mais excepcionais violinistas.

"ESTOU ATÔNITO"

Enesco já tinha bastante idade, mas eu sabia que ele ainda estava em Paris. Eu queria que Koji fosse a Paris estudar com essa grande personalidade

e artista supremo. Em novembro de 1952, três anos antes da morte de Enesco, recebi uma carta de Koji com a notícia seguinte: "-Eu passei no exame de admissão ao Conservatório de Paris. O Professor Benedetti é agora meu mestre. Ouvi de um amigo que o Prof. Enesco está doente e não recebe alunos". "Estou atônito", respondi, pela volta do correio. "Realmente, não sei o que dizer. Queria que você fosse ao exterior para estudar em Paris com Enesco, não é? Só ouvir de um amigo o Prof. Enesco está doente e não ir vê-lo pessoalmente, que coisa é essa! Você deixou o Japão, porque eu desejava para você essa alta oportunidade, mas você não pode se basear em apenas ouvir dizer, deve investigar pessoalmente, deixando de lado o fato de poder ou não receber lições dele, o que é um caso muito diferente".

Depois de um tempo, chegou uma carta muito feliz de Koji. Continha a seguinte mensagem.: "Recebi sua carta e creio que, realmente, amadureci lendo-a. Procurei o endereço do Prof. Enesco e fui logo vê-lo. Consegui encontrá-lo. É uma pessoa grandiosa e maravilhosa. Apesar de sua idade, de já se sentir um pouco fraco, disse-me: "Toque-me alguma coisa." O Prof. Enesco teve a gentileza de me ouvir tocando Chaconne de Bach. Quando terminei o maestro disse: "Será bom se você estudar comigo aqui. Mas você é agora um aluno de Benedetti e eu não posso ter a indelicadeza de tomar seu aluno. Quando você estiver formado no conservatório de Paris, então você será bem vindo." Respondi: "Professor, farei todo o esforço para me formar o mais depressa possível."

Enviei a Koji esta resposta: "Querido Koji: Obrigado por sua carta... Não foi bom você visitar o Prof. Enesco? Um dia você descobrirá que a melhor e maior bênção na terra é poder entrar em contacto com pessoas dotadas de alta humanidade que, também através de sua arte, têm uma alma pura e nobre. E qualquer coisa que você possa absorver dessa grandeza e beleza de caráter determinará o seu valor como pessoa. Entretanto, para perceber e assimilar essas qualidades, precisa-se humildade e poder de julgar, que só vêm através da sinceridade, do amor e do conhecimento. Que você possa estar perto do Prof. Enesco me faz sentir tranquilo, confiante e feliz. É ambicioso de minha parte, mas gostaria que houvesse mais uma pessoa perto de você, o Dr. Schweitzer. Isso realmente seria ainda mais maravilhoso. Mas à parte de quão especial a outra pessoa possa ser, depende apenas de nós ter a capacidade de absorver sua grandeza. Temos de nos educar a partir de dentro, para poder aproveitar a grandeza dos outros. Somente se pudermos fazer isso, podemos sentir, por inteiro, o prazer de estar perto de alguém realmente grande. Nunca perca a sua humildade, porque o orgulho obscurece o poder de perceber a verdade e a grandeza. Por favor, jamais se esqueça disso".

FORMATURA NO CONSERVATÓRIO EM PARIS EM MEIO ANO

Meio ano depois, havia exames no Conservatório de Paris. Koji formou-se ali, no tempo surpreendente de seis meses. Qualquer pessoa teria grande prazer em se formar em uma escola tão famosa, mas, no caso de Koji, não era tanto só a alegria de receber um diploma quanto a de poder tornar-se aluno do Prof. Enesco, após o seu primeiro encontro, meio ano antes. Durante dois anos, até que esse grande mestre falecesse, ele ensinou a Koji. Quantas coisas nobres e valiosas Koji aprendeu só pode ser imaginado.

Koji tinha-se tornado um jovem adulto, quando perdeu o Prof. Enesco, e aí foi capaz de procurar um professor novo para si. Escolheu Arthur Grumiaux, um professor da Escola Real de Música em Bruxelas que também dava concertos, recitais, fazia gravações e era talvez, o mais destacado violinista na Europa naquele tempo. Quando Koji ouviu Grumiaux tocando num concerto, decidiu que gostaria de tê-lo como mestre.

Koji se tornou o aluno número um de Grumiaux. Há duas pessoas às quais esse professor era mais ligado e ambas são japonesas e estudaram comigo desde a infância. Uma delas, não é preciso dizer, é Koji Toyoda; a outra, que também se tornou aluna de Grumiaux, é Tomiko Shida, que recebeu o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Música em Munich, em 1963.

Em 1964, quando Grumiaux e sua esposa vieram ao Japão, a convite do Festival Internacional de Osaka, ele passou por Matsumoto, e foi lá que eu vi e encontrei pela primeira vez o professor estrangeiro de meus antigos alunos. Seu concerto foi uma apresentação artística maravilhosa.

Foi muita sorte poder entrar em contacto com uma personalidade assim - uma pessoa boa, calorosa com espírito nobre, generosidade humana, simplicidade e naturalidade. Fiquei muito contente por Koji e Tomiko e me senti tranquilo por saber que eles estavam sob boa tutela. Tomiko Shida tocava lindamente antes de ir ao exterior e fiquei contente por ela encontrar um professor que iria dar à sua habilidade um polimento ainda maior.

Para se conseguir alto valor artístico e senso musical, é absolutamente indispensável ter-se uma mente pura. Em 1960, aconteceu o seguinte com Tomiko Shida.

TOQUE APENAS PARA O ESPÍRITO DE CHAUSSON

Cerca de mil pessoas - alunos e suas mães - vêm para a escola de verão da Educação do Talento, em Matsumoto, chegando de todos os distritos do

Japão. Todas as noites há concertos.

Antes de ir para a Europa, Tomiko devia tocar "Poeme", de Chausson (1865-1899). Pouco antes da apresentação ela disse: "Professor, é tão difícil, estou com medo". Respondi: "Do que você tem medo? Você não toca essa bela peça para a audiência. Você não está mostrando a sua habilidade para ela. Pare com pensamentos desse tipo. Se cometer um erro, apenas repita a passagem errada. Hoje à noite, você tocará para o espírito de Chausson. Essa maravilhosa poesia, coração, inspiração, toque-a juntamente com a sua própria alma e você não terá nada a temer. Pense apenas que, além de Chausson e você, não há mas ninguém no mundo."

Aquela noite ela, realmente, tocou de forma maravilhosa. Fiquei comovido até às lágrimas ao cumprimentá-la. Mais tarde, ela tornou-se uma orgulhosa aluna de Grumiaux.

O CAMINHO PARA O TALENTO

Passei a maior parte do meus vinte anos como estudante em Berlim. Ao chegar à Alemanha, procurei o melhor professor de violino e o encontrei na pessoa de Karl Klingler. O professor dava-me peças difíceis como tarefa de casa. Eu praticava cinco horas por dia, mas, por mais que me esforçasse, parecia haver um alto muro no caminho do progresso. Dias e meses se passavam assim. Não progredia absolutamente nada e fui tomado de profunda resignação: "É desesperador, não tenho nenhum talento".

Acrescentava-se a isso o fato de eu ouvir concertos de grandes músicos, o que aumentava ainda mais meu desânimo. Quando escutava a famosa Orquestra Filarmônica de Berlim, com seus músicos excepcionais, eu ficava profundamente impressionado, mas também me sentia mais miserável e desesperado após os concertos. "Que pena não ter talento", pensei. "Todo esse esforço diário não vale nada". Achava que me faltava capacidade e desejava morrer. Esse tipo de sentimentos se apodera, em gradação diversa, de todas as pessoas jovens, principalmente daquelas que querem se dedicar à arte. Comparando a enorme realização e o grande talento dos antecessores com a nossa habilidade e se, além disso, foi-nos ensinado que o talento é inato, qualquer jovem sente-se melancólico e desesperado.

NENHUM TALENTO É PEQUENO DEMAIS PARA UMA TENTATIVA

Creio que muitas pessoas jovens que duvidam de seu talento abrigam pensamentos de suicídio. Mas, em vez de viverem uma vida triste e sem esperança, deveriam começar a se dizer: "Talento *não* é inato, precisa ser

criado". Tendo conseguido esclarecer isso, é possível obter-se novo impulso que nos leve até a trilhar o caminho de esforços e dificuldades com muita esperança. Um esforço correto é sempre útil, se estamos conscientes de que é orientado para um fim correto. Quando saí do Japão, não era meu objetivo tornar-me um músico. Fascinado pela música, queria conhecer o segredo dessa arte humana. Que é a arte? Queria saber. Desesperado e desiludido pela falta de habilidade musical, o orgulho ferido me impulsionava na busca do segredo da arte e isso curou meu desespero. Mesmo se eu não tivesse talento, e mesmo se o progresso fosse lento, estava determinado a ir-me arrastando, passo a passo, em direção ao objetivo de me tornar um ser humano integral e equilibrado. Não me apressava, mas também não descansava. Tentei incessantemente. Consegui paz de espírito e um sentido para a vida.

COMPREENDI O ABSURDO DE ME LAMENTAR PELA FALTA DE HABILIDADE

A devoção à arte ajudou a desenvolver e educar a própria habilidade. "Eu não tenho talento" - quanta tristeza e desespero são ocasionados por essa crença sem sentido! Por muitos anos, pessoas de toda parte sucumbiram a essa falsa maneira de pensar que é realmente apenas uma desculpa para evitar trabalho. Depois de longos estudos, durante um período de tempo, finalmente aprendi que o homem é um produto de seu ambiente. Se eu soubesse antes que podemos desenvolver habilidade por treinamento, teria seguido o caminho certo muito mais cedo.

Toda criança pode ser educada, é apenas uma questão de método de educação. Qualquer um pode treinar a si mesmo, é só uma questão de usar o tipo certo de esforço.

DEIXAR-SE VENCER PELO RECEIO DE NÃO TER TALENTO E DESISTIR DOS ESFORÇOS É PURA COVARDIA

Treinamento fraco origina habilidade fraca. As pessoas deveriam fazer todo o esforço, mesmo nas dificuldades, para acumular e construir uma habilidade superior. É isso que eu gostaria de deixar impresso nas mentes.

Bem, então o que é o esforço certo e correto? Vamos discutir isso adiante. Aqui queremos apenas lembrar uma coisa: - repetição. Se alguém aprendeu algo, deve conseguir maestria repetindo-o muitas vezes.

A ciência não pretende explicar aquilo que não entende. Portanto, as pessoas que sabem alguma coisa de ciência não deveriam escutar opiniões tais como "talento inato" em relação à habilidade humana. O que a ciência

realmente sabe sobre potencialidade humana inata? As superstições sobre treinamento de talento devem ser descartadas. Discutir sobre o fato de alguém ter ou não talento não nos adianta muito. Abandone esses pensamentos e use seu próprio poder para criar talento!

OBSERVE OS FATOS: ACANHAMENTO É RESULTADO DE TREINAMENTO ERRADO

Quando eu ensinava na Escola Imperial de Música, uma das alunas disse: "Professor, eu sou tão desajeitada e meus dedos não se movem rapidamente".

"Desajeitada? Quem decidiu isso?", perguntei. Seguiu-se este diálogo: "Eu acho".

"Então você se subestimou. Você erra em chamar-se de desajeitada. É o mesmo que você aplicar os freios num carro e depois reclamar que ele não anda direito".

"Mas os meus dedos não se movem com suficiente rapidez".

"Você sofreu um acidente ou machucou seus dedos?"

"Não".

"Ponha então sua mão esquerda sobre a mesa. Muito bem. Agora tente junto comigo mover seu primeiro dedo como se estivéssemos tocando piano. De quem é o dedo que se move mais rapidamente?... Viu, será que ele não se move depressa? Você vê, não há nada errado com seus dedos. Sua cabeça e dedos não estão trabalhando juntos é só isso. Se eles não estão trabalhando em conjunto, sua prática não serve. Pode-se dizer que a sua maneira de praticar tem sido muito precária".

"O que podemos fazer?"

"Quando eu tinha sua idade, também praticava vigorosamente de uma maneira errada. Não havia quem me corrigisse. Agora tente isso: de agora em diante, ponha seus dedos devagar e cuidadosamente nas posições que você quer conseguir rapidamente. Repita muito por três dias. No quarto dia, vá um pouquinho mais depressa e continue por mais dois dias. No sexto dia, você deverá ser capaz de ir rapidamente sem dificuldades".

Ela praticou da maneira que a orientei e, na lição seguinte, seus dedos se moviam com rapidez e precisão e não houve mais queixas.

A ALEGRIA DE TRINTA TRABALHADORES

Fui convidado para dar uma palestra numa fábrica. Depois da conferência e de trocar algumas amenidades com o diretor, ele disse "Nossa fábrica emprega cerca de trinta trabalhadores manuais. Embora façam o possível, o trabalho prossegue muito vagarosamente. Parece que nasceram dessa forma. Há alguma coisa que a Educação do Talento possa fazer para melhorar essa

situação? Isso porque nós já estamos endividados".

Eu estava pensando na estudante cujos dedos só se moviam devagar. "Você diz que suas mãos são vagarosas. Entretanto não são as mãos, mas sim, as cabeças que são lentas".

"Não são as mãos?"

Pedi ao diretor que deixassem os trabalhadores jogar pingue-pongue por uma hora, durante o expediente, dando-lhes um bom treinador. "Então a cabeça e o corpo vão ter que trabalhar em conjunto e tenho certeza que isso vai melhorar sua eficiência no trabalho".

"Essa é uma proposta interessante", disse o diretor. Ele a testou e, meio ano mais tarde, recebi uma carta entusiasmada: "Graças a você, a eficiência no trabalho foi aumentada incrivelmente, na forma que você tinha dito. Estou muito feliz. Além do fato de eles trabalharem tão bem agora, ainda têm pingue-pongue para recreação. Gostaria muito de lhe mostrar como seu conselho foi útil.

HIROKO CHAN - ESPECIALMENTE LENTA EM TUDO

Comecei a aprender violino com 17 anos. O dedo mínimo era terrivelmente incompetente, porque, é claro, nos últimos 17 anos, ele não tinha sido treinado para tocar violino. Eu queria que ele se movesse com eficiência, mas não correspondia. O trinado era inteiramente sem expressão e mostrava toda minha incapacidade. Desejava que o meu dedo mínimo pudesse ser usado pelo menos tão bem como os outros e, para isso, pratiquei muitos anos todos os dias. Mas, mesmo hoje, depois de 40 anos esse dedo ainda não tem a capacidade de expressão e a habilidade dos outros. Aquilo que não praticamos durante nosso crescimento, exige muito esforço e dor mais tarde. Isso fica cada vez mais claro para mim, especialmente quando ensino criança de 4 a 5 anos. Desde o começo, seus dedinhos mínimos são treinados com os outros e as invejo quando vejo com que leveza e precisão esses dedinhos participam dos exercícios. Entendimento, sentimento e capacidade também podem ser desenvolvidos facilmente com tempo e prática.

Hiroko era uma menina de 6 anos. Tinha crescido numa parte remota da Manchúria e foi repatriada após a guerra. Sua avó tinha ouvido uma de minhas palestras e trouxe a criança para a escola de música de Matsumoto. Hiroko, criada nos desertos da Manchúria, era realmente mais do que vagarosa em todos os seus movimentos. Qualquer coisa que fizesse era lenta e não era possível compará-la a outras crianças. Fiquei muito preocupado com isso e apliquei a seguinte tática:

Hiroko foi agregada ao grupo de crianças de sua idade e todos foram ao segundo andar da escola, onde cada um recebeu um número. Em seguida, me pus na frente, chamando: "Atenção, quando eu disser um, dois, três, vocês põem a mão direita na cabeça, mas pensem nisso, somente no três, nem menos, nem mais". Essa capacidade de reação é necessária para se obter destreza no violino e as crianças apreciam a brincadeira. Sempre introduzi esse jogo antes de um ensaio e consegui encher o ambiente de risos e sorrisos. Somente Hiroko era sempre muito lenta e tomava seu tempo como se não existisse tempo. Queria muito que ela mudasse o seu padrão de movimento mais ainda do que ela aprendesse violino. Repeti então bastante esse jogo com as crianças todas, até que Hiroko aprendesse a tocar violino bem. Os 12 ou 13 anos seguintes trouxeram até uma surpreendente modificação: ela adquiriu rapidez e velocidade, vivacidade e até um grande repertório musical. Hoje Hiroko Yamada é a única japonesa participante da Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim.

DEZ ANOS DE ESFORÇOS PODEM TRANSFORMAR INFERIORIDADE EM TALENTO SUPERIOR

Pontos fracos ou dificuldades em crianças são geralmente considerados como "caráter" ou "natureza" e fica-se nisso apenas. Mas, através do treinamento, o contrário -os pontos de excelência- pode ser conseguido dentro de um programa de dez anos. Se realmente fizer um esforço honesto, qualquer pessoa -creio- poderá cultivar um talento em 10 anos. Mesmo em um ano, podemos transformar falhas em boas qualidades, se nos propusermos objetivos elevados. Após 10 anos, pode-se conseguir resultados extraordinários. Assim, na vida, podemos alcançar uma grande vitalidade com uma pratica correta.

Todos temos insuficiências. A mais comum é a tendência de dizer "Vou fazer isso, ou aquilo" e não começar imediatamente. Não transformar intenção logo em ação, essa postura de "adiar para mais tarde", influencia o destino de uma pessoa a vida toda. O aperfeiçoamento de nossos talentos depende da ação e de dirigirmos nossa atenção às coisas a serem feitas. Na repetição de uma ação durante apenas 3 dias nada acontecerá e - certamente, não o sucesso. É por isso que só pensar "eu desejo fazer", e não se acostumar a agir de acordo, não adianta muito.

Não há limite para nossas insuficiências. Até o dia de nossa morte não deveríamos poupar esforços e tempo para transformar nossas fraquezas em mérito. É um empreendimento agradável e interessante, semelhante ao de um cavalo de corrida que, saindo em último lugar, passa por todos e chega à ponta. É o mesmo tipo de prazer.

REPETIÇÃO, REPETIÇÃO, REPETIÇÃO - A ARTE DE SALTAR DOS NINJUTSU -

Quero falar um pouco mais sobre a arte de cultivar habilidades. Uma vez, li um livro sobre a maneira dos Ninjutsu aprender o salto em altura. "Plante uma semente de cânhamo e salte sobre ela cada dia". dizia uma das regras. Habilidade especial só se consegue com concentração e dedicação completa.

O cânhamo cresce depressa. Para quem o observa diariamente, não parece, mas ele cresce todas as horas, sem interrupção. Se pularmos a planta diariamente, a capacidade de saltar vai crescendo com o crescimento da planta. É espantoso as alturas que o cânhamo alcança em um ou dois meses principalmente se não o vemos constantemente. Se, de repente, o quisermos pular, sem ter praticado, não vamos conseguir. Mas, se estivermos concentrados no esforço de aprender a pular, enquanto a planta cresce, teremos naturalmente muita facilidade.

Nós conversamos tão bem em nossa língua materna, porque conversamos diariamente. Isso é mesmo que o pulo diário sobre o cânhamo, desde o dia em que ele brota. "A prática faz o mestre", diz o ditado. Nós temos de praticar e educar nossos talentos, isto é, repetir as atividades até que elas aconteçam naturalmente, fácil e simplesmente. Esse é todo o segredo.

EXEMPLO DA MÃO DIREITA

Habilidade não cresce sozinha, temos de educá-la. Cada homem precisa instruir a si próprio; em vez de lamentar sobre falta de talento, deveríamos criá-lo em nós.

Para quem é destro, a mão esquerda é inferior à direita. Isso vem de ela ter sido relativamente inativa. Ambas as mãos seriam iguais se, de início, tivessem sido treinadas igualmente. Assim como são, parecem ser diferentes. Acontece a mesma coisa com os talentos humanos. Não tentar educar, desenvolver nosso talento, pensando que, por nascimento ou natureza, não temos nenhum, é nossa própria estupidez. Se treinamos a cada dia para fazer algo específico, desenvolveremos energia, educaremos os sentidos, expandiremos as nossas habilidades. Observe a sua mão direita. Ela é melhor que a sua esquerda, porque assim a fizemos. Ao nascer, a mão esquerda não era inferior! Ambas eram iguais e veja como são diferentes agora! Analogamente, qualquer habilidade que temos não é inata, mas desenvolvida por nós, através do treino. Talento é algo que nós mesmos produzimos.

Nossa mão direita sabe disso. Por que ela tem sua extraordinária

habilidade? Por repetição. Uma pessoa pode desenvolver talentos especiais da mesma forma: pela repetição. Se paramos de treinar, assim que sabemos fazer alguma coisa, não podemos estar certos de termos realmente conseguido absorvê-la por inteiro. Precisamos praticar mais até conseguir que isso seja natural e simples. Quanto mais praticarmos, melhor estaremos. Assim nasce o talento. Longe de ser inferior à mão direita, a esquerda teria as mesmas habilidades, se fosse igualmente treinada.

A BELEZA DA REPETIÇÃO HONESTA

Devemos esbanjar esforços em nos aperfeiçoar. É um erro acreditar que nascemos com talentos que se desenvolverão sozinhos. Se temos um jeito fácil de realizar algo, isso significa que, por constante repetição, conseguimos tornar essa habilidade uma parte de nós mesmos. "Tornar-se parte de nós" é dizer que o nosso objetivo foi conseguido por trabalho e repetição até o ponto de se ter estabelecido firmemente em nosso consciente.

Aprendi o que foi dito acima através de autodisciplina durante meu estudo na Alemanha quando, buscando aprimoramento e auto-consciência, tive de me defrontar com minha inabilidade para tocar música. Creio que é muito importante, não só para jovens como também para adultos, tomar consciência disso. Até hoje procuro não esquecer. Por exemplo, recentemente escrevi a frase "O tom tem alma viva sem forma" em mil e quinhentos *shikishi* (quadrados ou retângulos de cartões cobertos de seda) nos quais se costumam escrever os poemas *waka* japoneses. Dei um a cada formando no concerto anual em março. Muita gente acha que é um trabalho imenso. Tenho de levantar muito cedo para poder fazer isso, bem como dar conta de meus compromissos, mas, longe de achar pesado, muito me alegrou. Tomei o *Sumi*, uma caneta chinesa, e pus as palavras em cada folha. Embora não sendo calígrafo, procurei melhorar a escrita em cada *shikinshi* e minha confiança crescia a cada folha. Trabalhei com vigor e consegui, embora somente a meu ver, uma esplêndida caligrafia. Ainda assim, nenhuma folha ficou como a outra. Quanta satisfação recebi desse trabalho e quão bem me senti, após cada repetição, não é possível dizer com palavras.

DESENVOLVE A PERFEIÇÃO ATRAVÉS DA REPETIÇÃO

Minha autodisciplina transformou-se, em outras palavras, no método da Educação do Talento. Meus próprios erros de treinamento do passado foram transformados em método melhorado, correto e razoável. Se alguém afinal, é capaz de tocar uma peça de música, logo mais pode tocar mais uma e outra e muitas outras. Mas só "tocar passando por cima" várias peças não significa praticar bem se nenhuma delas é tocada realmente de maneira

excelente. Mesmo após muitos anos de esforços contínuos, não devemos considerar nossa interpretação como algo além do normal. Apenas poder dizer "Sabemos tocar todas essas peças" é, na verdade, insatisfatório, porque leva ao relaxamento da sensibilidade musical, da interpretação limpa, etc.

Isso não vale só para a música, mas, também, para todas as outras atividades. Importante é que a capacidade seja levada pelo trabalho à altura maior possível. Aprenda uma coisa e pratique e burile a cada dia, três meses seguidos, se necessário! Enquanto isso, ouça as melhores interpretações musicais do mundo, constantemente! Assim, logo se poderá tocar melhor, mais excelentemente e até alcançar um nível mais alto. Nesse momento, não será mais uma questão de técnica apenas, mas de posse de espírito e coração.

No violino, a maneira de terminar uma frase mostra a atitude espiritual. É uma importante questão de tempo. Embora a peça termine, a música ainda não, por um instante. Bach, por exemplo, costumava anotar *Fermate*, à tinta, nos seus textos de música do século XVIII. A tranqüilidade das orações, o dobrar silencioso dos joelhos, se assemelham a esse momento importante. A pessoa que chegou a esse nível alcançará uma nobreza de coração e espírito além do senso artístico, e vai-se elevar e ultrapassar os outros.

NÃO TENHA PRESSA, MAS NÃO DESCANSE; PACIÊNCIA É UM DOM IMPORTANTE PARA A PROEZA

Habilidade é algo que devemos criar ou elaborar em nós mesmos. Isso significa repetir e repetir até que algo seja parte de nós mesmos. É fácil dizer isso, mas ter realmente força para agir, aí está o problema. Há muitas pessoas que resolvem: "Vou conseguir isso ou aquilo". Qualquer um pode dizer isso facilmente, mas nem todos realizam suas intenções. Começam talvez, mas não continuam realmente e não põem força suficiente nos seus esforços, deixando as coisas feitas pela metade. Na verdade, não é essa a experiência de muitas e muitas pessoas? Só há uns poucos que vão adiante com seu objetivo e conseguem realizações. Em qualquer trabalho que seja, o caminho para o sucesso é, afinal, manter-se firme em seus propósitos. Qualquer um pode fazê-lo, depende só da vontade.

Realizar uma proeza é o produto da energia e paciência que devem ser treinados como todas as outras habilidades. E temos que crescer com essa idéia. De outra forma, como podemos trabalhar bem? Nós mesmos temos de atentar para esse fato. No início, a perseverança e a paciência decidem nosso destino. Por quê? Se suportarmos e continuarmos a gastar a energia para atingir o objetivo proposto, a paciência necessária se desenvolverá e nossa capacidade de realizar algo crescerá cada vez mais. Essa habilidade, uma vez conseguida, nos ajudará a trabalhar muito mais facilmente, aumentando, ao mesmo tempo, nossa energia e perseverança.

CRESCIMENTO NATURAL

Se alguém não consegue ser paciente e abandona um projeto no meio e depois recomeça, e larga e recomeça, numa repetição sem fim, não há de obter bons resultados. Uma pessoa que trabalha assim nunca vencerá as dificuldades e, no meio do caminho, desistirá de seus esforços como sendo inúteis e sem esperança. A infelicidade de muitos jovens é causada por esse tipo de raciocínio. Vamos pensar, de novo, no exemplo de uma árvore. Uma semente é plantada na terra. Não vemos quando a germinação começa. Esta é a arte da Mãe Natureza; é o princípio fundamental do trabalho. Temos de esperar com paciência. Não podemos desenterrar a semente, para ver se ela está realmente crescendo; apenas destruiríamos tudo.

Repentinamente, um broto aparece. Que alegria e prazer vê-lo crescer! Ao mesmo tempo a raiz, escondida na terra, está ficando mais forte e tem o potencial de produzir uma árvore grande e resistente. Creio que essa é uma boa analogia para a habilidade humana. Uma vez que a semente da habilidade está plantada, deve ser tratada com cuidado e paciência. Finalmente, o "broto" ou talento se apresenta e tem de ser educado e criado com perseverança até que a "raiz" ou poder se torne muito forte e indissoluvelmente ligado à personalidade. Pode-se dizer que é um tesouro uma pessoa conseguir levar o seu trabalho até o fim.

SEM PRESSA, SEM DESCANSO

Tomar uma resolução e agir de acordo, é viver com esperança. No confronto com uma alta montanha, não podemos atingir o topo com um salto, mas temos de ir passo a passo. Haverá dificuldades, durezas, mas não haverá desapontamento nem desespero, se seguirmos o caminho firmemente. Não se apresse. Essa é uma regra fundamental. Se você corre, ou cai ou tropeça, você não consegue nada. Não descanse em seus esforços; essa é outra regra fundamental. Sem parar, sem correr, cuidadosamente, dando um passo por vez para frente, certamente há de chegar. Dar-se inteiro com paciência incansável e forte perseverança, ao que chamamos *Kan* -intuição ou sexto sentido,- é inteiramente necessário em educação. Sem isso, o Dr. Hakushi Yukawa não teria descoberto sua teoria do mesotron. Pelo menos, assim acredito.

UM RAIOS DE SOL PARA UMA CRIANÇA QUE VIVE NO ESCURO

Certa manhã, recebi a visita do Sr. Tanaka, um pintor, que me apresentou uma carta de um amigo meu. Ele trazia pela mão um belo menino que era cego. O Sr. Tanaka disse: "Este é meu filho Teiichi, cinco anos. Quando

bebê, teve uma doença nos olhos e, como era um caso de vida ou morte, teve de ser operado: ambos os olhos foram retirados. Minha mulher e eu queremos dar a nosso filho uma luz na escuridão, uma luz que o ilumine através da vida. Pensamos na música e vim lhe pedir que o tome como aluno de violino".

Enquanto eu observava o menino que, durante toda a vida, teria de encontrar o seu caminho sentindo com as mãos e tateando, meus olhos lacrimejaram. Não pude concordar logo, pois tinha de estudar um método para orientar uma criança inteiramente cega. Por isso respondi: "Por favor, esperem uma semana. Se eu acreditar ser capaz e tiver bastante autoconfiança para ensinar este menino, então farei tudo para que o ensino seja um sucesso".

Naquela noite, no meu tranqüilo quarto de trabalho, pensei sobre esse difícil problema. Como poderia eu ensinar a uma criança cega? Não tinha idéia. De repente, pensei que, primeiro, teria de me transportar à condição de um cego. Levantei e apaguei a luz. No escuro completo, me sentei de novo. "Sim, assim é. Tenho de descobrir o que significa estar no escuro completo; então poderei entender melhor o escuro mundo dos cegos".

O quarto me parecia um local vazio. Eu não enxergava o violino e o arco, embora soubesse bem que estavam ali. As quatro cordas, as posições.. o pequeno levantar e baixar do arco na mudança de cordas... como poderia eu fazer com que o menino entendesse todas essas dificuldades do aprendizado de violino? Na negra escuridão, apalpei em volta, tirei o violino e o arco da caixa e comecei a tocar. Para mim, realmente é a mesma coisa, se está escuro ou claro, pois toco, muitas vezes, de olhos fechados. Consegui imaginar exatamente a ponta do arco, as cordas, o cavalete e as posições, podia "ver" tudo. Muitas vezes fecho os olhos, enquanto toco, sem mesmo tomar consciência disso. Agora começava a entender que, às vezes, nos confiamos em nossos olhos. Através de *Kan* recebemos o poder da sensibilidade para tocar.

Exercícios repetidos emprestam uma força notável. Sem o sabermos, vai-se formando uma grande força através das nossas atividades de vida, a capacidade *kan* que nos dá condições de vencermos todas as dificuldades. Por isso, eu conseguia tocar mesmo nesse mundo escuro, no quarto em que não enxergava nada, nem à esquerda, nem à direita. e então...

ABRE-SE A VISÃO ESPIRITUAL

"Sim", disse a mim mesmo. "Vou ensinar o pequeno Teiichi a ver violino, cordas e arco. Ele não precisa de olhos físicos, se eu conseguir ensinar-lhe a usar seu olho espiritual!" Na verdade, essa atitude definia para mim um modo de orientá-lo. O método a ser usado poderia ser encontrado mais tarde. Depois da semana combinada, voltaram o Senhor e a Senhora

Tanaka com Teiichi. Disse-lhes: "Nós vamos trabalhar juntos e combinar nossos esforços para abrir a visão espiritual do menino". Observei que levaria grandes e constantes esforços e dedicação para levar esse objeto à realização final. Então comecei as aulas. Mesmo considerando que se tratava da felicidade de seu filho, o trabalho com o Senhor e a Senhora Tanaka foi extraordinário. Não é possível expressar com palavras os seus receios e cuidados, mas seu desejo maior foi realizado: levaram um raio de luz ao coração de seu filho.

A CRIANÇA QUE NÃO VÊ NEM EM BAIXO, NEM EM CIMA, NEM À DIREITA, NEM À ESQUERDA

O primeiro exercício constou em tentar fazer visível ao menino o arco do violino. Dei-lhe o arco, deixando que ele o sentisse, do talão até a ponta, muitas e muitas vezes, de maneira que conseguisse imaginar sua aparência. Depois ensinei como segurá-lo. "Tente agora mover o arco para cima e para baixo. Agora, esquerda e direita!" De novo o movimento torto, mas a mão se movia atravessada. Seu olho espiritual não via em cima, em baixo, à esquerda, à direita. Todos os seus movimentos eram igualmente tortos. "Para esta semana é este o exercício: movimento o arco para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita".

Na verdade, eu duvidava que ele conseguisse aprender isso em uma semana. Mas pensava que segurar e mover o arco seria um jogo, tornando assim o arco "visível" para ele e que essa lição de casa poderia ser ajudada pelos pais. Depois de uma semana, já conseguia realizar o exercício razoavelmente, embora ainda não em linha reta. O próximo objetivo e o próximo exercício constou em conseguir endireitar o arco e assim, devagar, foi sendo alcançado o escopo de sua prática.

SIM, EU VEJO!

"Agora vamos tentar segurar a ponta do arco com a mão esquerda. Aqui, segure o arco na mão direita, você vê, não é?"

"Sim" respondeu ele.

"Então, vamos! Segure a ponta bem lá em cima do arco. Vamos ver se consegue de uma vez. Tente!"

Teiichi estava interessado e tinha prazer no exercício, mas a mão esquerda segurava bem fora de posição. Ele tentou, com brincadeira, muitas e muitas vezes. Errava muito, porém, às vezes, quase acertava. O casal Tanaka olhava como em oração silenciosa. Afinal, Teiichi conseguiu segurar o arco com a mão esquerda!

"Bom... faça isso cinco vezes seguidas sem errar uma vez. Esta é sua prática para a próxima aula.

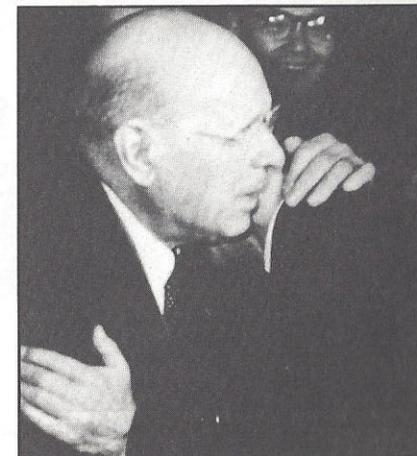


Dr. Suzuki e Koji Toyoda.



Durante uma aula, nos Estados Unidos

Pablo Casals abraça Dr. Suzuki após uma apresentação de seus alunos em Tóquio.





Uma aluna de piano pelo Método Suzuki.



Suzuki com alguns à frente do Instituto "Educação do Talento".

Para o menino cego, começou então, uma interessante brincadeira. Apesar da prática ininterrupta, só conseguia acertar quatro ou cinco tentativas. Mesmo se tivesse um único erro, ele devia tentar de novo, do começo. Mas, justamente devido às repetições, Teiichi podia ter alguma segurança de seu progresso. À pergunta, "Você vê a ponta do arco, não? Ele respondia: "Sim, eu vejo". O que significa realmente podermos "ver"? Às vezes, vinham lágrimas aos meus olhos, quando a pequena boca de Teiichi dava inconscientemente essa resposta: ele, um menino que não podia ver, nem conhecer o mundo através de seus olhos.

A prática diária de Teiichi consistia em segurar o arco numa parte determinada. Saber, ou "ver" o arco e sua ponta, através de "Kan" foi um problema difícil e importante. A prática seguinte foi manter o arco na horizontal e procurar tocar com a ponta do arco a palma de sua mão esquerda estendida. Quando toco no escuro, sinto nitidamente como e onde essa ponta se movimenta. Teiichi também precisava conquistar essa sensibilidade. Primeiro a dificuldade de manter o arco na horizontal. Eu acreditava que, conseguindo isso, a intuição entraria em jogo.

É difícil, para um menino cego, tocar a palma de sua mão esquerda com a ponta do arco, mas Teiichi achou isso uma ótima brincadeira nova e trabalhou com paciência, com apoio de sua família. Nas lições, quando acertava três vezes e não acertava a quarta, suspirava: "Puxa vida!". eu procurava encorajá-lo: "Bem, foi um chute fora, vamos tentar de novo e você vai conseguir isso de novo, acertando cinco vezes seguidas". Não há outra maneira de ensinar "Kan" a não ser através de uma boa e enérgica exercitação. Com o tempo, Teiichi conseguia fazer o exercício cinco ou seis vezes sem errar. Depois, dei o seguinte exercício para casa: estenda o polegar da mão esquerda esticada e o toque com a ponta do arco. Pensei: se ele consegue fazer isso, realmente vai tornar-se uma pessoa que vê.

DEPOIS DE UM ANO DIFÍCIL - O SUCESSO

Bem podemos imaginar as dificuldades iniciais, se lembramos as palavras do Sr. Tanaka: "Realmente não é fácil, mas, sim, muito, muito difícil!" Assim transcorreu a primeira semana. Na segunda semana, o menino já conseguia acertar uma, duas ou três vezes seguidas de cada cinco tentativas. "Agora o seu professor também vai tentar", eu imaginava que não teria dificuldades. Olhei firme para a ponta do arco, levantei a mão esquerda com o polegar esticado e tentei acertar a ponta do arco naquele ponto, mas passou de lado. Errei na segunda vez também. Quando ao final acertei, tinha o coração cheio de compreensão para o pequeno cego que, depois de duas semanas de prática diária, conseguia realizar, sem ver, aquilo que eu não tinha conseguido vendo. Quantas vezes ele deve ter repetido a prática! Mas

a força e paciência dele e de seus pais venceram: "*Kan*" se desenvolveu maravilhosamente.

Depois que o arco e sua ponta se tornaram visíveis, começou a verdadeira prática de violino. O esforço entusiasta de Teiichi foi coroado de êxito e, após um ano, ele conseguiu tocar diversas peças exatamente como as outras crianças.

Quando todos os pequenos alunos, Yoko Arimatsu, Koji Toyoda, Kenji Kobayashi, e outros deram um concerto no Hall Hibiya, em Tóquio, o pequeno Teiichi, de seis anos, tocou o Concerto de Seitz. Ao ver esse pequeno violinista cego no palco muitas pessoas na platéia tiveram lágrimas nos olhos.

"*Kan*" origina "*Kan*".

O DESTINO NO ENCONTRO COM O PRÍNCIPE YOSCHICHIRA TOKUGAWA

Aqui segue um pequeno episódio de auto-apreciação e *Kan*.

Meu pai, dono da fábrica Suzuki de violinos, envio-me para uma escola comercial, porque queria que eu trabalhasse com ele na fábrica. Nas férias de verão, sempre trabalhava lá e adquiri uma idéia geral da produção de violinos. Depois de formado, entrei na fábrica como um membro regular, encarregado da secção de exportação, empacotamento e contabilidade. Estava ocupado, mas contente. Quando, após dois anos, comecei todas as tardes a ter uma febre leve, o médico recomendou repouso. No fim do outono, fiquei três meses em um hotel em Okitsu, para recuperação. Lá conheci um outro hóspede, o Sr. Yanagida de Hokkaido, que estava com sua mulher e duas crianças pequenas. Logo ficamos amigos e o Sr. Yanagida me contou que ele havia sido colega de escola do Marquês Tokugawa no Gakushuin.

Quando voltei a Nagoya, recebi uma carta inesperada, no começo do verão, perguntando se eu gostaria de fazer parte de uma expedição de um mês para Chishima, liderada pelo Marquês Tokugawa, para fins de pesquisa biológica. Poderia também participar de algumas visitas a ilhas próximas. O navio partiria em 1º de agosto.

Depois de obtido o consentimento paterno, fui a Tóquio para confirmar, com o Marquês, a possibilidade de minha participação. Encontrei o Sr. Tokugawa lá, pela primeira vez, e esse encontro mostrou-se decisivo para o meu destino posterior, levando-me para uma nova direção.

Naquele tempo eu estava bastante influenciado por Tolstoi, justamente

no começo de novas atitudes com a vida. Foi quando encontrei o Sr. Tokugawa e, durante 40 anos, suas idéias progressistas, sua filosofia, sua personalidade e seu amor à verdade influenciaram-me grandemente. É difícil determinar com precisão o efeito que tal encontro teve em minha vida.

Era o ano de 1919. O navio *Chifu-Mar*, de 1.300 toneladas, levaria o equipamento e material necessário para o norte de Chishima. A expedição contava com 30 participantes, entre os quais o Sr. Tokugawa, o Sr. Yanagida, membros do Instituto de Pesquisas Biológicas de Tokugawa e como convidados, havia a Sra. Matsudaira, irmã do Marquês; seu filho; a Srta. Nobu Koda, uma pianista conhecida, e eu. A Srta. Koda tinha-se ligado à expedição, porque o Capitão Gunjii Taii, um irmão seu e o famoso escritor Rohan Koda, tinha sido o primeiro japonês a pisar as ilhas do norte de Chishima. Com a intenção de ser um homem da fronteira do território norte, ele tinha formado um plano de imigração para a ilha de Shumushu, extremo norte de Chishima. A Srta. Koda queria visitar esse lugar, em memória de seu irmão e seus empreendimentos.

Mesmo em agosto, estava frio no norte de Chishima. O mar era de um azul incrível e também o azul profundo do céu contribuía para soltar as asas de minha alma. Os pinguins e uma escola de baleias na baía de Shumushu, a brilhante beleza das flores agrestes como um tapete na ilha isolada sob o sol - esse cenário de Chishima produzia uma grande impressão em todos nós. O contato amigável entre as pessoas a bordo, a felicidade e o calor humano, ficarão para sempre em meu coração.

Naqueles dias eu não conseguia me separar do violino que se tinha tornado parte de mim. Já que havia um piano na cabine eu tocava violino acompanhado pela Srta. Koda. Jovem como era, nem me ocorreu que, afinal, a Srta. Koda era uma professora de piano. Agora, lembrando disso, é que me sinto um pouco sem jeito.

Nosso navio circulou pelas ilhas e, finalmente, chegou a seu destino: Shumushu.

Enquanto caminhávamos, lado a lado, na praia do Cabo Kokutan, a parte norte da ilha, descobrimos um musgo muito estranho, de cor vermelho-cobalto, crescendo numa rocha alta e perigosa.

"Eu gostaria muito de ter um pouco desse musgo", disse o Prof. Emoto do Instituto Biológico, olhando para cima.

"Vou conseguir-lhe algum daqui mesmo, não é preciso subir lá em cima !" disse eu, tomando emprestada uma pá de um pesquisador.

No ginásio, eu tinha sido bom em atirar pedras para pegar cicadas e também havia sido o lançador na equipe de baseball da escola comercial. Por isso, tinha alguma confiança em mim. Eles me estimulavam, naturalmente achando que eu não iria conseguir. Quando olhei para o musgo junto à rocha, pareceu-me muito mais alto do que imaginara - "Meu Deus!" pensei, mas não havia meio de voltar atrás agora. Segurei a pá com firmeza e a joguei, sob os olhares dos companheiros todos, na direção do alvo. "Maravilhoso! Espantoso!" gritaram todos. A pá, por sorte, tinha penetrado bem no musgo. Entretanto ficou tão firme que não caiu com eu esperava. Nessas circunstâncias, iria ser um fracasso. Tempos atrás, eu havia atirado uma pedra num pardal que estava numa árvore e, para meu horror, o pássaro tinha caído morto a meus pés. Desde então, havia-me proibido de lançar pedras novamente. Mas, nessa ocasião, tomei uma pedra do tamanho de um punho. "Cuidado, a pá vai cair quando acertar o cabo", gritei. É claro que eu estava muito ansioso, falando assim. Entretanto, para espanto geral, a pedra realmente atingiu o cabo da pá! Junto com uma porção de musgo, veio cair bem a meus pés para meu grande alívio. Ouvindo os aplausos dos companheiros, jurei nunca mais fazer uma coisa assim tão maluca.

TAMBÉM "Kan" PRECISA SER TREINADO

A prática de atirar pedras de minha infância mostrou sua utilidade em Chishima. Para minha surpresa, "Kan" trabalhou sozinho, espontaneamente. Intuição é a confiança que está adormecida na base de experiências racionais e age num instante, quando necessário. Também a intuição, assim como as outras qualidades, não pode crescer sem treino. É uma crença popular disseminada, embora ilusória, a de que se nasce com intuição ou sexto sentido. Se alguém, entretanto, mostra uma grande intuição, significa que foi treinada anteriormente sem ser especialmente notado, a não ser em casos de emergência. Para fortalecer a intuição "Kan", não há nada melhor que um bom treinamento. Há uma diferença positiva no estado "Kan" entre uma pessoa treinada desde a infância e outra não treinada. Enquanto uma necessita quinhentas vezes de prática, a outra necessita cinco mil vezes para chegar aos mesmos resultados. Observando esse fato, as pessoas falam de intuição inata e acham que alguns não têm talento. Nós podemos nos enganar, se não voltamos a pensar no próprio dia do nascimento, para investigar a história pessoal e estudar a origem da habilidade atual. Portanto, o mais importante é, voltando ao tema anterior, colocar-se alguém no melhor ambiente possível desde o berço, treiná-lo nos métodos corretos e nunca esquecer que, se alguém falha em quinhentas vezes, pode ter sucesso em cinco mil vezes.

"Kan" crescerá. Eu não era especialista em atirar pedras, de nascença. E agora estou pintando à minha própria maneira. Na verdade, pratiquei a escrita durante 60 anos. Pintar e escrever dá muito prazer, não só a mim, mas

a outros também, americanos e outros povos. Chega até a ser uma ajuda ao Movimento de Educação do Talento, embora essas pinturas não sejam muito habilidosas. Além disso, sou capaz de descrever o caráter de uma pessoa que toca, sua postura boa ou má, a altura de seu cotovelo, tudo isso apenas ouvindo-a tocar uma música. Todo o ano, entre dezembro e fevereiro, recebo fitas gravadas de 1.400 a 1.500 alunos de nossa associação. Essas fitas vêm do país inteiro para o concerto de formatura. Ouvindo cada um, gravo de volta conselhos individuais, incluindo postura, dedilhado, arcada, etc. As pessoas se admiram de que eu possa "ver" tudo isso. É o resultado de 30 anos de treino diligente, a habilidade de "Kan".

MEU CAMINHO, DURAS REALIDADES

No fim de 1945, decidi deixar Kiso-Fukushima para iniciar a Educação do Talento na escola de música de Matsumoto. Embora a guerra tivesse finalmente chegado a seu término, o Japão estava empobrecido e o dinheiro de todos, congelado. A quantia que as pessoas podiam retirar era infinitesimal. Quando, afinal, minha esposa pode vir me ver em Matsumoto, após nove terríveis horas de viagem em pé num trem cheio e enfumaçado, ela me contou que teve uma grande sorte de conseguir emprego na Cruz Vermelha Americana em Yokoyama, onde as forças de ocupação tinham-se estabelecido. Não gostei da idéia de ela trabalhar ou de nossa separação continuar, mas naquelas circunstâncias, isso parecia inevitável.

Meu estômago era fraco desde os 20 anos e estava em condições muito insatisfatórias ao tempo do fim da guerra. Para recuperar-me, aluguei um quarto em Asama Spa, um subúrbio de Matsumoto e fui viver lá sozinho. Ter de cozinhar era um aborrecimento. Logo comecei a descuidar da saúde, pois, mesmo agora, se não há alguém para cuidar das refeições, não como nada durante o dia todo; mas, felizmente, minha esposa cuida que eu tenha uma nutrição apropriada. Naquele tempo, porque ela não podia estar comigo, eu simplesmente fazia um pote de sopa, colocando nele uma bola de arroz (o mochi), e nas sobras, adicionava mais uma bola de arroz, fazendo assim, três refeições por dia, até que minha saúde piorou mais do que nunca. Finalmente, em desespero, chamei minha irmã em Kiso-Fukushima.

Quando minha esposa me encontrou nessa condição numa outra de suas visitas, ficou muito preocupada e queria deixar seu emprego imediatamente para estar comigo, mas minha irmã prometeu cuidar de mim e pediu a ela para continuar trabalhando na Cruz Vermelha, senão todos morreríamos de fome, pois Waltraud era a única que ganhava algum dinheiro. Concordou relutantemente, mas insistiu em me visitar sempre que possível, embora a viagem difícil tomasse tanto de seu tempo e energia.

O diagnóstico médico não foi câncer ou úlcera, mas um caso grave de atonia estomacal. A dor violenta causada pela digestão inativa vinha junto com perda de percepção física e mental.

Um dia, no inverno gelado de Shinshum, sem saber o que fazer, saí do *kotatsu* (aquecedor de carvão colocado sob a mesa para aquecimento das mãos e pés), engatinhei para um canto do quarto e fiquei gemendo. Minha irmã ficou chocada por me encontrar nesse estado e não sabia o que fazer. Mas, ao menos, eu ainda tinha forças para engatinhar. Depois disso, fui obrigado a ficar de cama por um longo tempo, pois não conseguia mais me levantar.

Um dia a Srta. Misako Koike, uma professora de piano na escola de música Matsumoto, veio visitar-me. Inteiramente espantada ao ver meu estado, correu a chamar a Sra. Uehara, uma doutora de medicina chinesa. "Esta fraqueza e debilidade extremas não podem continuar", declarou ela. "Dez dias mais e seria tarde. Entretanto, é só o estômago e os intestinos; nada mais está errado com ele...Muito bem, começamos já o tratamento".

CURADO POR UMA EXCELENTE MÉDICA VEGETARIANA

A Sra. Uehara, contrariamente às instruções do médico que queria que eu comesse arroz branco ou sopa tipo ocidental, recomendou arroz integral, não polido e picles de vegetais. Embora espantado, acreditei e segui o rude tratamento da Sra. Uehara, já que eu estava mesmo às portas da morte. Para minha grande surpresa, a dieta ativou o estômago. Uma semana depois, consegui ficar de pé e, em não mais que um mês, já conseguia andar muito devagar fora de casa.

Então, quando eu estava às portas da morte e exausto pela fadiga mental, a Srta. Koike me apresentou a essa excelente médica, a Sra. Uehara, e fiquei saudável e cheio de energia e estou ainda vivo, para contar a história.

Anteriormente, quando eu estava convalescendo em Okitsu, havia conhecido o Marquês de Tokugawa e isso tinha resultado na grande oportunidade de minha vida, a de passar de empregado de escritório para o mundo da música. Nesse segundo período de convalescença, inventei um novo sistema de cálculo, não apenas para multiplicação, mas também para divisão, adição, subtração. Pensei "Se eu ficar bom, isso será algo que pode ser aplicado no plano da Educação do Talento". A escola primária de Hongo experimentou meu sistema de aritmética na década de cinqüenta, e ele agora faz parte do currículo de muitas escolas primárias do Japão, incluindo aquelas em Aichi-Ken, após teste e aprovação do Ministério da Educação.

Um dia, o princípio da Educação do Talento, baseado na maneira como

se aprende a língua materna, vai, certamente mudar o rumo da educação. Ninguém ficará para trás e, baseado em amor, ele desenvolverá a verdade, a alegria e a beleza como parte do caráter da criança. Se nada mais conseguir, pelo menos ensinará às crianças, durante os nove anos de escola compulsória, a terem calor humano e prazer em fazer as coisas boas para os outros. Pode-se educar pessoas assim. Além de minha vida ter sido prolongada, outros resultados vieram dessa segunda convalescença que só posso chamar de destino.

NOSSO PAI MASAKUCHI SUZUKI E SEUS VIOLINOS

Nasci em 1898, em Nagoya, na casa Masakichi Suzuki, fundador da maior fábrica de violinos do mundo. Ninguém pode escolher seus pais. Isso é uma realidade que está fora de nosso poder, unicamente nas mãos de Deus. Não podemos dizer: "Quero trocar com este ou aquele; lá a vida me parece mais agradável, melhor". Aqui ou lá não podemos mudar. Isto é o destino, nada mais.

Desde o tempo de meu bisavô, os Suzuki trabalhavam em casa fazendo *samisens* japoneses (instrumento de três cordas, semelhante ao banjo). Era um trabalho extra para um pobre samurai. Meu pai nasceu em 1859, no fim do período Tokugawa. Primeiro ajudou a sua família na construção de *samisens*, mas depois se estabeleceu em Edo (hoje Tóquio), como professor de Inglês. Ele deve ter sido uma pessoa de espírito muito progressista para desejar ser professor de Inglês, no começo do período Meiji. Naquele tempo, ele se interessou pelos instrumentos musicais ocidentais e começou um paciente estudo do violino que ele acreditava ter um ancestral comum com o samisen. Esse chamava-se rabanostron e, cerca de 5 mil anos atrás, no antigo Egito, quando a cultura desse país florescia, um desses instrumentos de corda foi colocado ao lado do rei em sua tumba, dentro de uma pirâmide. Há 400 anos, um missionário cristão tocou o violino, o antecessor do violino, para o príncipe Nobunaga Oda em Otsu, Lago Biwa. Mas, após a perseguição e opressão dos cristãos pelos Tokugawas, ninguém escutava o som do violino, até o reino de Meiji, quando o povo começou a gostar do violino que passou a ser tocado por muitos. Quando digo por muitos, deve-se esclarecer que não havia quase ninguém que possuísse um violino em Nagoya, quando meu pai era jovem. Por sorte, ele encontrou um professor que possuía um e pediu: "Por favor, deixe-me examinar o violino, enquanto você está dormindo". Essa noite, ele fez um desenho do instrumento.

PESQUISA SEM DESCANSO

Afinal, em 1888, fez seu primeiro violino, após uma série de insucessos.

Seguiu-se a fundação da fábrica especializada em violinos e uma constante melhoria de qualidade. Quando as coisas andavam bem, conseguia produzir 400 violinos e 4.000 arcos por dia. A Fábrica de Violinos Suzuki empregava 1.100 trabalhadores comparada com a maior na Alemanha, em Markneukirchen, que tinha 200. Meu pai não tinha estudado mecânica formalmente, mas produzia bons instrumentos feitos à máquina. Continuou seus próprios estudos e só parou sua pesquisa quando morreu com 86 anos. Tinha então 21 patentes.

Desde a infância, na vida diária, aprendi incontáveis coisas de meu pai, tanto materiais como morais. Além de sua incessante pesquisa e estudo, ensinou a sinceridade, através de sua maneira de viver. Embora a fábrica fosse muito grande, o negócio caiu no vermelho na depressão mundial dos anos 20. Mesmo agora, há três ruas vizinhas em Nagoya - a Ume-machi, a Uguisu-machi e a Hayashi-machi, com a indicação Suzuki-cho passando pelo seu meio e levando à Fábrica de Violinos Suzuki - e que foram estabelecidas por meu pai, mostrando que a Fábrica de Violinos Suzuki uma vez possuiu muita terra e propriedades, mas tudo teve de ser vendido, pedaço a pedaço, para vencer as dificuldades financeiras.

SACRIFÍCIOS PELOS TRABALHADORES

"Eu serei responsável por todos. Afinal, a companhia é minha propriedade e foi toda construída pelos esforços e a cooperação de meus trabalhadores. Não demitirei uma pessoa, enquanto tiver alguma coisa. Eu devo isso a eles". Foi assim que falou meu pai. Tivemos de vender a mansão em que morávamos e deixar ir aqueles trabalhadores para os quais meu pai conseguiu providenciar uma outra ocupação. Com a força de trabalho assim reduzida, os restantes se mudaram para uma fábrica menor.

Para as pessoas que tinham conhecido a fábrica em outros tempos, sua sucessora deveria parecer muito desbotada e pobre. Mas, para meu pai, o objetivo de um empreendimento não era apenas o dinheiro: era uma maneira de pôr os altos princípios da vida em ação. O fato da fábrica ter reflorescido novamente após a guerra, deve-se à herança de honestidade e sinceridade deixada por meu pai.

Eu gostava de pescar e, muitas vezes, ia ao rio pescar *fun*, um tipo de carpa. Mas, no fim de um dia de agradável pescaria, sempre devolvia os peixes à água, como que dizendo: "Obrigado por me dar essa felicidade". Eu nunca tive a opinião prática e materialista de que não vale a pena fazer alguma coisa, se não há lucros ou resultados imediatos. Meus sonhos são para o futuro da humanidade. E vou continuar tentando realizá-los, labutando pacientemente, honestamente e com unidade de propósito. Praticamente tudo pode ser realizado dessa forma. Foi meu pai quem plantou a semente dessa

convicção em mim.

NÃO PEÇA AO CÉU VANTAGENS INJUSTAS: LEVAM AO MAL

O fato de uma pessoa nascer numa família rica ou pobre está fora de seu controle. É uma questão de destino. Desde os tempos em que estava no primário, eu costumava brincar na fábrica de violinos, lá fazer os folguedos, quando então ouvia as conversações dos trabalhadores; depois, quando já estava no ginásio, meu pai sempre fez com que eu trabalhasse na fábrica, nas férias de verão. Nunca esquecerei a alegria de trabalhar lá.

Entretanto, cresci mais ou menos ignorando o valor do dinheiro. Talvez, por isso, mesmo quando estou apenas com o último centavo, não me sinto pobre. Nos últimos anos, em que só conseguia reunir alguns yens, chegava em casa de táxi e era repreendido pelos familiares. Nunca me preocupei com a grande mancha no forro de meu estúdio, causada pelo vazamento no teto. Falhas no ambiente nunca conseguiram fazer com que me sentisse pobre.

A Alemanha do após-1ª Guerra na qual vivi como estudante, estava na tremenda inflação que levou à ascensão de Hitler e à Segunda Guerra Mundial. Berlim estava repleta de aventureiros obscuros, nacionais e estrangeiros. Chegavam-se aos estudantes como eu: "Há um prédio de cinco andares à venda. Você pode tê-lo por 10 mil yens...". Sempre recusei, dizendo que eu não estava na Alemanha para fazer dinheiro. Um dia, porém, uma senhora idosa me ofereceu um Guarnerius por apenas 2 mil yens. Que oportunidade! Mas essas coisas não são boas. Em meu pensar, independente de tempo e espaço, uma vantagem desonesta só leva ao mal.

DÊ DINHEIRO, NÃO EMPRESTE

Um dia, um professor universitário, que me tinha ajudado a encontrar alojamento, etc. veio-me visitar. Ele disse: "Minha esposa e eu temos de fazer uma viagem para casa inesperadamente e não temos dinheiro suficiente. Eu hesito, mas..." Nesse tempo, a passagem por mar era 2 mil yens; outros 500 para despesas eventuais e poderiam viajar confortavelmente. Disse que lhes emprestaria o dinheiro e lhes pedi que reembolsassem meu pai em Nagoya.

Quando o casal partiu, escrevi ao pai para lhe informar e pedir sua aprovação. A resposta chocou-me: "Eu lhe mandei dinheiro para seus estudos. Estou espantado de sua impertinência em emprestá-lo. No futuro, nunca deve emprestar ou tomar emprestado algum dinheiro...Se você tem suficiente para emprestar, é melhor partilhar e compartilhar também as dificuldades de seus amigos.

Emprestar o dinheiro que sobrava e pensar que seria certo ser devolvido a meu pai foi um raciocínio juvenil. Recebendo a repreensão paterna resolvi nunca mais emprestar dinheiro. Daí em diante, vivo de acordo com um certo plano. Decido quanto dinheiro preciso cada mês para viver e nesse não toco para outros fins. O que sobra é para mim e meus amigos. Muitas complicações surgem a respeito de dinheiro, mas a atitude de meu pai livrou-me de todas elas e, embora meu método possa parecer ridículo, permitiu-me viver dentro de minhas possibilidades sem explorar os amigos ou entrar em transações desagradáveis.

Outra coisa que meu pai ensinou foi uma atitude de sociabilidade e vontade de aprender com os outros. Naqueles dias, a maior parte das viagens eram feitas por trem e meu pai ensinou que devemos nos deleitar com os contatos que fazemos em viagens, porque as pessoas que encontramos e as que sentam à nossa frente nos trens ou aviões foram colocadas ali pelo destino. Portanto, cumprimente-as. Pode levar a uma conversação. Aprenda a ser um bom ouvinte. A outra pessoa vive uma vida diferente da sua e sabe coisas que você pode não saber, você sempre pode aprender algo. Em vez de falar, estimule a outra pessoa a que o faça e, acima de tudo, ouça. Você vai gostar disso. Cumprimentos, saudações, como discutirei adiante, são uma parte importante da vida e a pessoa com que estamos face à face, mesmo que não a conheçamos, sempre será interessante. Foi o que formou a base de meu próprio pensamento com relação a humanidade, ao amor, harmonia, melhoria do próprio destino, oportunidades...

Um certo dia, um padre estrangeiro veio à minha casa e disse: "Você deveria ir à igreja e rezar para entrar no reino dos céus". Ao que respondi: "Não, padre. Não sou presunçoso e irresponsável para pedir o reino dos céus". Não quis dizer, claro, não desejar alcançar o céu. Apenas sinto como o poeta Issa, que "tudo está em tuas mãos agora no fim do ano". Foi através de música de Mozart que aprendi a ver tudo tão claro. Se simplesmente faço o melhor que possa ser feito, não posso me queixar, mesmo que se vá ao inferno. É uma atitude extremamente submissa. Vou ajudar à igreja tanto quanto possível, mas não peço nada em troca. Posso apenas dizer: "obrigado por tudo aquilo que já recebi".

Foi meu pai quem me ensinou essa maneira de pensar.

Quando eu estava no ginásio, houve um tempo em que quatro crianças da redondeza e eu costumávamos visitar um templo todas as tardes. Conversávamos sobre todos os tipos de coisas na ida e na volta. Era só isso, mas era uma atitude diária agradável. Depois, um dia, meu pai perguntou: "O que você diz, quando visita o templo? Respondi que pedia a proteção para todos de nossa família. O pai, porém, retrucou: "Para de ser tão egoísta.

Quando você vai ao templo diariamente, você não deveria nada dizer além de "Muito obrigado". Desde então, é só isso que digo quando visito algum lugar sagrado. Não é certo fazer uma oferta mínima num templo e pedir coisas grandes em troca. Entendi o que meu pai estava tentando me fazer compreender que, embora o homem tenha a tendência de estar sempre esperando por algo, essa é uma atitude errada.

Naquela época, tinha 17 anos. Essa idade é uma época crucial na vida de uma pessoa. Em minha vida, como irei contar agora, foi realmente uma época memorável. Na idade de 17 anos ou por aí, meu "destino anterior", ou coisas que aconteceram comigo até aquele momento foram a base sobre a qual o meu destino futuro começou a se desenrolar. É verdade que um acidente, ou morte ou algo inesperado pode-nos aguardar. Nunca sabemos o quanto o destino nos reserva, mas creio que essas coisas são dirigidas "lá de cima" e nós aqui não ganhamos nada por ter medo e preocupações. Devemos sempre ter esperança e viver a vida de acordo com nossas melhores habilidades.

O ENCONTRO COM TOLSTOI

Considero que meus fundamentos foram estabelecidos na idade de 17 anos. De certa maneira, foi o ano em que nasci, em que emergi como pessoa humana. Foi o ano anterior à minha formatura na escola comercial. Já escrevi e narrei muitas vezes, o que aconteceu então, mas, se deixar de repetir a história aqui, não conseguirei explicar a minha filosofia.

Um dia, com de costume, saí para a fábrica de violinos, onde mil pessoas trabalhavam, e me dirigi para o escritório. Descobri lá uma máquina de escrever inglesa que era novidade para mim e comecei a bater as teclas. Logo apareceu o chefe da secção de exportação e me repreendeu:

"Senhor Shinichi, não deve datilografar sem papel".

"Oh, mas não estou realmente apertando as teclas", menti prontamente.

"Oh, eu vejo", ele replicou, e saiu da sala.

Mal ele havia saído que me senti fortemente arrependido e também zangado contra mim mesmo. "Covarde", pensei, "por que menti e não humildemente pedi desculpas?". Não consegui aguentar mais e fui para casa, mas não conseguia sentar descansado. Desci para a rua Hirokoji. Tinha de fazer algo para afastar o aborrecimento. Entrei numa livraria, onde folhei alguns livros ao acaso. Depois de algum tempo, o destino me encaminhou para a cópia de um livro de Tolstoi.

A VOZ DA CONSCIÊNCIA É A VOZ DE DEUS

Era o pequeno "Diário" de Tolstoi. Casualmente o abri e deparei com as palavras seguintes: "Enganar a si mesmo é pior que enganar os outros". Essas duras palavras me atingiram profundamente; comecei a tremer de medo, sem conseguir controlar-me. Comprei logo o livrinho e corri para casa para devorá-lo. Foi lido tantas vezes que acabou caindo aos pedaços. Que homem maravilhoso Tolstoi deve ter sido! Na minha admiração por ele, aprofundei-me em todos os seus escritos. Tolstoi tornou-se o apoio de minha vida, o alimento da alma. Seu Diário ficou sempre ao meu lado e o levava onde quer que fosse. Quando depois, com 23 anos, fui estudar na Alemanha, levei-o no meu bolso. Tolstoi havia dito que não podemos enganar a nós mesmos, que a voz da consciência é a voz de Deus. Decidi viver de acordo com tais idéias.

TRABALHAR, LER E BRINCAR COM AS CRIANÇAS

Durante os anos escolares fiz estritamente os trabalhos suficientes para passar nos exames, pois estava fascinado por obras que buscassem o sentido da vida, como os ensaios de Bacon e os livros de filosofia ocidental. Talvez tudo tenha começado com Tolstoi. Estudei diligentemente as palavras do Sacerdote Dogen, sob o título *Shushogi* que dizem: "É o grande Karma de Buda que abrilhanta a vida e ilumina a morte. Se Buda está na vida e na morte, então não existe a vida nem a morte...." Ocupava o tempo com leituras desse tipo, trabalhava na fábrica até suar e meu maior prazer era brincar com as crianças da redondeza.

Mais tarde, me afastei da "consciência" de Tolstoi para seguir as trilhas de Mozart, expressas em sua música, na qual é a própria força da vida que é toda a base do ser humano. Mas creio que o fundamento dessa forma de pensar já foi estabelecido nos meus 17 anos. A imagem de crianças crescendo, sendo a própria essência da alegria de viver, exaltou então minha imaginação. Assim é que tudo começou.

A ORIGEM DA EDUCAÇÃO DO TALENTO

Eu brincava muito com as crianças naqueles dias. Elas sempre vinham correndo quando eu surgia no caminho de casa. Costumava dar as mãos e ir para minha residência, onde todos brincavam felizes com meus irmãos menores. Gostava das crianças, era só. E além disso, estava estimulado por Tolstoi; havia compreendido a riqueza que são as crianças de 4 e 5 anos e queria ser como uma delas.

Elas não se enganam a si mesmas.
Elas acreditam nas pessoas e não duvidam nunca.
Elas só sabem como amar e não como odiar.
Elas amam a justiça e se atêm escrupulosamente às regras.
Elas buscam o prazer, vivem alegremente e são cheias de vida.
Elas não conhecem o medo e vivem em segurança.

Eu brincava com as crianças para aprender com elas. Desejava conseguir a mansidão de uma criança. Houve uma grande transformação em mim e acredito que foi nesse tempo que se plantou a semente da Educação do Talento, que iria ser o meu trabalho de toda a vida.

A maioria dessas crianças bonitas cresceria para ser adultos cheios de suspeitas, traições, desonestidades, injustiças, ódio, miséria e tristeza. Por quê? Por que não poderiam ser criadas para manter a beleza de suas almas? Deve haver alguma coisa errada com a educação. Foi assim que comecei a pensar desse modo.

UM PRINCÍPIO NORTEADOR

O lema de minha "Alma Mater" a Escola Comercial de Nagoya era: "Caráter primeiro, habilidade depois". Essas palavras estavam colocadas num quadro na sala de leitura. Esse princípio foi uma luz para o meu caminho e está inscrito no meu coração. Extraordinários professores, artistas, homens de negócios e políticos, todos nós só seremos bem sucedidos nos nossos campos de trabalho, se formos também pessoas extraordinárias. Para ser bem sucedida, a pessoa precisa ter bom caráter. Desde que entrei nesta escola até sair dela, quatro anos depois, fui o presidente da classe. Como já disse, eu não estudava muito então, as notas não eram muito boas, mas eu amava e respeitava a todos e com certeza, me elegeram, porque gostavam de mim e sabiam ser eu cordato para ajudar as pessoas.

Durante os exames finais, um aluno que chamarei de "A" foi descoberto colando de "B" que denunciou isso, alto, para o professor. "A" foi mandado para fora da sala e a classe estava muito exaltada. Mas, quando a aula terminou e os alunos tinham saído, um outro aluno "C" saltou sobre o informante "B", um menino grandão, perguntando que tipo de amigo ele era, e bateu nele. Os outros juntaram-se à briga e deram uma surra em "B". Eu ainda estava na classe. Tudo se passou num piscar de olhos. Logo mandaram-me chamar, como presidente da classe, para ir à sala dos professores.

"Qual é o significado desse ataque ultrajante? Você sabia disso?"

"Sabia, eu também bati".

"O quê !" "Quais foram os alunos que atacaram o colega?"

"Todos os membros da classe, senhor".

"E você acha que agiram certo, é?"

"Não acho, não senhor. Acho que foi errado colar, mas foi grande falta de amizade acusar. Por favor, dê-nos o castigo".

TODA UMA ESCOLA EM GREVE

Voltei à classe e contei aos colegas o que eu tinha dito ao professor e fiz um pedido impulsivo. "O que fizemos tivemos que fazer por amizade. Se vocês todos concordam, gostaria de dizer que isso foi aprovado por todos nós. E este ano quero que ninguém passe nos exames finais".

Mesmo aqueles que não tinham tomado parte na briga, levantaram as mãos e todos concordaram em ficar mais um ano na escola. Logo cada aluno da classe foi chamado à sala dos professores e interrogado. No dia seguinte, havia um aviso no quadro anunciando que vinte alunos seriam punidos; haveria suspensão indefinida para dez, a lista dos quais era encabeçada pelo meu nome, e haveria repreensão para os outros dez. Embora descobrissem que eu não tinha tomado parte na briga, eu era o presidente da classe e tinha de ser punido. Os outros nove eram os briguentos usuais da classe.

Naturalmente alguns disseram que isso era injusto e que a punição não era razoável; outros disseram que tinham tomado parte na briga e perguntavam por que não haviam sido punidos. Até foram feitos protestos aos professores. Queixas sobre a administração da escola circularam entre os alunos e, no dia seguinte, nem uma só pessoa veio à escola. Era uma greve de solidariedade.

A greve durou uma semana e, depois, cada estudante recebeu uma intimação para comparecer à escola. Todos os estudantes, mil e setecentos, reuniram-se no auditório, onde o diretor, Yoshiki Nishimura, o homem que havia criado o lema: "Caráter primeiro, habilidade depois" e a quem admirávamos sobremaneira, falou para nós com lágrimas nos olhos e terminou dizendo que tudo deveria ser esquecido e que os exames finais seriam realizados novamente. Normalmente haveria pelo menos dois ou três que repetiriam, pois não era uma classe particularmente brilhante, mas, pelo que aconteceu, todos passaram e se diplomaram. Parecia irônico. Isso foi em 1916.

O MAL DEVE SER PUNIDO

Na noite do incidente da briga, contei ao meu pai a história toda e, baixando a cabeça, pedi que me sustentasse na escola por outro ano, porque iria repeti-lo, certamente. Ele sorriu e, simplesmente, disse: "Bem, se não há outro jeito, não é?" Que sorriso nobre teve! Acredito que a solução do problema estava na minha resposta; disse que reconhecia o mal, expliquei minha crença e pedi para ser punido. Deve ter sido a semente da verdadeira amizade e amor, como a tinha recebido de Tolstoi, criando raízes no meu coração. Sentia amor mesmo pelos menores insetos. No caminho, através dos campos, que fazia diariamente para casa, nos arredores de Nagoya, havia muitas formigas, grandes e pequenas, ocupadas em suas tarefas. Ainda lembro-me com que cuidado caminhava para não matar alguma. Se imaginava que uma coisinha tão pequena fosse perder sua vida para sempre, não poderia mais andar despreocupadamente. Era esse o tipo de pessoa que eu era nos anos de adolescência. Logo depois, ouvi alguns discos pela primeira vez e fiquei entusiasmado pela "Ave Maria" de Mischa Elman e pelo som do violino.

A GRAVAÇÃO DE ELMAN MEXEU MINHA ALMA

Eu fui criado numa fábrica de violinos e, quando brigava com os irmãos, batia no outro com violinos. Naquele tempo, considerava o violino como um tipo de brinquedo.

Quando ainda era estudante do curso primário, havia vezes em que os operários de nossa fábrica trabalhavam a noite toda, e cerca de cinquenta ou sessenta poliam as frentes e as costas dos violinos. Isso era mais ou menos ao tempo da guerra russo-japonesa, 1904-1905. Para cada trabalhador havia uma lâmpada de petróleo para iluminar seu trabalho. Depois do jantar eu ia, cada noite, a essa secção e ouvia excelentes contadores de histórias, dos quais ainda lembro os nomes, porque eles eram excelentes narradores de histórias de heróis como Iwami Jutaro e Kimura Shigenari. A imagem desses trabalhadores que enquanto trabalhavam à luz da lâmpada, contavam longas histórias a um menino pequeno ouvindo embevecido, ainda hoje me traz nostalgia. Quando chegava ao ponto alto de uma de suas histórias, um deles costumava dizer: "Agora um *mochi* (bolo de arroz) iria bem..." De medo que ele perdesse o fio da narração, eu corria à nossa casa vizinha em busca de um *mochi* num grande jarro na cozinha. O contador da história então torrava o bolo numa frigideira perto dali e continuava seu relato e seu polimento.

Depois de entrar para a escola comercial, eu costumava passar as longas férias de verão trabalhando na fábrica. Aprendi tudo sobre construção de violinos, o trabalho mecânico, o trabalho manual e o acabamento final.

Aprendi um trabalho que exige o máximo de si, e isso me encheu de prazer.

Antes de me formar na escola comercial, inesperadamente, ganhei um gramofone. Não era elétrico como os modernos, tinha de lhe ser dado corda manualmente e tinha um alto-falante de chifre, com a forma de uma flor e era tão grande que, dentro dele, cabia a cabeça de uma criança. O primeiro disco que comprei foi a "Ave Maria", de Schubert, tocada por Mischa Elman. A suavidade do som do violino de Elman me fascinou completamente. Seu som aveludado, enquanto tocava a melodia era algo como um sonho que me impressionava tremendamente. Imaginar que um violino, que sempre considerei um brinquedo, poderia produzir tal beleza de som!

A "Ave Maria" de Elman abriu-me os olhos para a música. Não tinha idéia por que minha alma estava tão comovida. Mas, ao menos, havia desenvolvido a habilidade de apreciar esta beleza. Minha emoção profunda foi o primeiro passo na busca do verdadeiro significado da arte. Trouxe um violino da fábrica para casa e, ouvindo Elman tocar um minueto de Haydn, tentei imitá-lo. Não tinha a partitura, movia apenas o arco e tentava tocar aquilo que ouvia. Dia após dia, lutei para dominar essa peça. Minha auto-instrução era mais um arranhar do que qualquer outra coisa mas, finalmente, cheguei ao ponto de poder tocar a peça.

Dessa maneira, o minueto de Haydn veio a ser a minha primeira "peça". Com o tempo, tocar violino, cada vez me dava mais prazer, até ficar inteiramente apaixonado pelo instrumento, desenvolvendo, simultaneamente, um profundo amor pela música.

LEVANTANDO-ME ÀS 5 HORAS DURANTE 50 ANOS

Na fábrica de violinos, os portões sempre se abriam às 7 horas. Do ponto de vista dos trabalhadores, não só meu pai, como também nós, crianças, éramos administradores e não esperavam que chegássemos antes das nove horas. Mas, no meu primeiro dia na fábrica, pensei: "Bem, eu na verdade, sou um trabalhador como os outros. Por que haveria de ter privilégios?" Não me parecia justo, de um ponto de vista puramente humano. Todos começam às sete e vou fazer o mesmo, decidi. Pode ser também uma das idéias recebidas de Tolstoi. Levantava cada dia às cinco horas. Acordava meus irmãos e irmãs e os levava para uma caminhada no Parque Tsurumi. Havia um lago no parque e as carpas faziam ondas na água, enquanto nadavam à nossa volta, esperando algo para comer. Depois disso, corria para casa tomar café e saía para a fábrica. De minha nova residência, podia caminhar para a fábrica em 17 minutos. Mesmo hoje, me levanto às cinco. O hábito que adquiri de acordar às cinco horas, nos vinte anos em que trabalhei na fábrica ficou comigo nos últimos 50 anos. Às cinco da tarde,

terminava o trabalho e ia para casa. Uma ou outra criança das redondezas estava sempre a me esperar. Balançando em meus braços e abraçando minhas pernas, elas estavam ansiosas para chegar em casa e brincar. Eu amava o violino, o meu trabalho e falar e brincar com as crianças. Aqueles foram dias realmente felizes. Será que eu não sentia nenhum descontentamento? Creio poder dizer, em verdade, que não tinha queixa alguma do mundo ao meu redor.

Diferente, contudo, era a situação comigo mesmo. Estava descontente. Constantemente eu me criticava e descobria coisas em mim que desejava melhorar. Não tinha a menor vontade de criticar os membros de minha família por usarem do privilégio de chegar mais tarde ao trabalho. Os operários começavam cedo: sentia que isso era o que eu devia fazer também. Era a voz da consciência. "A voz da consciência é a voz de Deus". - Desejava pôr em prática os ensinamentos de Tolstoi. Talvez por estar seguindo a voz da consciência ou por um senso de integridade, o caso é que eu estava bem feliz. Foi por isso que consegui ter prazer na viagem a Chishima. No fim dessa viagem, quando o Marquês de Tokugawa me perguntou: "Por que você não estuda música em vez de trabalhar na fábrica de violinos?" e a Srta. Koda concordou dizendo: "Isso mesmo, por que não? não pareciam que eles estavam falando a meu respeito. Estava trabalhando na fábrica, porque o pai queria que ajudasse na administração da fábrica de violinos, e eu não podia esperar que ele mudasse seus planos. E, de qualquer forma, estava feliz com esse trabalho.

Não estava pensando em tornar-me um músico, evidentemente. Eu havia sido tremendamente impressionado por Elman, mas estava apenas realmente interessado em descobrir o que era arte. Apenas por querer descobrir isso é que brincava com o violino. Mas...

UMA FELIZ OPORTUNIDADE: ESTADA NA MANSÃO DO MARQUÊS DE TOKUGAWA

No outono, após a excursão de verão em que fomos a Chishima, o Marquês de Tokugawa veio um dia a Nagoya nos visitar. Perguntou a meu pai o que acharia de eu estudar música, uma vez que a Srta. Koda falou que eu poderia fazer isso. Eu tinha certeza que meu pai diria: "Ele pode gostar de música, mas ele não precisa trabalhar onde ele deverá ser obrigado a se curvar diante de muitas pessoas para poder viver. Se ele quiser ouvir música, que se torne um negociante abastado e contrate pessoas para tocar para ele". Era assim que meu pai pensava há algum tempo. Meu pai sendo assim, eu tinha certeza de que ele não ia concordar.

Mas, como era o Marquês de Tokugawa que lhe pedia, ele não poderia simplesmente dizer não. Daí, veio então a mais inesperada mudança em

minha vida. No ano seguinte, fui, com 21 anos, para Tóquio aprender com Ko Ando, o irmão mais novo da Srta Koda, a técnica básica do violino. Nesse tempo, ocupei um quarto na casa do Marquês de Tokugawa, em Fujimi-cho, Azabu. Tinha pensado em comprar uma casa, mas o plano não deu certo, e o Marquês teve a gentileza de me convidar, o que significou uma sorte muito grande e uma excelente oportunidade. Nossa amizade cresceu sempre e, nas refeições em comum, ele me informava a respeito de muitas coisas. Além disso, quase diariamente, vinham amigos estudiosos a sua casa, como por exemplo, o físico Torahiku Terada e o foneticista Kotoji Satasuda, de maneira que me encontrava num círculo de pessoas extraordinárias. Hoje, estou certo de que era um objetivo secreto do Marquês Tokugawa para desenvolver minha formação da maneira mais adequada.

O RECITAL DE FORMATURA NA ACADEMIA UENO É UMA GRANDE DECEPÇÃO

Eu tinha uma aula de violino por semana com a Srta. Ando. Ela sugeriu que me inscrevesse no ano seguinte, na Academia de Música de Ueno, porque, como dizia, poderia lá estudar outras disciplinas também. Já estava planejando fazer o exame de entrada e me preparando para isso. Quando estava próximo o dia do exame, fui assistir ao recital de formatura, na Ueno, por sugestão da Srta. Ando. Fiquei terrivelmente decepcionado. Tinha ido lá com tão grande expectativa e o resultado foi desanimador. No dia seguinte foi ver a Srta. Ando e lhe disse " Escutei o recital de formatura a noite passada. Se isso é o melhor que eu posso fazer depois de estudar na Ueno, então não quero apresentar o exame de entrada. Prefiro melhor estudar com você, se possível." Após ouvir os melhores intérpretes do mundo em discos, estava desiludido e decepcionado com o concerto da noite anterior e não queria de jeito nenhum entrar na Academia. A Srta. Ando sorriu e disse: "Tudo bem, se é isso que você quer, mas terá que trabalhar muito !" Comecei a ter aulas novamente com ela, uma vez por semana. Inesperadamente, o fato de haver desistido da Academia me levou a uma viagem à Alemanha.

O DESTINO ME CHAMOU

Além das aulas com a Srta. Ando, tomei lições particulares de teoria musical com o Prof. Ryutaro Hirota e de acústica com o Prof. H.Tanabe. Depois de viver em Tóquio por um ano e meio, o Marquês de Tokugawa começou a falar em fazer uma viagem em torno do mundo. "Suzuki" disse ele "Por que não vem também? Levará cerca de um ano, mas será divertido". Eu havia justamente começado a aprender violino, achava estar ainda um pouco jovem para aproveitar uma viagem à volta do mundo nesse estágio de minha vida e declarei isso ao Marquês. O assunto foi posto de lado e ficou

decidido que deveria dedicar meus esforços ao violino. Logo depois, porém, começaram as férias de verão e, um dia em casa, mencionei o assunto da viagem a meu pai. Sua resposta foi inesperada: "Bem, é uma idéia excelente", quando olhei para ele, continuou: "Se você estivesse com o Marquês eu não teria preocupação alguma. Seria uma boa coisa você dar uma olhada no mundo. Provavelmente poderá fazê-la por 150 mil yens. Vá e faça companhia ao Marquês". Apesar dessa posição de meu pai, recusei. Não queria desistir dos estudos que eu tinha começado.

Em setembro, depois das férias de verão, contei ao Marquês, uma noite, durante o jantar, a reação de meu pai. Ele parou de comer, com seu palito no ar e disse, piscando os olhos: "Muito bem, Shinichi ! Mas, quanto aos 150 mil yens, penso que você deveria segurá-los; você poderia ficar na Alemanha e estudar lá o violino. Uma idéia genial ! Quando eu for a Nagoya, falarei com seu pai".

O Marquês Tokugawa conseguiu convencer meu pai quanto a essa idéia. Parece que ele teria respondido: "Tenho muito gosto, Senhor, que você queira levar meu filho. Deixe-o então estudar na Alemanha, com o dinheiro que sobrar ". Reconheço que é um fato comum, mas a gente nunca sabe o que nos reserva o destino. Apesar haver-me decepcionado com a Academia de Música de Ueno na primavera, agora, no outono, já estava a bordo do luxuoso navio Hakone Maru em direção a Marselha. Para meu pai eu estava numa viagem a volta do mundo mas, na verdade, meu caminho era estudar na Alemanha. Era outubro de 1920, tinha 22 anos.

Havia uma tremenda inflação na Alemanha, naquelas dias, de maneira que meu dinheiro foi suficiente. No início eu recebia 600 marcos por 10 yens e, no fim recebia 100 milhões. Precisei, claro, mais de 150 mil yens no final, pois acabei ficando oito anos na Alemanha.

Certamente não fui eu quem abriu essa porta para o meu destino, pois sempre tive o sentimento de estar sendo guiado. O que me dirigia então era o grande amor do Marquês Tokugawa. Sempre tentei segui-lo como uma criança e por causa disso ele nunca deixou de me estimular e apoiar. Foi Tolstoi que me ensinou a humildade. Assim, foi Tolstoi que abriu o caminho de meu destino.

A ALMA DA ARTE: KLINGLER, O PROFESSOR DE MINHA ESCOLHA

Perto de Natal, chegou a minha casa, em Matsumoto, um pequeno pacote da Alemanha. Vinha do Prof. Klingler que morava em Munique e que aos 80 anos, ainda é músico e compositor ativo. Continha uma Sonata para

violino solo escrito por ele. Lembrando de meu honrado professor há mais de 40 anos atrás, me entreguei à saudade de meu tempo de estudante em Berlim.

Despedi-me, em Marselha, do Marquês Tokugawa, que continuava a volta ao mundo, e fui diretamente para Berlim com o Sr. Fiegel, um engenheiro alemão que eu conhecera a bordo do Hakone Maru. Lá chegando, hospedei-me em um hotel e, durante três meses, ouvi concertos todas as noites. Havia recusado a oferta da Prof^a Ando de uma apresentação a um professor. Ouvi todos, dos maiores intérpretes a jovens artistas promissores, buscando encontrar alguém de quem dissessem minhas vozes internas claramente: "É este que eu desejo ter como professor". Mas, ao fim de três meses, ainda não tinha encontrado nenhum. Já estava a ponto de me mudar para Viena, quando ouvi o Quarteto Klingler. Eles tocavam na Academia de Canto e foi a Sra. Kapel, uma parente distante do Sr. Fiegel, que me levou a essa apresentação. Posso ainda relembrar vividamente o som da interpretação daquele noite. Era música de profunda espiritualidade. Conquistou inteiramente minha alma por sua beleza e me tomou com infinita suavidade. Ao mesmo tempo, tinha ordem e técnica em altíssimo grau. Sem nenhuma introdução e em inglês, pois ainda não sabia alemão, escrevi: "Por favor, tome-me como seu aluno".

Mal havia enviado a carta, já caíam sobre mim muitas predições desanimadoras dos músicos japoneses que estavam na Alemanha. Davam-me a certeza de que eu não tinha a mínima chance, pois Klingler não ensinava a alunos particulares. Apesar disso, recebi já na quarta-feira seguinte, a resposta: "Venha". Tive então a mesma experiência que Koji Toyoda, que, vários anos depois, aos 19 anos, aproximou-se de Enesco por impulso próprio e tornou-se seu aluno. Procurei, através das estranhas e desconhecidas ruas de Berlim, a casa de Klingler. Lá, ele pediu-me para tocar o Concerto de Rode. Errei em um trecho e tive que repetir a passagem. "Este é o fim" pensei, desesperado, mas ele me disse: "Quando o senhor poderá vir novamente?".

UM HOMEM CORAJOSO COM FORÇA MORAL E AMOR À VERDADE

Assim foi que começaram meus estudos com o professor de minha escolha e me tornei seu único aluno particular. Klingler tinha então cerca de 40 anos, era elegante e era um tipo de pessoa de quem se podia vir a gostar muito. O que me ensinou não foi tanto a técnica, mas a essência real da música. Por exemplo: quando ele trabalhava uma Sonata de Handel, ele me explicaria a grande sentimento religioso que Handel teria tido ao escrevê-la e, só depois, a tocaria para mim. Ele buscava as raízes básicas de um homem e sua arte e me levava a elas. Ser orientado por um homem de tão alto caráter, realmente foi uma bênção.

Seus amigos também eram todos pessoas maravilhosas. Ele me convidou muitas vezes para concertos em sua casa. É impossível avaliar o quanto esses concertos me ensinaram. Quando os nazistas começaram a florescer e Hitler subiu ao poder, eu estava de volta ao Japão e tive notícias que me recordaram vividamente o homem corajoso que Klingler era. Na frente da entrada da Academia de Música de Berlim, havia uma estátua do grande violinista alemão do século XIX, Joseph Joachim, um judeu. Hitler mandou que ela fosse removida. Klingler, sozinho defendeu sem medo essa estátua do homem que não só havia sido seu professor como havia também prestado grandes serviços à causa da arte. "Vocês não a destruirão" declarou. O Professor Klingler foi demitido da academia de música. Essa foi a grandeza de um verdadeiro artista. De Klingler, que tinha tal coragem, aprendi muito sobre a força moral.

MEU ENCONTRO COM A ESSÊNCIA DA ARTE

Eu tocava a peça que Klingler me havia dado e ele me corrigia. A aula durava em geral duas horas. Ele costumava sempre me indicar diversas peças ao mesmo tempo, de maneira que aos poucos, fui adquirindo um repertório bem diversificado. Possivelmente usava esse método para tentar corrigir minhas falhas. Nunca lamentava o tempo gasto comigo. Mas para mim, que tinha tendência a ser preguiçoso, era terrível ter de tocar tantas peças. Como disse antes, eu não tinha ilusões sobre minha habilidade de tocar. Mas eu não sabia que meu desespero vinha não por eu não ter talento, mas por não saber como desenvolvê-lo. Não sabia que era apenas uma questão de repetir uma peça centenas de vezes para tocá-la melhor com mais nobreza e beleza. Entretanto, aprendi de Klingler a essência do que a arte é realmente. Meu desejo básico não era me tornar artista, mas entender a arte. Nesse sentido, aprendi muitíssimo com Klingler. Nos primeiros quatro anos estudamos concertos e sonatas e, nos quatro anos seguintes, música de câmara. Isso foi porque comecei a gostar pouco a pouco de música de câmara, e porque, também, o Professor Klingler era um mestre neste gênero.

Afinal, eu estava fazendo aquilo que desejava fazer.

DR. EINSTEIN TORNOU-SE MEU GUARDIÃO

Quando me decidi ficar em Berlim e estudar com Klingler, aluguei um quarto na casa de uma viúva de cabelos brancos e sua criada já de idade. Ambas, a senhora e a empregada, eram um pouco surdas e por isso, não reclamavam de eu tocar o violino. Além deste golpe de sorte, ainda tive a chance de conhecer o Dr. Michaelis, um professor de medicina e sua família,

que foram muito carinhoso comigo. Quando o professor foi ao Japão, ele ficou várias vezes hospedado em nossa casa e então foi especialmente bondoso comigo. Quando ele recebeu o convite para ser o reitor da Universidade John Hopkins, na América, ele me disse: "Agora não vou poder mais cuidar de você, pedi então a um amigo que olhasse por você". Acontece que o amigo era o Dr. Albert Einstein, o mesmo que desenvolveu a teoria da relatividade.

Assim, inesperadamente, vivi a calorosa amizade desse pesquisador mundialmente famoso e das pessoas extraordinárias que formavam seu grupo. Isso foi uma das coisas mais maravilhosas que aconteceram na minha vida. Daí proveio toda minha convicção e a teoria básica para a motivação que me permitiu lançar, com plena segurança, o movimento de Educação do Talento para crianças pequenas. O contato com a grandeza do Dr. Einstein, como pessoa, começou da maneira que conto a seguir.

"AS PESSOAS SÃO TODAS IGUAIS, MADAME"

Antes do Dr. Michaelis ir à América, ele organizou um jantar, após o qual houve alguma música. Eu não era muito bom violonista, mas insistiram e acabei tocando uma peça de que gostava muito - um concerto de Bruch que estudava com Klingler. Depois, quando estávamos tomando chá, tivemos uma tranqüila conversação. "Eu realmente não entendo", começou uma senhora de setenta anos, sentada defronte ao Dr. Einstein, "Suzuki cresceu no Japão, num meio completamente diferente do nosso, entretanto sua apresentação expressou claramente a germanicidade de Bruch. Diga-me, isso é possível?". Após um breve intervalo, o Dr. Einstein, suficientemente jovem para ser seu filho, retrucou: "As pessoas são todas iguais, madame". Fiquei imensamente comovido.

HOMENS DE CIÊNCIA, MAS VIRTUOSOS TAMBÉM

Muitas vezes, quando havia um bom concerto, o Dr. Einstein me telefonava dizendo: "Eu tenho ingressos, vamos !"

O violonista Busch (1891-1952) era um bom amigo seu, e Einstein falava muito bem dele, como pessoa e intérprete. Antes do concerto de Busch, Einstein me telefonou indicando a hora de encontrá-lo no ponto de ônibus. Esforcei-me para estar lá a tempo, mas meu eminente amigo chegou antes. Mesmo que eu fosse ainda um simples jovem, ele tinha me convidado e me tratava como seu convidado. Consegui apenas me curvar diante dele, um tanto sem jeito.

O Dr. Michaelis era um pianista muito bom. Costumava acompanhar a esposa que havia estudado canto na Academia de Música de Viena. Uma vez, num concerto familiar, a esposa sussurrou para ele tocar meio tom mais baixo, pois estava um pouco resfriada. "Sim, querida", ele respondeu e, sem nenhuma hesitação, tocou o acompanhamento num semitom abaixo. Era uma canção difícil, de Brahms, e estava tocando sem a partitura. Fiquei atônito. Como o Dr. Schweitzer, que tinha dificuldade em escolher entre ser músico profissional e médico, o Dr Michaelis também era dividido entre a música e a medicina.

Einstein era reconhecido como virtuoso do violino. Não ia à parte alguma sem seu violino. Suas especialidades, como a Chaconne de Bach, eram magníficas. Seus dedilhados leves e fluidos e seu som tão belo e delicado faziam os meus parecerem uma luta constante, embora eu buscasse muito tocar com facilidade e sem esforço.

A IMPROVISACÃO DO JOVEM KAUFMANN

Embora nunca me dissessem isso em tantas palavras, Michaelis, o médico, e Einstein, o cientista, mostraram-me nitidamente o que o estudo da música pode fazer por uma pessoa. Mas, antes de entrar mais nesse assunto, gostaria de contar uma experiência inesquecível. Uma noite, na casa de Einstein, havia música após o jantar. Nesse tempo eu tinha um amigo de 18 anos que estava estudando composição na academia de música. (Quando eu tinha 18 anos, havia apenas começado a ensinar a mim mesmo a tocar violino).

"Hoje teremos um pouco de música de improviso, por Kaufmann". Aí Einstein tocou um tema curto no piano.

Kaufmann se levantou e disse: "Vou começar com um compositor antigo. Aqui está uma fuga no estilo de Bach". Fiquei atônito. Ele improvisou sobre o tema de Einstein com segurança e fluência, não apenas usando as harmonias de Bach, mas num estilo que lembrava claramente o próprio Bach. Terminada a fuga de Bach, alguém disse "Que tal Chopin, para seguir ?"

"Tudo bem; agora vou tocar no estilo de Chopin", e dizendo isso, começou um noturno sobre o mesmo tema de Einstein. Realmente, o tema tornou-se lindamente chopiniano numa execução animada que fluía como um rio de melancolia. Da mesma maneira, continuou produzindo bela música nos estilos de Brahms, Beethoven, Johann Strauss e Mahler. Esse tipo de coisa não pode ser conseguida, se não se está plenamente familiarizado com muitos compositores e seus estilos. E o fato de poder improvisar, sem a mínima hesitação, mostrava a confiança e a musicalidade do jovem Kaufmann.

Se esse extraordinário dom de improvisação de Kaufmann o levariam a ser ou não um grande compositor não vem ao caso agora. Eu estava muito impressionado com seu talento e me ocorreu, de repente, que esse tipo de habilidade poderia ser desenvolvido. Que prazer isso daria !

Não apenas Einstein, mas todos os membros de seu círculo íntimo, eram pessoas de alto nível em seus campos de trabalho. Todos amavam a arte e eram extremamente bondosos e modestos. Ali estava eu, um iniciante, sem nenhum talento particular, apenas um estudante que lutava, e nunca eles me fizeram sentir ignorante ou excluído, mas me aceitaram calorosamente e faziam tudo para que eu me divertisse. Ficava comovido pelos seus esforços para me incluir na conversação e evitar que me aborrecesse.

Para conseguir-se tal grau de harmonia é necessário que uns cedam aos outros e é mais nobre ser aquele que cede do que aquele que força o outro a ceder. A harmonia não pode ser realizada de outra forma. Foram coisas assim que aprendi com Einstein e as pessoas que se reuniam em sua casa.

Pessoas que conseguem reunir-se e fazer música...

Quero que as crianças japonesas cresçam para ser pessoas que tenham esse prazer em suas vidas e para ser pessoas com alta capacidade intelectual e sensibilidade, como aqueles que encontrei em Berlim. Justamente esse é meu desejo. O objetivo da Educação do Talento é treinar as crianças, não a ser músicos profissionais mas a ser bons músicos e mostrar toda sua habilidade em qualquer profissão que escolherem. O Dr. Michaelis é um exemplo disso. Li alguma vez a frase: "A incomparável beleza da matemática de Einstein". Estou convencido que essa beleza de concepção era o fruto de seu talento musical. Einstein tinha apenas 16 anos quando lhe veio a idéia que revolucionaria as ciências físicas, e ele mesmo dizia: "A idéia da ótica do movimento me veio por um caminho puramente intuitivo. E, atrás dessa intuição está a força da música. Meus pais me fizeram estudar violino na idade de seis anos. Minha nova descoberta é o resultado de minha percepção musical".

Assim, passei oito anos em Berlim na companhia feliz de pessoas de alto discernimento, sentimento e boa vontade. Em um dos concertos familiares, encontrei minha futura esposa e nós nos casamos antes de terminar meu tempo em Berlim... O grande número de concertos com artistas famosos da Europa trazia-me sempre aos olhos a minha execução insuficiente mas, apesar de meu desespero, fui mais e mais conhecendo a verdadeira essência de arte.

Os concertos que ouvi em Berlim são ricas lembranças. Cada um ainda está nítido em minha memória e o tempo só consegue cristalizá-los e fazer

revivê-los. Glazunov dirigindo sua própria composição com a Filarmônica de Berlim... a violonista Cecilia Hanses que tocou o concerto... a brilhante e superior direção do grande compositor Richard Strauss... o concerto em que Mascagni dirigiu um coral de mil vozes... a interpretação ao piano de Busoni lembrando o perfume de lírios brancos num jardim ao entardecer - quando Busoni tocava, o piano da sala da Filarmônica de Berlim parecia um outro instrumento de suave magia, através do qual se ouvia o calor humano de Beethoven por trás de sua solidão... o conjunto de concertos de domingo, nos quais Arthur Schnabel tocou as sonatas de Beethoven... Furtwängler, o chefe da Filarmônica de Berlim, que tantas vezes ouvi... Num concerto da Sociedade de Música Contemporânea, que trazia música contemporânea do mundo inteiro, lembro-me ter ficado fortemente impressionado pela expressão musical moderna da poesia sinfônica de Schonberg "Pelleas e Melisande".

Mas, de todos esses momentos, calou mais fundo em mim um programa de que constava apenas música de Mozart. Foi a noite em que ouvi o Quarteto Klingler na Academia de Canto. Ao som do Quinteto para Clarineta (em lá maior, KV-581), aconteceu comigo algo tão insólito que ficou memorável. Fiquei preso de fortíssima emoção que me fez sentir que não mais poderia movimentar os braços.

FUI CATIVADO PELO AMOR ETERNO

Foi Mozart que me ensinou sobre o Amor Perfeito, a Verdade, a Bondade e a Beleza. E agora me sinto sob o inescapável comando de Mozart e ele me deixou uma herança: em seu lugar e com força igual deverei cuidar da felicidade de todas as crianças. O que me levou a essa determinação foi a apresentação do Quinteto para clarinete de Mozart, tocado pelo Quarteto Klingler.

Naquele noite, na Academia de Canto, parecia-me como se, pouco a pouco eu estivesse sido incorporado no espírito de Mozart e, finalmente, não tinha consciência de mais nada, nem mesmo de meu próprio ser, tanto eu estava envolvido. Naturalmente, isso só ficou claro bem mais tarde. No final da apresentação, procurei aplaudir. Não sentia meus ombros nem meus braços e nem conseguia mexer as mãos. Quando é que terminaram os aplausos ? Não fiquei sabendo, pois estava lá como num sonho. Devagar, consegui controle sobre as mãos, mas ainda olhava perplexo à minha volta. Uma indescritível, sublime e encantadora alegria tinha tomado conta de minha alma, porque se tinha aberto para mim uma fresta do mundo espiritual de Mozart. Pela primeira vez, a música me fez sentir o pulso maior do espírito humano e meu sangue corria quente dentro de mim. Foi um momento incomensurável de eternidade, quando eu, um ser humano, tinha ultrapassado os limites desse corpo físico. Naquele noite, não consegui dormir: Mozart, o

homem, havia-me mostrado a luz imortal.

NA ALEGRIA DO AMOR, ESPANTAMOS A TRISTEZA

Isso aconteceu em Berlim quando eu tinha 24 anos. Desde esse dia até hoje, sinto que recebi força e motivação de Mozart. Sempre serei uma criança no seio de Mozart. O que eu nunca deixarei de admirar na música de Mozart é seu amor super-humano. É uma grande ternura e um amor que só a alma pode sentir. E esse amor atinge o profundo sofrimento do homem...a vida e a morte...a efemeridade e a solidão da vida...todas as profundas tristezas. Essa tristeza, Mozart a expressa não só com as escalas Menores nas suas composições, mas também com as escalas Maiores, e isso, no meio de seu profundo amor. Para o homem, vida e morte são uma seqüência inevitável da natureza. A música de Mozart dá uma visão nítida dessa inevitabilidade.

Esta profunda tristeza enche o modo Maior do Quinteto de Clarineta. Deixe-me mostrar o início do segundo movimento



Porém, Mozart não se entrega simplesmente a esta vida triste que não tem solução satisfatória. Aqui, de novo, se espelha o seu grande amor. Embora plenamente consciente da tristeza, ele dá uma resposta positiva de amor à vida. Justamente por isso é possível deixar para trás o desespero, envolver uma situação com amor, transformá-la e realizar a alegria de viver.

Quando ouço Mozart, parece que também ele me envolve em seu grande amor. O amor de Mozart pela humanidade não é simplesmente uma espécie de amor piedoso que orienta para a esperança no outro mundo através do êxtase religioso. " Tudo bem. A vida é triste. Mas que bela pode ela ser se existe o amor ! Vamos percorrer juntos essa vida triste, que devemos todos viver, consolando-nos e nos apoiando uns aos outros."

Essa é a mensagem de Mozart para nós e concordo inteiramente.

Há algum tempo, aprofundi-me nas obras do poeta japonês Issa e, agora, compreendo mais claramente o espírito de Mozart. Os haiku, como estes que Issa escreveu aos 50 anos, são puramente mozartianos:

*Seja o que for
Nas tuas mãos estarei
No fim do ano.*

*O tocar do sino
me lembra do meu destino.
O frescor da tarde !*

"Nas tuas mãos" expressa, creio, toda a grande alma do Budismo. Não significa que não é importante se a gente trabalha ou não aqui, nem se há algo a esperar depois da morte, mas simplesmente, que nenhum de nós, seres humanos, sabe o que a vida futura trará. Significa que, apesar de toda a tristeza, o amor pode fazer a vida mais feliz.

Para as pessoas que caminham de maneira positiva, feliz e animada, ainda quando isso é só uma aparência, pois são conscientes da efemeridade de sua vida e o quanto infinitesimal sua existência deve parecer diante do universo - quando se pergunta para tais pessoas, qual é o verdadeiro sentido da vida, elas devem responder com Mozart: "Eu vivo por amor a todos. Só uma vida assim vale a pena !"

O fato de que nascemos e, no fim, morremos, é um trabalho da Mãe Natureza que escapa à nossa responsabilidade. Essa é minha opinião sobre a vida e desejo que a minha transcorra entre Amor e Alegria. No fundo, ninguém procura ódio e dor. As crianças são uma imagem da vida na sua forma mais verdadeira, pois elas procuram viver em Amor e Alegria puras. Eu, pessoalmente, não posso viver sem as crianças. Porém amo os adultos igualmente. Sinto grande simpatia por eles - afinal, eles também terão de morrer um dia ! A vida humana deveria consistir de amor e consolo mútuo. Mozart assim ensina e assim acredito.

Está em nosso poder, educar todas as crianças do mundo, de maneira a fazê-las um pouco mais felizes e melhores. É nessa direção que devemos agir. Não busco mais do que amor e felicidade para a humanidade. Creio que é aquilo que todos buscamos afinal.

Amor é gerado por amor. Nossa vida só vale a pena se nos amamos e consolamos uns aos outros. Procurei na música o significado da arte, e a música me deu trabalho e foi meu objetivo na vida. Anteriormente, a arte significava para mim alguma coisa distante, incompreensível, inacessível. Mas descobri que ela é tangível. Qualquer pessoa que segue uma carreira na arte tende a pensar que o objeto de sua busca está distante, é por isso que procurei o seu mistério. Depois dos oito anos na Alemanha, entretanto,

descobri que não era nada do que eu havia imaginado.

A verdadeira essência da arte não se mostrou como algo alto e longínquo, mas como parte de meu cotidiano, pois a maneira como cumprimentamos, ou como nos expressamos é arte. Se um músico deseja ser um bom artista, precisa tornar-se, primeiro, uma pessoa melhor. Se consegue isso, seu valor transparece em tudo que faz, mesmo em tudo o que escreve. A arte não é algo que se encontra ao longe. Uma obra de arte é a expressão da personalidade, do sentimento e da capacidade de uma pessoa.

Por um lado, como narrei, ouvi belas obras em excelentes interpretações, aprofundando-me em Mozart; por outro lado, me foi revelada a modéstia, a alta sensibilidade intelectual e a humanidade do Dr. Einstein e de seu grupo. Assim cheguei ao alvo de meus esforços e entendi a verdadeira essência da arte. Depois desse conhecimento, todo o restante estava em minhas mãos. Dependia de mim sutilizar e melhorar, nada mais. Por que então, ficamos tão comovidos com a música? Vou procurar explicar isso.

SE VOCÊ RESOLVEU, FAÇA !

Para que serve o conhecimento ?

Numa manhã do ano de 1953, um jornalista me telefonou para informar que Jacques Thibaud havia morrido. O avião no qual ele viajava havia caído nos Alpes. Eu estava tão chocado que mal consegui dar a descrição coerente desse grande homem que o jornalista esperava de mim. Lá estava eu com o fone na mão. Sentia como se tivesse perdido para sempre uma pessoa próxima e querida. Depois do primeiro choque, chorei baixinho e trouxe à memória o meu relacionamento com ele. Nunca encontrei Thibaud, mas, há algum tempo, ele vivia em meu coração. Amava sua maneira de tocar e o admirava muito. Tendo escutado seus discos por mais de vinte anos, consegui perceber sua personalidade e estudar sua expressão e sua maneira de tocar. Música.....através do som. Thibaud havia-se tornado vivo em minha alma e tinha acordado em mim amor e admiração perenes. Música....som, tom. Que coisas estranhas são essas, me dei conta naquele momento. O homem não vive apenas no intelecto. O homem vive na maravilhosa força da vida. "O som tem vida e alma sem forma". Foi então que encontrei essas palavras que agora são o lema de minha vida.

Há cinquenta anos, eu tinha de Tolstoi: "A consciência é a voz de Deus," e viver de acordo com essa consciência era meu credo sagrado. Mas agora, "consciência" foi substituído por "vida" [agora o lema é: "A vida é a voz de Deus".]

MÚSICA, A LINGUAGEM DA VIDA.

Devemos nos submeter às exigências da vida, - mas o que é exatamente a vida? A vida que procuramos viver é uma constante busca de felicidade. Só poucas pessoas buscam a sabedoria. Crianças, na sua simplicidade, buscam a verdade, a bondade, a beleza, baseando-se no amor. Isto, acredito, é "a verdadeira natureza do homem" como foi descrito por Gautama Buda. Mozart, cuja música me ensinou o simples amor e alegria que ajudam a vencer a desolação, deve ter acreditado nisso também. E de Thibaud aprendi que a força da vida é nosso bem mais precioso.

Quando a raça humana criou a cultura da palavra e da escrita, ela produziu também uma cultura sublime chamada música. É uma linguagem que vai além da palavra e das letras - uma arte viva, quase mística. Sua ação se manifesta no reino do sentimento. Bach, Mozart, Beethoven - sem exceção, vivem clara e seguramente em sua música, falam conosco vigorosamente, nos purificam, nos melhoram e acordam em nós, a mais forte alegria e emoção.

*É jovem como um adolescente, mas sábio como um velho,
Nunca antiquado, nunca moderno demais,
Levado ao tûmulo e portanto ainda
Mais vigoroso e cheio de vida.
E seu bondoso sorriso
Nos ilumina e nos purifica.
Nunca tanto como agora...*

Essas palavras fazem parte de um poema escrito pelo pianista Busoni, descrevendo a personalidade e filosofia, a tristeza, o amor e o nobre espírito de Mozart tal qual ele se comunica conosco na sua música.

EDUCAÇÃO DO TALENTO É EDUCAÇÃO PARA A VIDA

A mãe Natureza dá a cada um de nós o potencial para viver esse tipo de vida. Mas a força de vida está além do intelecto humano. Se as pessoas apenas compreendessem que coisa maravilhosa ela é, poderiam respeitá-la mais e apreciá-la nas crianças, nos adultos e em si mesmas.

Pablo Casals comove-nos profundamente com seus concertos e ele, de sua parte, chorou de emoção na apresentação das crianças, que fez também chorar muitas pessoas. Essa emoção profunda em cada caso é sempre o resultado do encontro com a bela e grandiosa sinfonia da vida na sua forma mais pura. O coração humano, o sentimento, a inteligência, o comportamento,

até as ações dos órgãos e dos nervos, todos são apenas parte da força da vida. Não devemos esquecer que o homem é a manifestação da força da vida, e é o poder da força da vida que controla suas buscas e encontros. Por esse motivo, a Educação do Talento deve ser uma forma educacional adequada para o desenvolvimento integral da força da vida.

EDUCAÇÃO DE PREFERÊNCIA À INSTRUÇÃO

Por que todas as crianças têm o maravilhoso dom de aprender a língua materna sem esforço ? Aqui está o segredo de como desenvolver todos os talentos humanos. A escola ensina e treina o melhor que pode, sem bons resultados. Alguma coisa deve estar errada em seu método. Meus trinta anos de experiências me convenceram disso. Se o esforço é só dirigido para informação e instrução, a verdadeira vida que se desenvolve na criança passa despercebida. Faltam-nos as pesquisas sobre como a habilidade é adquirida. A palavra "educação" tem dois conceitos em seu significado: além de ensinar, contém a idéia de criar, desenvolver o que é latente ou potencial. Na escola, porém, a ênfase é posta no ensinar, e a verdadeira noção de educar fica inteiramente esquecida.

Mesmo na escola primária, os iniciantes são apenas instruídos ou informados de algumas coisas, e depois carregados com provas e mais provas para testar o quanto eles memorizaram, e baseados nessas provas é que são feitos julgamentos lamentáveis sobre o destino dos alunos: "Essa criança é superior", "Essa criança precisa duma repreensão", "Essa criança nasceu com pouca inteligência."

A avaliação não pode ser feita com provas. Provas só podem indicar o quanto as crianças entenderam e se algumas não entenderam. As provas não deveriam servir só para achar as perguntas que a criança não entendeu e quais problemas ela não conseguiu resolver ? Na realidade, essas provas mostrariam mais a habilidade do professor que do aluno. Mas infelizmente, nas escolas de hoje, os alunos só são avaliados por provas.

O propósito de mandar uma criança a uma escola primária não deveria ser só para a avaliação de sua habilidade por meio de provas. Entretanto, o objetivo das escolas hoje parece ser apenas a avaliação da humanidade, das crianças e a única coisa que parece ter importância é a graduação acadêmica. Considero isso inteiramente errado.

Mesmo não conseguindo mais nada, os nove anos de educação obrigatória deveria inculcar pelo menos uma habilidade superior em cada criança. Não precisaria ser uma matéria de currículo. Por exemplo, se a criança pudesse aprender diariamente como ser amável com as pessoas, no seu cotidiano,

que seja na escola, nas amizades ou em casa, que sociedade feliz poder-se-ia criar! Mas a educação de hoje ensina simplesmente o princípio, "Seja amável." O mundo está cheio de intelectuais que sabem muito bem que "devemos ser amáveis com os outros" mas que são, no fundo, pessoas egoístas e infelizes. A sociedade de hoje é resultado dessa forma de educação. Desejo, se for possível, uma modificação da maneira de educar, não apenas dar instrução mas dar educação no verdadeiro sentido da palavra, uma educação que estimule, que faça crescer e desenvolver as capacidades humanas, baseada sobre a vida em crescimento da criança. Por esse motivo, dedico todas as minhas forças para a promoção da Educação do Talento; o que virá de uma criança depende inteiramente de sua educação. Meu mais profundo desejo é de que todas as crianças deste mundo possam ser boas criaturas humanas, pessoas felizes, com habilidades superiores, e me dedico com todas minhas energias a realizar isso, pois eu estou convencido que todas as crianças nascem com esse potencial.

APENAS "DESEJAR" NÃO É O SUFICIENTE

Era difícil a vida no Japão, após a segunda guerra mundial. Os invernos em Matsumoto são duros, e há dias em que a temperatura cai a treze ou dezoito graus abaixo de zero centígrado. Em um desses dias, minha irmã, voltando das compras, contou, enquanto sacudia a neve, "Com todo esse frio, tem, lá na ponte de Hon-Machi, um soldado ferido, mendigando. Ele está lá, tremendo na densa neve, e ninguém lhe põe uma moeda na caixinha a seus pés... Gostaria de convidá-lo para sentar no nosso *kotatsu*, no nosso quarto quente e lhe oferecer uma xícara de chá !"

Retruquei imediatamente: "Isso só foi um *desejo* ?"

Ela me respondeu que sim e, subitamente, ela voltou correndo à rua. Aqueci mais o quarto, aumentando o fogo no *kotatsu*, peguei alguns biscoitos que alguém nos tinha oferecido e fiquei esperando. Meia hora depois, chegou minha irmã com o soldado ferido, vestido de branco. "Essa senhora fez questão...." ele tentou se explicar.

"O senhor é muito bem-vindo; entre!" Koji e eu o conduzimos ao *kotatsu* e sentamos, conversando sobre muitas coisas.

Finalmente ele me perguntou pela segunda vez: "Por que vocês são tão bons para mim ?"

"Minha irmã viu o senhor por acaso," respondi, "e ela fez questão de convidá-lo".

"É a primeira vez que alguém...e hoje estava tão frio e horrível," ele diz.

PRECISAMOS SABER TRANSFORMAR IDÉIAS EM AÇÃO

Ele contou suas experiências de guerra e de como ia, de vila em vila, juntando dinheiro para os feridos de guerra e conversamos e ainda conversamos durante três horas, até que ele tivesse se aquecido. Aí, se levantou e disse que precisava ir a Nagano. Na porta, embora ele reclamasse que já tínhamos sido muito generosos, coloquei algum dinheiro na sua caixinha, dizendo, brincando, que era apenas uma compensação por ter perdido, por nossa causa, meio dia de trabalho e afinal, a caixa não era só para ele e então não tinha o direito de recusar.

Mais tarde, minha irmã me disse: "Você me deu uma excelente lição". Era, na realidade, nossa primeira prática da regra: "Se você deseja fazer alguma coisa, realize-a !"

Várias pessoas pensam, muitas vezes, que gostariam de fazer isso ou aquilo. Todos somos capazes de pensar assim, mas, em geral, termina aí nossa ação. Só há poucos que transformam pensamentos em realidade. Reconheço que eu também tinha sido uma pessoa que só agia em pensamento e tomei a resolução: "Não há mérito em só pensar que se deseja fazer alguma coisa, porque o resultado é exatamente o mesmo que se nem se tivesse pensando. Só a ação que vale. Vou-me acostumar a realizar minhas idéias."

Mas por que tantas pessoas pensam em fazer algo e, finalmente, não o fazem ? Por que não têm a força de realizar o que se propõem ? *Se a gente apenas pensa, a oportunidade escapa.* Desde a infância, recebe-se ordens dos pais para fazer isso ou aquilo. Isso gera resistência e só se faz algo se é ordenado, com má vontade ou evita-se de fazer, se é possível. Essa reação de resistência torna-se um hábito subconsciente, a tal ponto que nem se consegue realizar as coisas que se pensa fazer se próprio, sem ser mandado. Talvez até se ache que seria bom fazer alguma coisa, mas já se encontra num estado em que não se consegue fazê-la simplesmente e naturalmente. Assim perde-se muitas oportunidades.

"Deveríamos ter feito. Era uma boa oportunidade, mas deixamos que ela escapasse." O fato de que as pessoas não são capazes de transformar imediatamente, pensamentos em ação, faz com que seu destino não se desenvolva bem. Elas fecham o estábulo depois que o cavalo já fugiu. Oportunidades aparecem para todos. Sim, elas aparecem, mas não as seguramos. Não as pegando com firmeza, renunciemos a elas.

"Deveria escrever uma carta." - "Deveria responder uma carta". Pensou, então escreve já ! Você não está fazendo nada naquele momento, mas só

pensa que vai esperar e fazer mais tarde. Mesmo os deveres mais miúdos não devem ser desprezados, mas realizados imediatamente. É muito importante ser capaz disso. Pessoas que conseguem realizar montanhas de trabalho, só o fazem por ter capacidade de atacar toda a tarefa necessária de forma correta e no tempo certo. Se empurrarmos alguma coisa para mais tarde, nunca ficará pronta, porque o "mais tarde" traz suas próprias tarefas. Portanto, você chega ao um ponto que não faz nada e torna-se uma pessoa que adia tudo. O tempo não espera, mas a maioria das pessoas são assim *narigachi na no desu* (incapazes de fazer algo).

O hábito de agir é, na minha opinião, o mais importante dos hábitos que precisamos adquirir. Sucesso ou fracasso dependem desta única coisa. Então o que precisamos fazer ? Precisamos conseguir que, em nós, se torne uma segunda natureza o transformar pensamentos em ações. Comece já, hoje ! De fato, é mais fácil falar do que fazer, mas quanto mais se age, mais o agir fica um hábito. Agir é uma capacitação essencial. Saber algo e não o realizar é uma fraqueza, mas conhecimento é só conhecimento e não deve ser confundido com capacidade e habilidade. Não até que o conhecimento se torne uma segunda natureza, que ele se transforme em capacidade e habilidade. Há muitas pessoas que sabem muito sobre o baseball e podem julgar o jogo. Entretanto, como espectadores, falta-lhes a capacidade intuitiva, o discernimento e a coordenação física do jogador experiente.

Uma boa sociedade não se constrói com pessoas que só pensam no que deveria ser feito. O que precisamos é de pessoas com a habilidade de um experiente jogador de baseball, pessoas com as mais variadas e profundas capacidades.

O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS HABILIDADES

Pensar e agir não podem ser separados. Pessoas com bom discernimento são pessoas capazes. Para julgar, é preciso pensar, refletir. Naturalmente, quando melhor é uma pessoa, mais ela será capaz de pensar de maneira construtiva, positiva. Treinando nós mesmos, o caminho para o sucesso se fecha se não fizermos uma autocrítica atenciosa. Diz-se, "felizes os pensadores". Mas infelizmente, na maioria dos casos deveria-se dizer "infelizes os pensadores". Por quê ? Porque o pensamento, freqüentemente, é um pensamento fútil e não inclui uma auto-melhoria. Para que serve colocar arrependimento sobre arrependimento ? Pensar demais faz perder o significado do pensamento e acabamos renunciando a pensar. Se não acompanharmos a autocrítica com transformação, acontece o mesmo que se não acompanhássemos nossas idéias com ações. Ensinar a si mesmo é extremamente difícil. Se nos falta capacidade, falta-nos também a autocrítica que deveria ser nosso farol. Devemos desenvolver o pensamento ou melhor a auto-melhoria. Mas como fazer isso ? Como

acontece na música, cheguei às seguintes conclusões sobre o auto-aprimoramento. Em vez de teorizar, quero dar um exemplo de como treinei uma criança que não conseguia cantar afinado, (em outras palavras uma criança não-musical) a ter um bom ouvido. Essa é a chave de como é possível realizar uma transformação.

A maioria das crianças desafinadas não consegue cantar as quatro primeiras notas da escala, *dó, ré, mi, fá*, sem fazer sair o intervalo do semitom, *fá*, um pouco mais alto. Isto é por que elas já se acostumaram a cantar o *fá* alto demais. Observei que essa "pré-educação" não pode ser corrigida. O que pode-se fazer então? Descobri que é preciso lhes ensinar um novo *fá*. Se elas, por ouvirem umas cinco mil vezes, aprenderam um *fá* errado, precisam ouvir seis ou sete mil vezes um *fá* correto. No início, não se consegue nada, mas depois de ouvir três, quatro até chegar a cinco e seis mil vezes um *fá* correto, a capacidade de cantar um *fá* correto conseguido após ouvi-lo seis mil vezes começa a superar a capacidade de cantar um *fá* errado adquirido após ouvi-lo só cinco mil vezes. Foi assim desenvolvida uma nova função. O sucesso é agora nosso. Assim como os canhotos acham mais confortável trabalhar com a mão esquerda, assim cada qual faz o que lhe é mais fácil. O *fá* correto tornou-se para aquela criança mais fácil e mais natural, de tal maneira que ela passou a cantar certo. O resultado é que desapareceu a desafinação, o que pode ser conseguido no prazo de seis ou sete meses com uma criança de seis anos.

Vemos então que é possível substituir uma habilidade errada por uma correta. Observamos que não se trata de corrigir, mas de desenvolver uma nova habilidade em lugar da que estava errada.

Se, no sentido de uma dessas experiências, levamos uma criança de seis anos, que cresceu dentro do dialeto de Osaka, para um lugar onde se fala à maneira de Tóquio, veremos que aos dezesseis anos - dez anos mais tarde - ela dominará completamente o sotaque de Tóquio. É a mesma coisa que no caso da criança desafinada. O dialeto de Osaka não foi "corrigido"; a criança adquiriu só a nova capacidade de falar o japonês de Tóquio, e essa será mais enraizada em seu subconsciente que o dialeto de Osaka.

Vamos voltar à questão de como se transformam pensamentos em ações. Parto do princípio de que a auto-melhoria, mesmo acompanhada de autocrítica, é algo difícil, e descrevi um caso que fez ver que não se trata de corrigir, mas de desenvolver uma nova capacidade. Como você pode adivinhar, pensamento, para ser frutífero, deve ser imediatamente seguido por uma ação correta, para adquirir um novo hábito melhor que o anterior. Enquanto esse objetivo não for conseguido, mesmo a autocrítica não passará de um pobre pensamento. Não importa o que for, o progresso não pode ser conseguido sem novas habilidades. Sem ação, todo o pensamento é inútil. Por isso, é

essencial habituar-se a agir, a transformar idéias em ações. Habilidades de todos os tipos podem ser desenvolvidas pela repetição. Esta regra de ouro pode se aplicada agora mesmo. Todos os planos, mesmo os mais simples, deveriam ser realizados imediatamente. Comece e persevere sem se deixar desanimar! Se isso se torna um hábito natural, o impossível torna-se possível, portas fechadas se abrem, como você descobrirá de várias maneiras.

O velho ditado, "Onde há vontade, há caminho", não é tão simples como parece, mas não o despreze como algo que não tem nada a ver com você. Tem a ver com todos nós.

TREINO DA MEMÓRIA - VITAL NA EDUCAÇÃO DO TALENTO

O programa de ensino da pré-escola da Educação do Talento é diferente dos demais jardins de infância. Procura-se receber crianças de pré-escola e transformá-las em seres humanos especiais. As crianças aprendem habilidades básicas que lhes servirão, mais tarde, no aprendizado de outras habilidades. Professores de alta sensibilidade artística e grandes qualidades de caráter ensinam caligrafia, desenho, conversação inglesa, etc. e tenho a esperança de que, na vivência com esses professores, as crianças inconscientemente absorverão parte de suas qualidades notáveis.

É admirável de ver que beleza e retidão de escrita essas crianças pré-escolares conseguem com só um pouco de treino. Faz também parte do programa uma exposição de arte e os quadros que nossas crianças produzem são excepcionais. Os números também não são esquecidos. São apenas dez, mas devemos usá-los durante toda nossa vida, e nós ensinamos às crianças para escrevê-los bonitos. É sempre espantoso o que as crianças conseguem. Sua pronúncia do inglês é exatamente igual à de seu professor americano. Eu as invejo, quando escuto. O mais importante, entretanto, é, a meu ver, a educação do talento da memória. A capacidade de memorizar é das mais importantes na vida e deve ser incutida profundamente.

No livro de Daisetsu Suzuki, "*O que é Zen?*" ele diz: "Uma das características da vida humana é a experiência. Essa é uma consequência da memória do homem. A memória é algo muito valioso, e o fato de poder utilizar pensamentos e idéias vem da memória. Só por ter memória é que a experiência é possível e, esta sendo possível, quantos caminhos de desenvolvimento lhe estão abertos... Com a memória como base, o homem tem experiência, e por causa da experiência, ele consegue pensar."

Como se vê, a memória é essencial; dependendo do treinamento, capacidade de memorizar melhora cada vez mais e o tempo necessário para memorizar fica cada vez mais curto. Consegue-se até memorizar imediatamente.

E uma vez que se aprendeu algo, não o esquecemos. A habilidade da memória pode ser adquirida por qualquer pessoa, se foi praticada corretamente.

Crianças com excelentes resultados escolares têm simplesmente uma memória bem desenvolvida e acredito que, crianças de pouco desempenho não adquiriram a habilidade da memória. Sobretudo, todas as crianças têm as mesmas possibilidades. Na nossa pré-escola, cultivamos a memória recitando os poemas (*haikus*) de Issa.

Desde 1949, a senhora Yano trabalha com novos métodos de educação para desenvolver habilidades e, cada dia, ela treina nossas crianças a decorar e recitar os conhecidos *haikus* de Issa. Acompanho esse trabalho há dezessete anos e observo que todas as crianças têm, depois, um excelente desempenho na escola primária.

Aqui uma parte do livro de exercícios da senhora Yano a respeito dos *haikus* de Issa.

Primeira fase: *haiku* 53, como por exemplo:

*Neve do inverno escorre,
Escorre, e pombas belas
Cantam sobre os galhos.*

*Neve do inverno escorre,
E a aldeia agora está cheia
Da alegria das crianças.*

Segunda fase: *haiku* 64:

*A pétala da flor,
Ouve como se abre;
Oh! este calor!*

*O gato pequeno, veja !
A folha de outono que cai
Tenta agarrar com a pata.*

Terceira fase: *haiku* 45:

*Com o risinho
Engatinha o menino,
Dois anos tem hoje.*

*Ah, minha velha cidade natal.
Os filhós que eles costumavam fazer,
E a neve na primavera, também !*

[nota: Os filhós = bolinhos doces fritos]

Crianças que, no início, não conseguiam gravar um único poema, nem após dez repetições, já na segunda fase conseguiam depois de quatro ou cinco repetições e na terceira fase, já na primeira vez.

Os *haikus* foram escolhidos por seu interesse, seu encanto poético, sua observação da natureza e de acordo com a estação do ano para facilitar o ensino. No final de cada fase de trabalho, todos os alunos recitam juntos os *haikus* aprendidos naquele período. Essa prática diária permite que as crianças consigam criar seus próprios *haikus* e transmitir as impressões de seu ambiente. Seguem alguns que anotamos:

*Quando acordei,
Uma lesma escorregava
Pela minha pia.*

*Ando de bicicleta
Com o peso rosa e leve
Das lindas flores de cerejeira.*

*No negro céu da noite,
Como brilham e luzem
As pequenas estrelas !*

*Cantam as rosinhas,
Enquanto meu papai
Descansa depois do almoço.*

*Cada dia mais altos
Crescem depressa os narcisos
Afinal, chegou a primavera !*

*No banheiro,
Passeando no peitoril
A lesminha do jardim.*

*Quando cada dia se acorda
Precisa fumar cachimbo
Querido velho vovô.*

*Dálias, grandes e redondas
Serão elas maiores que meu rosto ?
Não, elas não são.*

*Chuva, ah, chuva !
Nem posso sair
Saltar e brincar*

*Os filhos do pardal
Estendem seus sonhos
Pelo mar das lindas flores.*

Essas crianças não esqueceram sua habilidade poética e seus professores, no primário, me contam que muitas, vezes, elas acrescentam um haiku a seus desenhos.

Contei um pouco daquilo que procuro dar às crianças paralelamente às aulas de violino, pára desenvolver seu caráter.

Agora contarei algo sobre minhas práticas de violino.

ESTIMULAMOS AS CRIANÇAS A VER O TRABALHO COM PRAZER

Treinando mais os pais que a criança...

Embora aceitemos crianças muito pequenas, não deixamos que comecem logo a tocar violino. Primeiro, ensinamos à mãe a tocar uma peça, de tal maneira que ela possa ser uma boa professora em casa. Para a criança pedimos para ouvir, em casa, num disco, a peça que ela vai aprender. As crianças são, de fato educadas em casa. E então, para que possa ensinar uma boa postura e uma atitude correta em relação à prática, é indispensável que a mãe receba as informações de primeira mão. Disso depende toda a educação correta da criança. Até que a mãe saiba tocar uma peça, não deixamos a

criança tocar o violino. Esse princípio é muito importante de fato, porque, embora a mãe deseje que o filho o faça, uma criança de três ou quatro anos não está ainda com o desejo de aprender o violino. A idéia é que se consiga que a criança diga: "Eu também quero tocar"; para isso, a primeira peça é tocada cada dia em casa e, na escola, a criança vê como as outras crianças, e sua mãe, têm aula. Criamos assim um ambiente adequado para a criança. A mãe, além disso, tanto em casa como na escola, toca com um violino pequeno adequado para a criança. Vai acontecer o momento em que ela vai tirar o violino das mãos da mãe e dizer: "Eu também quero tocar". A melodia já é conhecida. As outras crianças têm seu prazer: ela quer participar. Desabrochamos nela esse desejo de tocar o instrumento.

ESTIMULAMOS A CRIANÇA A "BRINCAR" COM O VIOLINO

Quando essa situação está criada, as aulas começam da seguinte maneira. Primeiro, a mãe pergunta: "quer também tocar violino ?"

A resposta é "sim" !

"Vai praticar bastante ?"

"Sim"

"Muito bem; vamos pedir ao professor para deixar você participar na próxima vez".

Isso levará sempre ao sucesso desejado. E que emoção é sempre a primeira aula ! "Eu também toquei" se orgulha a criança. "Agora posso tocar com as outras crianças." Pais que compreendem as crianças são bons professores. Na escola há aulas individuais e aulas em grupo. Pais que não compreendem as crianças, pensam que eles pagam para as aulas individuais e que as aulas em grupo são apenas momentos de recreio. Assim, embora eles cuidem que os filhos não percam as aulas individuais, muitas vezes deixam de trazer as crianças às aulas em grupo. Mas a realidade é que a crianças gostam mais das aulas em grupo. Elas tocam junto com as crianças mais adiantadas e essa influência traz um enorme e maravilhoso benefício para o aprendizado delas. Isso é a verdadeira educação do talento.

O COMEÇO É JOGO, MAS O PRAZER LEVA AO PROGRESSO

"Meu filho não gosta de praticar em casa", queixam-se algumas mães. É porque elas não compreendem a mente da criança que acha que o violino é um brinquedo. Essas mães ficam aborrecidas por pagar caro por algo que a criança considera como apenas um brinquedo. Em outras palavras, elas fazem cálculos sobre educação e com essa atitude, elas desanimam os filhos. Começar dando às crianças o prazer de brincar com um brinquedo, deixando o espírito de divertimento levá-las pelo caminho certo - é assim que deveria iniciar toda a educação das crianças.

Hitomi Kasuya tinha três anos e tocava três horas de violino todos os dias. Muito vão pensar: como uma criança de três anos consegue isso? A mãe de Hitomi tinha comprado para ela um violino em vez de uma boneca e deixava, como fundo musical, um disco com a peça a ser estudada. Hitomi brincava com o violino, o dia todo, como se fosse um brinquedo. Sua mãe, de vez em quando, lhe mostrava a maneira correta de tocar, seguindo nossa orientação, deixando Hitomi pensar que ela participava de um jogo com ela. Essa é a melhor forma de educação. O que importa é o resultado: que a criança adquira uma habilidade. Se você é formal e severo e tem a atitude "isso - é - educação", você vai imediatamente atrapalhar a criança. Primeiro, você deve educar o espírito, e, depois, desenvolver a habilidade. Esse é o método correto e natural. Hitomi Kasuya fez progresso rapidamente com esse método, e em 1964, quando tinha cinco anos, ela pegou seu pequeno violino e nos acompanhou à América.

CINCO MINUTOS CONTRA TRÊS HORAS POR DIA

Em contraste com crianças que não gostam de praticar em casa, há muitos exemplos de crianças para quem o estudo do violino é um momento natural do dia, graças à orientação sensata das mães.

Um ano, num curso de verão, observei uma criança de seis anos tocando o Concerto de Vivaldi em belo estilo e tom. Perguntei à mãe há quanto tempo ela já tocava.

"Um ano e meio".

"Como ela toca bem! Quanto tempo ela pratica por dia?"

"Mais ou menos três horas"

Era o que eu pensava. Quando uma criança pratica bem, pode-se sentir na sua maneira de tocar. Você pode notar isso imediatamente. O caminho para adquirir uma habilidade é praticar de acordo com o método correto e praticar o mais possível. Se acreditamos neste princípio, podemos desenvolver habilidades superiores sem falha, sem fracasso. A diferença entre alguém que pratica cinco minutos por dia e alguém que pratica três horas por dia é imensa, embora ambos pratiquem cada dia. Quem não pratica o suficiente, não pode adquirir habilidades. Somente o esforço que realmente assumimos traz resultados. Não existe atalhos. Se alguém que pratica três horas ao dia consegue um resultado em três meses, um outro, que pratica cinco minutos por dia precisará, para ter o mesmo resultado, de nove meses. Não há motivo para ser diferente. Hitomi Kasuya, Toshiya Eto, Koji Toyoda e Kenji Kobayashi, todos eles praticavam três horas por dia e mais.

UM MÉTODO SEGURO PARA DESENVOLVER HABILIDADES

Se alguém se queixa: "Mas eu pratiquei cinco anos", isso não significa nada. Depende de quanto ele praticou por dia. "Gastei cinco anos nisso", alguém diz. Mas cinco minutos por dia em cinco anos não são mais do que 150 horas. Seria melhor que essa pessoa dissesse logo "Pratiquei 150 horas e ainda não melhorei". Isso já explica melhor e ninguém se espanta de seu resultado. Pôr seu talento lá em cima numa prateleira e dizer que nasceu sem ele é pura bobagem.

O desenvolvimento da habilidade é honesto, simples. Podemos confiar nisso. As pessoas ficam ou especialistas fazendo as coisas certas, e são considerados com grande talento, ou ficam especialistas fazendo as coisas erradas e inaceitáveis, o que é considerado como falta de talento. Então compete a cada um ficar especialista nas coisas certas e quando mais treinamento se recebe, melhor será. Dependendo desses dois pontos - prática e prática nas coisas certas - qualquer habilidade superior pode se desenvolver em cada um de nós. Durante vinte anos observei com meus próprios olhos a educação de milhares de crianças, assim como as excelências e as falhas de seus pais e professores, e posso declarar, sem hesitação, que tudo isso é verdade.

A primeira peça que as crianças aprendem conosco são as variações de "Twinkle, Twinkle, Little Star" ("Estrelinhas"). Depois de ter ouvido diariamente em casa o disco com a peça de música, só então elas começam a tocá-la. As aulas são dadas com muito cuidado. Depois delas terem aprendido o dedilhado, nós dizemos: "Bem, agora vamos aprender como podemos tocar essa peça com beleza." Esse é um passo muito importante que visa à melhoria de qualidade. Esse é o começo das lições nas quais nós já nos preocupamos com a produção da melhor qualidade do tom, movimentos mais elegantes, precisão maior e melhor sensibilidade musical. Essa peça é então utilizada como material de ensino para a educação do talento. E cada criança, sem exceção, aprende a tocá-la lindamente. Devagar, seu tom melhora, os movimentos tornam-se livres e delicados, e elas se tornam bons músicos. Assim se desenvolve o talento.

Creio, com firmeza, que toda criança pode adquirir capacidades superiores, e essa minha fé nunca foi decepcionada. É minha vontade firme conseguir que cada criança se torne excelente e, se por acaso isso não acontecer, eu considero isso como um fracasso pessoal imperdoável. Eu mesmo testo as crianças para saber o quanto já adquiriram das habilidades ensinadas. Para testar, faço brincadeiras com as crianças.

QUANTAS PERNAS VOCÊ TEM ?

Quando as crianças já conseguem tocar facilmente e livremente as variações de "Estrelinhas", peço que elas toquem e convidado-as para uma brincadeira. Digo: "Agora vocês tocam e, ao mesmo tempo, respondam às minhas perguntas, falem alto e continuem tocando !" Então, pergunto alto: "Quantas pernas você tem?" Elas acham isso muito engraçado e gritam todas bem alto: "Duas". Quando elas podem responder sem parar de tocar perfeitamente, então sei que essa capacidade está bem firmada, já se tornou uma segunda natureza. Se há, entre elas, uma criança para a qual tocar violino ainda não se tornou uma segunda natureza, então vai estar tão ocupada com seu desempenho que não vai responder ou, se responder, vai parar de tocar. Faço muitas perguntas e elas respondem, enquanto executam a música. Com um sorriso encantador, elas adquiriram a capacidade de participar das minhas brincadeiras enquanto continuam tocando violino. Sem exceção, toda a criança consegue isso, da mesma maneira que conseguimos realizar uma porção de coisas, enquanto falamos a língua materna, já que isso faz parte de nossa segunda natureza. Com o violino, é a mesma coisa.

Tenho ainda outras brincadeiras que uso freqüentemente para testar o grau de controle já alcançado pelas crianças e para ver como estão indo nas suas capacidades intuitivas. Testo esses jogos com dez ou quinze crianças de vez, ou, quando tem espaço, com quarenta ou cinquenta. Noutras brincadeiras, começo uma das peças por meio de mímica, com as mãos vazias. Depois que fiz isso só uma vez, digo: "Agora, pronto, já !" Tendo observado cuidadosamente meus movimentos, elas tocam a peça em conjunto. Assim, nós as ensinamos e serem rápidas, atentas e melhoramos sua riqueza de intuição.

As brincadeiras se modificam com o progresso das crianças, mas o motivo permanece o mesmo: testar a capacidade intuitiva da crianças e aumentar suas habilidades. Se essa capacidade real e essa força vital da intuição se desenvolveram tanto que se tornam uma segunda natureza, a criança notará que isso lhe ajuda também a obter outras habilidades maiores em todas as suas atividades diárias.

ESPANTAMOS O MUNDO

Mais de vinte anos já passaram, desde que começamos a Educação do Talento do violino para crianças pequenas. Agora, no Japão, crianças a partir de três ou quatro anos, com a ajuda de seus pequeninos violinos, desenvolvem alta sensibilidade e nobreza de espírito através da música de Bach e Mozart. Mais de duzentas mil crianças já fizeram esse curso. Em nenhuma parte do mundo foi realizado algo igual. Padre Candéau, um católico que morreu em 1953, ficou muito comovido com um Concerto no Ginásio de Tóquio, no

qual participaram mil crianças e disse: "Um milagre aconteceu !"

Hoje, pessoas do mundo inteiro mostram grande interesse e espanto com o que acontece no Japão.

A VERDADEIRA FACE DA JUVENTUDE

Georges Duhamel (1884-1966) era não somente poeta mas também dramaturgo, romancista e crítico, como também um dos mais afamados representantes da vida literária na França. Em 1953, oito anos após o início do movimento da Educação do Talento, ele visitou o Japão e ouviu uma apresentação de violino das crianças da secção de Nagoya, regida pelo Prof. Nishizaki. Depois desse concerto das crianças, Duhamel escreveu um artigo intitulado "Infância Ideal" cujos pontos essenciais são os seguintes:

Se eu tivesse de dar um conselho aos que viajam ao Japão e a aqueles que tentam criticar o Japão, a primeira coisa que eu diria é: Vá a Nagoya ! Por quê? Porque foi lá que achei algo espantoso. Após um almoço no restaurante Asahi Kaikan, de Nagoya, ouvi trinta crianças tocando violinos em conjunto. Quando a princípio vi esses meninos e meninas de seis a dez anos chegando com seus minúsculos violinos, pensei que fosse alguma brincadeira de crianças. Mas, sob a direção de um jovem maestro, elas apresentaram um Concerto de Vivaldi. E, na verdade, que apresentação magnífica que era ! Fiquei mais que comovido, fiquei encantado.

Essa, com certeza, foi a manifestação ideal da infância. Para dizer a verdade, nunca tinha visto antes, na minha vida, crianças com uma técnica musical tão bonita.

As crianças tocaram Bach com uma expressão inocente no rosto, mas conseguiram dar a essa música polifônica toda a sua precisão e distinção. Era uma façanha difícil, mas as crianças a realizaram magistralmente. Depois, tocou o melhor deles, uma menina delicada, mostrando seu fogo artístico e estilo extraordinário numa peça de Mozart, que não era fácil nem para violinista de grande experiência, e ela a tocou com precisão e beleza. Além disso, só na cidade de Nagoya, há algumas centenas desses pequenos violinistas que conseguem tocar difícil música polifônica.

Como viajante da Europa ocidental, achei extraordinária essa apresentação de talento precoce nessas crianças, mas ao mesmo tempo, lembrei-me do forte senso de tradição que vive no coração do povo japonês. Mesmo com a desvantagem de ser oriental, e japonês, essas crianças foram treinadas a um tal nível que só as melhores crianças européias conseguem. Para mim, o Japão é o Extremo Ocidente e não o Extremo Oriente. Posso dizer sem hesitar que os Japoneses, entre os povos do Oriente, são a mais Européia raça.

TAMBÉM CASALS CHOROU

Em 1961, oito anos depois da visita de Duhamel, no dia 16 de abril, às dez horas, no palco do Hall Bunkyo, em Tóquio, havia quatrocentos crianças de cinco a doze anos, com seus pequenos violinos debaixo do braço, em perfeitas filas. As crianças aguardavam um dos maiores violoncelista do século vinte, Pablo Casals. O carro do grande mestre chegou à porta do Hall aos dois para dez. E às dez em ponto, o Mestre e a Sra. Casals entraram no hall, sendo recebidos com aplausos cheios de entusiasmo pelos pais das crianças e pelos professores do movimento da Educação do Talento. Logo que ele entrou e viu as quatrocentos crianças em fila no palco, ele disse: "Oh..oh", muito emocionado e junto com a esposa, acenaram para as crianças e se sentaram. No mesmo instante, as crianças começaram a tocar em uníssono, as variações das "Estrelinhas", numa apresentação de grande vivacidade. O mestre seguiu a apresentação muito emocionado repetindo "Oh...oh." Quando as crianças tocaram o Concerto de Vivaldi e o Concerto de Bach para dois violinos, sua emoção atingiu o ponto máximo. Pablo Casals chorou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e sua boca tremia de emoção. E quando quinze ou dezesseis crianças, que tiveram aulas de violoncelo com Yoshi Sato, um aluno de Casals, tocaram o "Cisne" de Saint-Saëns e o "Bourrée" de Bach, a grande emoção do mestre não teve limites.

No final da apresentação das crianças, fui até Casals para agradecer a sua presença, mas, antes de eu conseguir falar, ele me abraçou e, em silêncio, chorou no meu ombro. Quantas vezes eu mesmo havia chorado diante dessa manifestação bonita, inocente da força de vida interior das crianças! Agora o grande mestre de setenta e cinco anos emudeceu nesse momento sublime, perante a manifestação dessa força da vida. O Sr. e a Sra. Casals subiram então no palco, acariciando as crianças enquanto se dirigiam para o centro do palco, onde se havia colocado cadeiras para eles. Com as mãos cheias de flores que lhes ofereceram as crianças, eles se sentaram. Cercado dessas queridas crianças japoneses, e com uma voz cheia de emoção, o mestre falou no microfone:

Senhoras e senhores, estou participando de uma das cenas mais comoventes que é possível vivenciar. O que contemplamos aqui tem um significado muito maior do que possa parecer. Não acredito que, em algum outro país do mundo, possamos sentir um tal espírito de fraternidade e cordialidade, se manifestando de forma tão completa. Em cada instante que eu tive o privilégio de viver neste país, sinto a presença do coração e do anseio por um mundo melhor. Isto foi o que me impressionou mais neste país. O desejo superlativo pelo melhor da vida e quão maravilhoso é de ver que os adultos pensam nos pequenos, como estes, procurando dar-lhes, desde o início, sentimentos nobres e ações nobres. E uma dessas preocupações, a música. Dar às crianças uma educação musical, fazendo compreender que

música não é só som para dançar e ter pequeno prazer, mas que música é uma coisa tão importante na vida que possa talvez trazer a salvação para a humanidade, o mundo.

Agora, não apenas felicito vocês, professores, pais, mas quero dizer: minha profunda admiração, meu profundo respeito e meus mais cordiais e calorosos parabéns. O que, além disso, quero ainda dizer é que os japoneses são um grande povo, não apenas por suas realizações industriais, científicas, artísticas, mas o Japão é, eu diria, o coração do coração e é disso que a humanidade precisa antes de tudo, antes de tudo mesmo.

A EDUCAÇÃO DO TALENTO CHEGA À AMÉRICA DO NORTE

Antes que eu me desse conta, o movimento da Educação do Talento tornou-se uma sensação na América, onde ele é agora cada vez mais aceito em círculos cada vez maiores e até em escalas maiores que no Japão. Dez anos antes de eu ouvir falar do Sr. Mochisuki, que era Cônsul Geral do Japão em Nova York, ele já conhecia a Educação do Talento, desde o tempo que ele esteve na Escola de Oberlin (Ohio). Ele decidiu espalhar as sementes desse movimento na América e me escreveu a respeito. Consegui uma cópia de um filme de sete minutos que havia sido feito num dos concertos anuais em Tóquio e no qual as crianças tocavam o Concerto Duplo de Bach. Com o apoio do Professor Cook, ele mostrou o filme na Escola de Oberlin. Essa foi a centelha que iniciou o movimento da Educação do Talento na América. Os primeiros que transformaram essa chama em ação foram o Professor Kendall do Departamento de Música da Escola Muskingum (Ohio) e o Professor Clifford Cook de Oberlin. Em 1959, o Prof. Kendall veio para uma viagem de conhecimento e de observação ao Japão e passou também um mês em Matsumoto. Voltando aos Estados Unidos, ele introduziu meu método para violino e fez conferências em todo o país para disseminar o método de Educação do Talento. Mais tarde, o Prof. Cook veio ao Japão, ficando um tempo mais longo, para realizar uma pesquisa. Hoje muitos jovens alunos foram iniciados com sucesso na Oficina de Educação do Talento, da Escola de Oberlin.

Em 1961, o Sr. Mochizuki me escreveu: "Agora vou fazer todos os esforços para trazê-lo aos Estados Unidos"

CONCERTOS E CONFERÊNCIAS EM 16 CIDADES

Nos Estados Unidos, antigamente, imaginava-se que as crianças, antes dos oito ou nove anos, não tinham nem desejo nem capacidade de tocar violino. Então imagine o espanto que causou ver com seus próprios olhos oitocentas crianças japoneses, algumas entre três e cinco anos, tocando o

diffícil Concerto Duplo de Bach. Em 1965, nosso concerto anual de cordas do Japão (All-Japan String Concert) foi visto na televisão da Europa. Koji Toyoda escreveu de Berlim que aqueles que viram a apresentação das oitocentas crianças na televisão "ficaram espantados e não conseguiam acreditar que poderia ser real"

Em 1964, viajamos com um grupo de dezenove participantes através dos Estados Unidos, dando concertos e conferências. Os dez alunos que tocavam tinham de cinco a treze anos. O convite para essa viagem veio da Associação dos Professores de Cordas da América. Passamos duas semanas na América, viajando por todo o país. Visitamos universidades em dezesseis cidades e demos vinte seis concertos e conferências. Estivemos sempre a caminho. As crianças que me acompanhavam vinham das prefeituras de Nagano e Aichi e também de Tóquio. Elas não foram escolhidas por suas características musicais, mas simplesmente porque, no momento, estavam disponíveis para viajar. Eu tinha planejado praticar com elas durante a viagem, mas não houve tempo para isso. Assim foi que as crianças que nunca tinham se encontrado antes tiveram que tocar juntas sem um único ensaio em conjunto. Todos os concertos noturnos foram televisados e tivemos um sucesso estrondoso na América.

O primeiro concerto, na Universidade de Washington, pareceu mais um ensaio, mas, à medida que se seguiam concertos sobre concertos, a apresentação ficava cada vez mais brilhante. Logo depois do começo de cada concerto, os ouvintes procuravam lenços para enxugar os olhos e, depois dos concertos, vinham correndo para atrás do palco; cada mãe com seus filhos tinha lágrimas nos olhos.

"LEGIÕES INFANTIS"

Sob esse título, o "Newsweek", de 25 de Março de 1964, trouxe o seguinte artigo sobre os concertos das crianças japonesas na América:

Num almoço, na semana passada, a pequena Asako Hata de sete anos, fez escorregar um cubo de gelo nas costas de sua vizinha de mesa e as crianças, na mesa comprida, caíram alegremente no riso. Quarenta minutos mais tarde, Asako estava no palco da imponente Escola Superior de Música Julliard de Nova York e se curvava timidamente depois de tocar uma Sonata difícil de Veracini, agradecendo os aplausos do público. O solo foi o clímax de uma apresentação que foi logo impressionante e absurda, onde dez pequenas crianças japonesas, entre cinco e quatorze anos, tocavam Bach e Vivaldi e recebiam os "bravos" de um público seletivo de estudantes e professores da Escola Superior Julliard. Mesmo que os aplausos também tivessem uma tintura de sentimentalismo (quando o Professor Shinichi Suzuki subiu no

palco e afinou o violino 1/4 de um menino de cinco anos, a assistência suspirou) foram inteiramente merecidos. "É extraordinário!" disse o Professor Ivan Galamian, que ensina violino na Escola Julliard, "eles mostram um técnica notável e uma sensibilidade fantástica para o ritmo e o fluxo da música."

As crianças que tocavam sem regente e sem partituras, foram uma prova viva do acerto do método não ortodoxo do Professor Suzuki. Ele começa com as crianças de três anos, mas as primeiras aulas são para as mães. Elas vêm, uma vez por semana, para a aula trazendo a criança e, normalmente, após três meses, já progrediram para a música "Estrelinha". "Por esse tempo", declara Suzuki, cuja mistura de inglês com alemão é tão expressiva como seu rosto, "a criança já observou bem a mãe e quer imitá-la." Só então é que se dá à criança um minúsculo violino. Com a constante audição de discos clássicos e com a ajuda de muitíssimas repetições, a criança consegue, em cerca de um ano, tocar Gavottes simples de Bach. As cento e cinquenta mil crianças que aprenderam com o método Suzuki, nos últimos trinta anos, estão longe de serem robôs. Elas unem virtuosidade com sentimento e com tal felicidade que, numa apresentação em Tóquio, Pablo Casals, gritando "bravos", subiu ao palco para abraçar as crianças.

Sensibilidade

Embora cerca de cinco por cento dos alunos de Suzuki continuem uma carreira musical, o Prof. Suzuki, de 65 anos, esclarece: "eu só quero formar bons cidadãos. Se uma criança ouve boa música desde o dia de seu nascimento e também aprende a tocar, desenvolve sensibilidade, disciplina e perseverança. Conquista, assim um bom coração." Pensativo, Suzuki vai enrolando uns bomboms para suas crianças. "Se as nações trabalharem juntas na educação de boas crianças, talvez nunca mais tenhamos guerra".

Suzuki conseguiu mais do que uma abrangente transformação do ensino de violino no Japão. O Professor Clifford Cook, da Escola de Oberlin, diz: "O que Suzuki realizou para as crianças pequenas lhe dá um lugar entre os benfeitores da humanidade, ao lado de Albert Schweitzer, Casals e Tom Dooley"

POSFÁCIO

MEU SONHO PARA A FELICIDADE DE TODOS

Eu tenho respeito e sentimento de amizade por todas as pessoas. Principalmente, não consigo deixar de sentir consideração e amizade pelas crianças pequenas. Meu coração está cheio do desejo de ajudar, para que todas as crianças nascidas nesta terra se desenvolvam para serem pessoas boas e felizes, pessoas de habilidade superior. Eu dediquei minha vida e toda

minha força de ação a este objetivo, porque a minha descoberta foi que toda criança, sem exceção, nasce com esse potencial.

Muitas pessoas declaram que eu busco o impossível e esbanjo minha força de ação. Mas creio que o que imaginei é realizável e creio também que a humanidade vai, pela primeira vez, criar um mundo no qual todos vão reconhecer que as crianças realmente têm essas capacidades. Por esse motivo, lancei, nas Nações Unidas, depois de Casals ter falado em prol da paz, um apelo para que os dirigentes das nações fizessem alguma coisa nesse sentido. No momento, eu estou tentando que meus métodos de Educação do Talento sejam aplicados em todos os campos da vida. Estou tentando achar dirigentes de ensino acolhedores que apliquem métodos de educação que levem todas as crianças, sem exceção, a serem bem sucedidas. Além disso, eu me esforço para fazer algo pelas crianças excepcionais e procuro convencer os dirigentes da necessidade de adotar políticas que levem as crianças em consideração.

PROCURO TRANSFORMAR MEU SONHO EM REALIDADE

Se o mundo afinal vivesse de acordo com os Princípios da Declaração Universal dos Direitos da Criança (ONU), na qual está estabelecido que todas as crianças devem ser cuidadas, então meu sonho não seria só um sonho. Esse objetivo é de suma importância para todos nós no mundo.

Precisamos de uma real Declaração dos Direitos da Criança que garanta a toda criança nascida o cuidado e a proteção. Esse foi o meu mais íntimo desejo quando comecei com a Educação do Talento. Para muitos bebês que poderiam ter sido educados, faltaram os meios econômicos, mas, também, muitíssimos insucessos são devidos a métodos falhos no ensino. Evitar isso deveria ser um dos encargos do estado.

Assim como um policial tem uma região pelo qual é responsável, assim o estado deveria treinar assistentes sociais para crianças pequenas e colocá-las no país todo, dando-lhes a responsabilidade de treinar as crianças de todas as casas. O estado não deveria poupar esforços para educar crianças pré-escolares em linhas corretas.

Creio que os leitores deste livro sentiram que seres extraordinários as crianças podem se tornar, dependendo de como elas foram guiadas enquanto bebês. O velho ditado japonês: "O que alguém é aos três anos vai ser ainda aos cem" não deve mais ser aplicado às crianças pelas pessoas responsáveis. Uma criança de três anos, em outras palavras, uma criancinha, encontra-se justamente num estado de evolução em que sua personalidade se forma e suas habilidades se desenvolvem. Portanto, estou convencido que esse é o momento crítico no qual as capacidades de uma criança podem ser facilmente perdidas ou deturpadas. Justamente nesse momento, uma criança deve ser

tratada com infinito cuidado e o Estado deveria reconhecer a importância deste projeto a longo prazo para o futuro do país.

NÃO AMANHÃ, MAS JÁ COMECE HOJE

As pessoas de hoje são como jardineiros que olham com tristeza e balançam a cabeça para sua muda que não cresceu e dizem que a semente deve ter sido má. Não consideram que a semente vingou, mas que a maneira de cuidar é que estava errada. Ficam firmes na maneira errada e deixam que planta após planta feneça. É de urgência que a humanidade saia desse círculo infernal. Quanto antes a humanidade descobrir seu erro, melhor será. Quando mais profunda for a transformação, mais perto o homem estará da felicidade.

Eu também sou uma dessas pessoas cuja infância foi danificada por um tipo errado de educação. Várias pessoas podem dizer a mesma coisa. Tentei remediar isso e desde minha juventude, tento com todas minhas forças melhorar a mim-mesmo.

Espero sinceramente que os leitores desse livro possam reconhecer de tudo o que eu disse, que não há para ninguém um motivo de desespero. Nós todos nascemos com grandes possibilidades e potencialidades, e, se trabalharmos duro sobre nós mesmos, podemos tornar-nos pessoas especiais com novos talentos e habilidades.

Se você realmente entendeu minha mensagem, você não vai-se permitir adiar para amanhã, mas vai transformá-la em ação imediatamente, hoje ainda, e verificar, logo mais, que a sua vida será mais feliz.

É meu desejo sincero que isso se torne uma realidade para todos.



O AUTOR

Shinichi Suzuki, nascido em Nagoya, Japão, é filho do fundador da maior fábrica de violinos do mundo. Após completar seus estudos em Tóquio, ele foi a Berlim, onde estudou durante oito anos com Karl Klingler. Em 1928 voltou ao Japão com sua esposa Waltraud, para dar concertos e para lecionar. Depois de fundar o Quarteto Suzuki com três de seus irmãos, ele descobriu a grande capacidade de aprendizagem das crianças pequenas e inaugurou seu famoso Instituto de Pesquisa da Educação do Talento, agora conhecido em todo o mundo. Seu método impressionou tão profundamente o Professor Clifford Cook que ele o introduziu no Conservatório da Faculdade de Oberlin (Oberlin College Conservatory).

SHINICHI SUZUKI